ÉPOCA



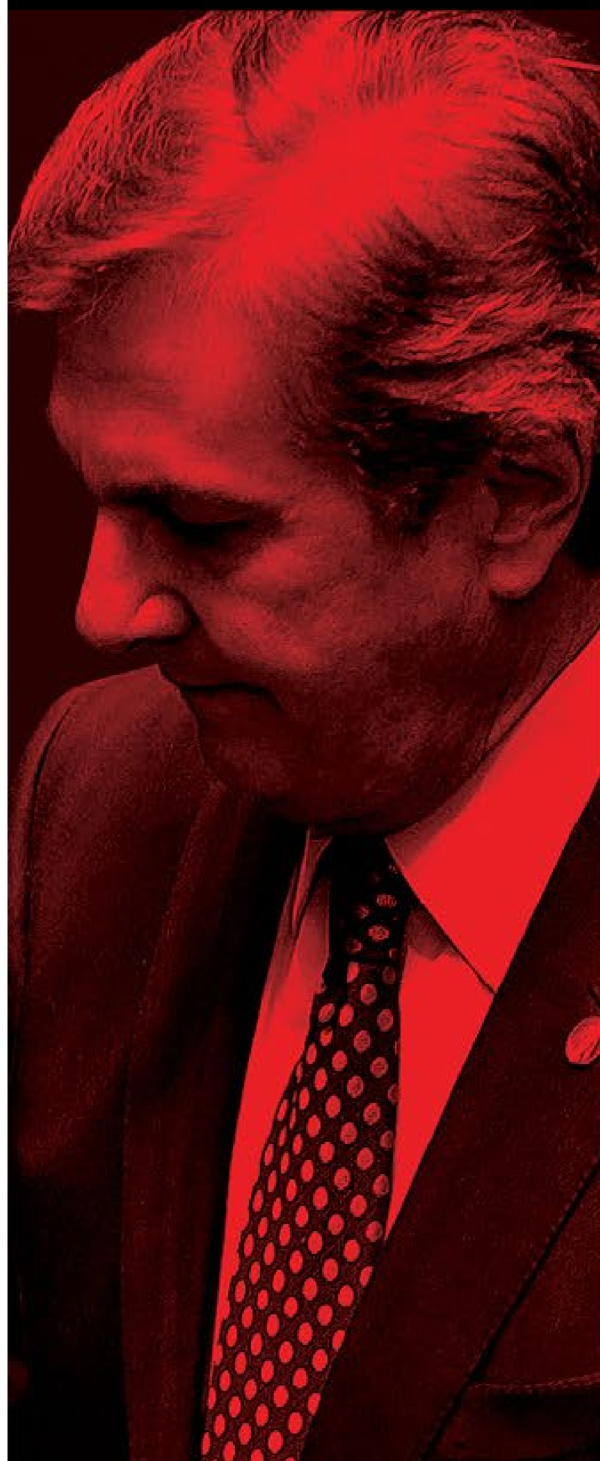
EDITORA GLOBO

www.epoca.com.br

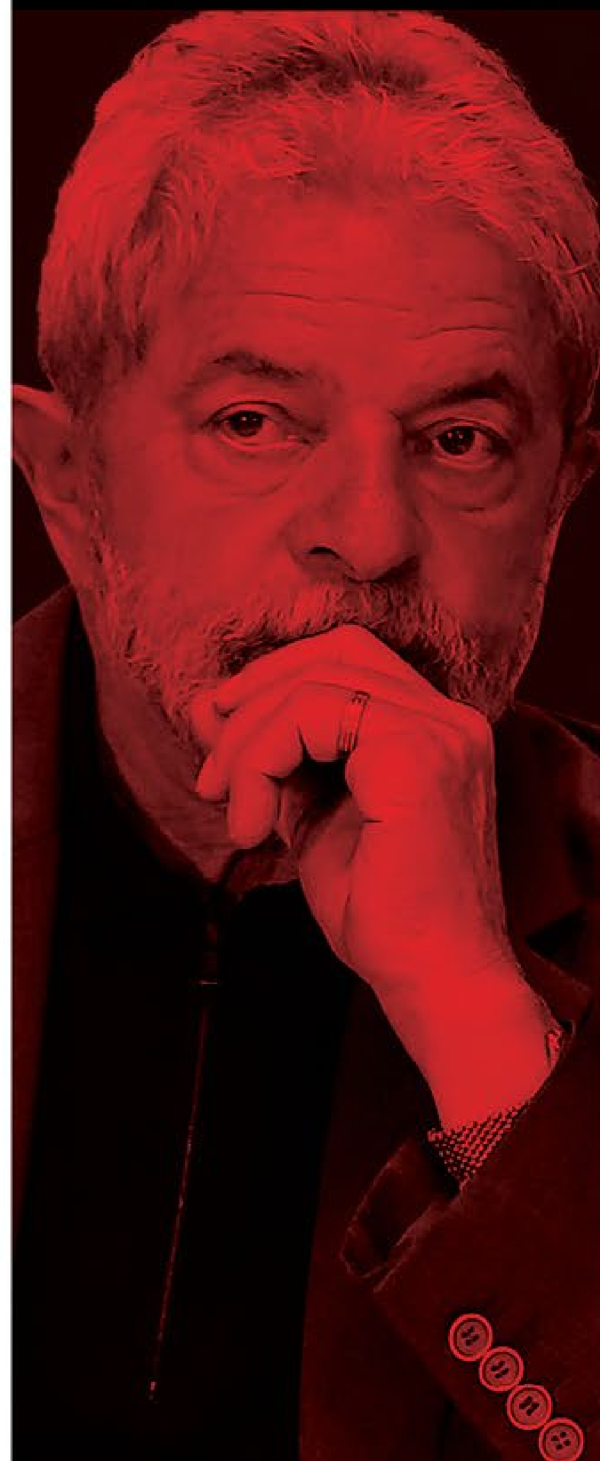
NINGUÉM ESTÁ ACIMA DA LEI



As provas contra **Fernando Collor** e outros congressistas



O Ministério Público abre investigação criminal contra **Lula**



Delator acusa **Eduardo Cunha** de pedir propina de US$ 5 milhões



A engenharia alemã é reconhecidamente a melhor combinação de tecnologia e qualidade.

Por uma razão simples e pragmática como todo bom alemão: qualidade e tecnologia geram produtos melhores.

E produtos melhores duram mais.
Valem mais.

É o famoso jeitinho alemão de aplicar perfeccionismo em tudo.

O jeito que a Volkswagen, a montadora que conhece este País como nenhuma outra, trouxe para cá: a tecnologia e a qualidade do melhor da engenharia automotiva alemã com a vantagem de caber no bolso de milhões de brasileiros.

Mesmo num momento difícil como este, é possível que você avalie trocar de carro.

Sabemos, a compra de um carro nunca é momento de arriscar. Ainda mais agora.
É hora de fazer seu dinheiro valer mais.

Porque além das condições convidativas atuais, se você investir em tecnologia e qualidade, seu dinheiro valerá mais.
E por mais tempo.

No caso de um Volkswagen, seu dinheiro vale por mais tempo porque você vai economizar combustível, vai economizar com oficina, com os três anos de garantia total e com uma maior remuneração numa eventual revenda.

Vale porque um Volkswagen tem inovações exclusivas em suas categorias, como o side assist, o sensor de fadiga, o sistema Infotainment e os motores TSI.

Não é hora de gastar.
É hora de comprar o que vale.

E aqui, na Volkswagen, tecnologia, qualidade e respeito pelo seu dinheiro é o que vale.





Das Auto.

A Qualicorp nasceu ideia muito à frente

É tão nova que mui o que fazemos até

A história da Qualicorp é uma história de inovação. Uma ideia que transformou o mercado dos planos de saúde do Brasil. Em 1997, a Qualicorp trouxe para milhões de brasileiros a chance de ter um plano coletivo de qualidade a preços baixos. E, mais do que isso, se tornou uma defensora dos interesses do cliente. 18 anos depois a Qualicorp continua com a mesma inquietação e o espírito inovador de uma start-up. Pensando à frente do seu tempo e se reinventando todos os dias. Pronta para contribuir para a próxima evolução no mercado dos planos de saúde.

em 1997 com uma
do seu tempo.

ta gente não entende
hoje.



Qualicorp

Sempre do seu lado.

SUMÁRIO

EDIÇÃO 893 | 20 DE JULHO DE 2015





DIRETOR GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE Alexandre Barsotti
DIRETOR DE MERCADO LEITOR Luciano Touguinha de Castro

ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima **epocadir@edglobo.com.br**
Editor-Chefe: Diego Escosteguy
Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas
Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Marcos Coronato
Editor-Colunista: Bruno Astuto
Editores: Aline Ribeiro, Bruno Ferrari, Danilo Venticinque, Flávia Yuri Oshima, João Luiz Vieira, Marcela Buscato, Marcelo Moura, Rodrigo Turrer
Repórteres Especiais: Cristiane Segatto, José Fucs
Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Jairo Bouer, Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyr Carrasco
Repórteres: Flávia Tavares, Graziele Oliveira, Júlia Azevedo Korte, Leopoldo Mateus, Marcelo Sperandio, Nina Finco, Pedro Marcondes de Moura, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa, Thais Lazzeri, Vinicius Gorczeski
Estagiários: Ana Helena Rodrigues, Ariane Teresa de Freitas, Felipe Hideki Yatabe, Gabriel Lellis, Gabriela Varella, Harumi Visconti, Igor Utsumi, Patricia Peres
SUCURSAIS | RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br
Praça Floriano, 19 – 8º andar – Centro – CEP 20031-050
Diretora: Cristina Grillo; **Repórteres:** Acyr Méra Júnior, Daniela Barbi, Marcelo Bortoloti, Sergio Garcia; **Repórteres Especiais:** Hudson Corrêa, Raphael Gomide; Samantha Lima
Estagiária: Lívia Cunto Salles | **BRASÍLIA: epocasuc_bsb@edglobo.com.br**
SRTVS 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand – Bloco 2 – Salas 701/716 – Asa Sul
Diretor: Luiz Alberto Weber; **Editor:** Leandro Loyola;
Repórteres: Filipe Coutinho, Murilo Ramos, Thiago Bronzatto
FOTOGRAFIA | **Editor:** André Sarmento; **Assistente:** Sidinei Lopes
DESIGN E INFOGRAFIA | **Editor:** Daniel Pastori; **Editora Assistente:** Aline Chica
Designers: Alyne Tanin, Daniel Graf, Renato Tanigawa;
Editor de Infografia: Marco Vergotti; **Infografistas:** Luiz C.D. Salomão
SECRETARIA EDITORIAL | **Coordenador:** Marco Antonio Rangel
REVISÃO | **Coordenadora:** Araci dos Reis Galvão de França; **Revisores:** Alice Rejaili Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Verginia Helena Costa Rodrigues
ÉPOCA ONLINE | **epocaonline@edglobo.com.br**
Editora: Liuca Yonaha; **Editora Assistente:** Isabela Kiesel;
Repórteres: Bruno Calixto, Marina Ribeiro, Rafael Ciscati; **Vídeo:** Pedro Schimidt;
Web Designer: Giovana Tarakdjian; **Estagiária:** Marina Salles Teixeira
CARTAS À REDAÇÃO: Nathalia Bianco **epoca@edglobo.com.br**;
Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno; **Assistentes:** Nathália Machado Garcia, Victória Miwa; **Pesquisa:** CEDOC/Globopress;
INOVAÇÃO DIGITAL: Diretor de Inovação Digital: Alexandre Maron;
Gerente de Estratégia de Conteúdo Digital: Silvia Balieiro;
Gerente de Tecnologia Digital: Carlos Eduardo Cruz; **Gerente de Interfaces Digitais:** Valter Bicudo; **Designers:** Janaina Torres, Sheyla Amaral; Esley Henrique e Marcella Maia *(estagiários)* **Desenvolvedores:** Bruno Agutoli, Everton Ribeiro, Jeferson Mendonça, Leonardo Turbiani, Marcio Esposito, Tcha-Tcho, Victor Hugo Oliveira da Silva

MERCADO ANUNCIANTE: Diretoria de negócios multiplataforma: Emiliano Morad Hansenn, Marcia Soter; **Executivos de negócios multiplataforma:** Fabio Ferri, Cristiane Paggi, Selma Pina, Ciro Hashimoto, Ana Silvia Costa, Milton Luiz Abrantes; **Gerente de negócios multiplataforma Pequenas e médias agências e Grupo Casa, Galileu e Monet:** Sandra Melo; **Executivos de negócios multiplataforma Grupo Casa, Galileu e Monet:** Ana Silvia Costa, Marco Antônio Costa Gandares, Milton Luiz Abrantes, Cristiane Nogueira, Valquiria Blasioli Leite, Keila Ferrini; **Gerente multiplataforma Pequenas & Médias Agências e Grupo Moda:** Andreia Santamaria; **Executivos de negócios multiplataforma Moda:** Eliana Lima Fagundes, Neusi Maria Brigano, Rosa Maria Martini Barreira; **Gerente de negócios multiplataforma Marie Claire:** Graziela Daiuto; **Diretora de Negócios Digitais:** Renata Simões de Oliveira; **Executivos de negócios digitais:** Andressa Bonfim, Lilian Ramos Jardim, Bianca Ramos Piovezana; **Consultora de marcas EGCN:** Olivia Cipolla Bolonha; **Diretor de negócios multiplataforma Regional, PEGN, AE, GR e Época Negócios:** Renato Augusto Siniscalco; **Executivos de negócios multiplataforma:** Andressa Aguiar, Diego Fabiano; **Gerente multiplataforma:** Sandra Regina de Melo Pepe; **Executiva multiplataforma:** Alexandra Caridade Azevedo; **Diretor de negócios multiplataforma sucursais RJ e BSB:** Ricardo Rodrigues; **Gerente de negócios multiplataforma RJ:** Rogério Pereira Ponce de Leon; **Executivos de negócios multiplataforma RJ:** Andrea Muniz, Daniela Lopes, Maria Cristina Machado, Katia Correia, Pedro Paulo Rios, Suellen de Aguiar; **Gerente de negócios multiplataforma BSB:** Fernanda Requena; **Executivas de negócios multiplataforma:** Barbara Costa, Camila Amaral; **Diretor Estúdio Globo:** Rafael Kenski; **Gerente:** Eduardo Watanabe; **Gerente de eventos:** Daniela Valente; **Opec on-line:** Rodrigo Santana Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Daniel Chabes, Henrique Fermino, Rodrigo Pecoschi, Thiago Previero; **Opec off-line:** José Soares, Carlos Roberto Alves de Sá, Douglas Vieira da Costa

MERCADO LEITOR: Diretor de Marketing: Cristiano Augusto Soares Santos;
Ger. de Vendas de Assinaturas: Reginaldo Moreira da Silva;
Ger. de Operações e Planejamento de Assinaturas: Ednei Zampese








ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. – Av. Jaguaré, 1.485, São Paulo (SP), CEP 05346-902. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações **GRÁFICAS: Log & Print Gráfica e Logística S.A.** – Rua Joana Foresto Storani, 676 – Distrito Industrial – Vinhedo, São Paulo, SP – CEP 13280-000.

Atendimento ao assinante

Disponível de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas, e sábado, das 8 às 15 horas.
- **Internet: www.editoraglobo.com.br/atendimento**
- **São Paulo: 11 3362-2000**
- **Demais localidades: 4003-9393***
- **Fax: 11 3766-3755 (notificações da Justiça devem ser enviadas para 11 3767-7292)**

*Custo de ligação local. Serviço não-disponível em todo o Brasil.
Para saber da disponibilidade do serviço em sua cidade, consulte sua operadora local

Para anunciar ligue: SP: 11 3767-7700/3767-7489
RJ: 21 3380-5924, e-mail: **publiepoca@edglobo.com.br**

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, Época. Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 – São Paulo, SP. Fax: 11 3767-7003 – e-mail: **epoca@edglobo.com.br**

As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. Época reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação. Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

Edições anteriores: O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.



O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa - Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.


Nova margarina
VIGOR®
gostosa e cremosa*
margarina sabor manteiga
com sal
INFORMAÇÃO NUTRICIONAL
Quantidade por porção
Valor energético
Gorduras totais, das quais:
Gorduras saturadas
Gorduras trans
Gorduras monoinsaturadas
Gorduras poli-insaturadas
Sódio



Telefónica

O desconto adquirido deve ser utilizado imediatamente e será proporcional ao modelo e ao estado de conservação do aparelho usado. 6/6 Plus através do Vivo Renova receberá um desconto adicional no valor final do aparelho adquirido até 30/9/2015. Para saber

Lula, Collor e o avanço do Brasil

Numa semana em que o governo reviu para pior suas previsões econômicas, e em que Brasília entrou em polvorosa com as novas investigações da Operação Lava Jato, o título acima parece ironia. Mas não é.

Nesta semana, dois ex-presidentes da República, Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Mello, estiveram nas páginas dos jornais – e não exatamente por razões edificantes. Na terça-feira, a Polícia Federal comandou uma operação de busca na casa de Collor, em Brasília, onde apreendeu, entre outras coisas, três carros do ex-presidente. Os veículos, segundo os investigadores suspeitam (ÉPOCA revelou com exclusividade em seu site), foram comprados com dinheiro de propina. Dois dias depois, na quinta-feira, foi aberto inquérito para investigar a acusação contra Lula de tráfico de influência internacional, tema de reportagem de ÉPOCA em abril. Os procuradores suspeitam que Lula ajudou construtoras brasileiras a conseguir empréstimos do BNDES e requisitaram documentos da Lava Jato que ajudem a esclarecer os negócios do ex-presidente.

Collor e Lula participaram de um dos momentos mais simbólicos da história recente do Brasil. Eles disputaram até o último voto a primeira eleição presidencial depois da ditadura militar. Na ocasião, em 1989, Collor foi o escolhido pelo povo brasileiro. Ao longo das décadas seguintes, os dois políticos mantiveram uma relação de amor e ódio. Inimigos num primeiro momento, eles se aproximaram durante o governo de Lula, eleito em 2002 e reeleito em 2006. O retrato acima é de 2009. Na campanha eleitoral de 2010, Collor apoiou a candidata de Lula, Dilma Rousseff. No mesmo ano, quando era senador por Alagoas, Collor discursou na inauguração da Avenida Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em Maceió, uma homenagem ao antigo desafeto. Collor também apoiou Dilma em 2014, mesmo sendo atacado em público por Lula. Em comícios, Lula comparou Aécio Neves a Collor, dizendo que ambos eram invenções perversas da "elite".



A ELITE **Collor e Lula em 2009. A democracia brasileira, que começou com Collor e Lula, hoje investiga poderosos como Collor e Lula**

Lula e Collor fazem parte da elite dos políticos brasileiros. Em 1989, quando concorreram pela primeira vez à Presidência da República, os eleitores não conheciam o nome dos ministros do Supremo, a Polícia Federal não tinha a força de hoje e apenas os profissionais da área jurídica sabiam o que era o Ministério Público. Muitos eleitores acreditavam em "salvadores da pátria" – presidentes "fortes" que, num passe de mágica, resolveriam os problemas do país. Dezesseis anos se passaram. Não se sabe ainda se Lula é mesmo culpado de tráfico internacional de influência, nem se as suspeitas envolvendo Collor serão confirmadas. Mas há algo de muito importante acontecendo. Pela primeira vez, a elite dos políticos não está imune a investigações, como ficou demonstrado ao longo da semana com a Operação Politeia.

Em sua propaganda eleitoral, em 1989, Collor dizia se bater por um "Brasil novo". Lula foi o criador da máxima "nunca antes neste país". Passaram-se 16 anos, e surgiu um Brasil novo. Como nunca antes neste país, Polícia Federal e Ministério Público atuam com independência cada vez maior – e a população, que já percebeu que "salvadores da pátria" não existem, sabe que os procuradores que investigam os políticos e os partidos são tão importantes para o país quanto os próprios políticos e partidos.

Em nossa democracia jovem, que começou ainda ontem com uma disputa acirrada entre Lula e Collor, surgem finalmente mostras de que não existem brasileiros acima da lei – a começar por Lula e Collor.

É ou não é um avanço importante?

João Gabriel de Lima
Diretor de Redação

Foto: Hélvio Romero/Estadão Conteúdo

PERSONAGEM DA SEMANA

PLUTÃO



CALOROSO **Plutão visto de perto. O "coração" é formado por montanhas de gases congelados**

Um coração flutua no espaço

A missão New Horizons chega a Plutão, encerra uma fase da era espacial – e, espera-se, abre outra



Foto: ESO

A NEW HORIZONS
O que a nave levou para sua missão nos confins do Sistema Solar

1 **Pepssi** Mede a composição e densidade do plasma que escapa da atmosfera de Plutão

2 **Swap** Mede a interação de Plutão com o vento solar e a taxa de perda de atmosfera do planeta

3 **Lorri** Mistura de câmera fotográfica e telescópio, faz imagens em alta definição, mas em preto e branco

4 **SDC** Desenvolvido por estudantes universitários, mediu a quantidade de poeira espacial no caminho

A sonda New Horizons partiu da Terra em 2006

SOL MERCÚRIO VÊNUS TERRA MARTE JÚPITER

Bruno Calixto

Durante toda a tarde da terça-feira, 14 de julho, foi de apreensão o clima entre os cientistas da Nasa, a agência espacial americana. Eles sabiam que a New Horizons, a primeira espaçonave não tripulada a voar até Plutão, havia chegado ao destino. Mas a nave foi programada para não se comunicar com a Terra quando passasse por lá. Em vez disso, ela deveria usar seus instrumentos e energia para captar o máximo possível de informações sobre Plutão e suas cinco luas. Assim, ninguém sabia se ela estava inteira e cumprindo a missão. Um choque com uma partícula de poeira espacial seria suficiente para acabar com o projeto de nove anos e meio e US$ 700 milhões – e frustrar astrônomos que, até hoje, só conheciam Plutão como um ponto de luz meio apagado nos confins do Sistema Solar. O suspense terminou às 21h52, no horário de Brasília. Um fluxo de dados chegou aos computadores da Nasa, vindo diretamente do espaço. Os cientistas explodiram de alegria. A New Horizons se despedia da humanidade, antes de avançar para os limites do Sistema Solar, ao mesmo tempo que Plutão dava “oi”, revelado em fotografias.

A humanidade observa Plutão há pouco tempo. Enquanto o vizinho Vênus é observado a olho nu desde que os primeiros humanos começaram a prestar atenção no céu, Plutão só foi descoberto em 1930. O astrônomo americano Clyde Tombaugh, do Observatório Lowell, o achou ao comparar fotos tiradas por telescópios à noite. Percebeu que havia um ponto de luz ainda não identificado se movendo como planeta. Nas décadas que se seguiram, Plutão foi considerado o nono planeta do Sistema Solar, com uma posição de destaque, se comparado a asteroides e satélites. Ganhou uma aura de mistério. Por sua distância da fonte de luz e calor que é o Sol, tornou-se conhecido como o planeta gelado e recebeu o nome do deus romano encarregado do reino sombrio dos mortos. Duas de suas luas receberam os nomes de Caronte e Estige – na mitologia, o barqueiro que leva as almas dos mortos à nova morada e o rio que essas almas têm de atravessar. Nas décadas seguintes, outros três satélites foram descobertos. Ganharam os nomes soturnamente adequados de Cérbero, Hidra e Nix, criaturas mitológicas inspiradoras de medo.

Isso tornou ainda mais simpática a primeira foto em alta definição de Plutão. Ela pareceu invenção de algum mestre de marketing, disposto a mudar a fama do planeta gelado. A imagem mostra o que parece ser um imenso coração. Com mais de 1.600 quilômetros de extensão (equivalente à distância entre Brasília e Porto Alegre), o “coração”, provavelmente formado por montanhas de nitrogênio, monóxido de carbono e de metano, estampou capas de jornais e virou meme na internet.

Quem teve o primeiro contato com astronomia antes dos anos 2000 ficou mais saudoso. No fim do século XX, o status de Plutão já vinha caindo. Descobriu-se que ele é bem menor que o imaginado inicialmente e que a região que habita, o Cinturão de Kuiper, abriga outros corpos celestes similares. O golpe final veio em 2005, quando astrônomos na Califórnia descobriram no Sistema Solar um mundo ainda mais distante e possivelmente maior do que Plutão. O novo planetoide ganhou o nome de Éris, a deusa da discórdia, pela confusão que criou na nomenclatura planetária. Afinal, se Plutão é planeta, Éris também tinha de ser. Em 2006, a União Astronômica Internacional decidiu que um planeta tem de atender a três critérios: girar ao redor do Sol, ter forma arredondada e dominar sua órbita. Plutão e Éris compartilham suas órbitas com outros corpos celestes. Por isso, acabaram rebaixados a planetas anões.

Anão ou não, na semana passada, nenhum corpo celeste dividiu atenção com Plutão. Seu tamanho, graças à New Horizons, foi determinado com precisão: 2.370 quilômetros de diâmetro, 50 quilômetros a mais que Éris. As fotos revelaram um astro interessante. Ele tem montanhas e roche-

Foto: ESO



dos que parecem geologicamente recentes. Isso sugere atividade, como terremotos ou vulcões. Se a informação se comprovar, mudará o atual entendimento da geofísica, que não prevê atividade geológica em mundos tão gelados. Os cientistas especulam que lá possa haver um fenômeno bem raro fora da Terra: neve. O gelo em Plutão, entretanto, é diferente do terrestre. É formado por elementos que, na Terra, estão em estado gasoso, como nitrogênio e metano. Eles congelam no frio plutoniano, com temperatura média de 238 graus célsius negativos.

Para os cientistas, é só o começo de um período de ao menos 16 meses de diversão. Esse é o tempo estipulado para todas as informações coletadas serem enviadas à Terra. Algumas descobertas poderão mudar nosso conhecimento sobre planetas, incluindo o nosso. Entender como as luas de Plutão se formaram pode nos dar pistas sobre a formação da nossa própria Lua. O estudo da atmosfera de Plutão, que escapa para o espaço quando o planeta se aproxima do Sol, pode ajudar a entender a infância da Terra, quando nosso planeta perdeu gases venenosos para o espaço e ficou com atmosfera mais amigável. "As geleiras são diferentes de qualquer coisa que temos na Terra. Não conseguimos reproduzir aquele gelo nem em laboratório", disse Will Grundy, da Nasa.

Mas o maior feito da New Horizons é ajudar a reavivar o interesse público pela exploração espacial. Desde 1962, quando a espaçonave Mariner 2 sobrevoou Vênus, começamos a construir o quebra-cabeça do Sistema Solar. Várias missões mostraram peculiaridades intrigantes, instrutivas e poéticas de cada mundo. Geraram imagens icônicas, como os anéis de Saturno e o furacão vermelho de Júpiter. Depois de 1989, porém, quando a sonda Voyager 2 descobriu que Netuno tinha anéis, as missões perderam a intensidade. O fim da Guerra Fria esfriou a corrida espacial. Uma geração inteira cresceu achando que a exploração do cosmo é coisa do passado. A Nasa encerrou seu programa de ônibus espaciais. Além disso, sofre oposição no Congresso dos Estados Unidos, por causa de seus estudos sobre o aquecimento global – uma proposta do Partido Republicano poderá cortar o orçamento da agência em até 32%. Agora, Plutão deixou de ser o planeta rebaixado que conhecíamos para se tornar uma das imagens mais bonitas já feitas no espaço. Com esse sucesso, a missão pensada para encerrar o ciclo de explorações nos planetas clássicos do Sistema Solar bem que pode se tornar um ponto de partida, para novas empreitadas, mais audaciosas, rumo à fronteira final. ◆

Plutão pode nos ajudar a entender a infância da Terra, a formação da Lua e a geofísica de mundos gelados



VENHA TRABALHAR NUMA EMPRESA QUE VAI ENCHER SUA FAMÍLIA DE ORGULHO.

VENHA TRABALHAR NA BRF.



Gilda Coelho
Vendas – Belo Horizonte





Tragédia no Sul

O Sul do país passou a semana em alerta depois que fortes chuvas e um tornado atingiram a região. Em Santa Catarina, mais de 2 mil pessoas perderam suas casas e duas morreram. No Paraná, o tornado atingiu 47 municípios e afetou mais de 30 mil pessoas.

O vaivém da reforma

A Câmara dos Deputados decidiu excluir da reforma política o mandato de cinco anos para cargos eletivos, mantendo o formato atual, com quatro anos de mandato para todos os cargos, exceto senadores. A mudança do texto-base foi defendida principalmente por partidários do DEM e do PSDB, que justificaram a medida com o direito do eleitor de mudar a figura no poder, caso esteja insatisfeito. Os parlamentares também voltaram atrás na mudança de data de posse para os políticos, que passaria a ser dia 4 de janeiro para os governadores e dia 5 para o presidente.

MEDO DA CAXUMBA

Uma série de surtos de caxumba no Rio de Janeiro levou ao menos

150

PESSOAS

aos postos de saúde do Estado, na semana passada, para saber se a vacina contra o vírus estava em dia. O governo nega que haja uma epidemia



Contra a redução

Ao menos 12 mil pessoas protestaram na Praça da Sé, em São Paulo, contra a redução da maioridade penal. O ato também prestou homenagens aos 25 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), responsável por medidas como a criminalização do trabalho infantil.



Um planeta brasileiro

Enquanto o mundo prestava atenção à chegada da sonda New Horizons a Plutão *(leia mais em Personagem da Semana)*, cientistas brasileiros descobriram um exoplaneta. Batizado de HIP 11915b, o planeta é um "gêmeo" de Júpiter e fica em um sistema solar parecido com o nosso. É a primeira descoberta do gênero no Brasil.

Fotos: André Dusek/Estadão Conteúdo, Niomar Pereira/AGP/Folhapress, Mark Humphrey/AP, ESO/M. Kornmesser/Nick Risinger, Walmor Carvalho/Fotoarena/Ag. O Globo e Beto Novaes/EM/D.A Press

POLÊMICA Atletas brasileiros surpreenderam ao prestar continência no pódio nos Jogos Pan-Americanos de Toronto, no Canadá. Um sexto da delegação é de atletas que se juntaram às Forças Armadas para treinar. A continência não é hábito entre atletas militares em outros países, nem é bem-vista pelo Comitê Olímpico Internacional.



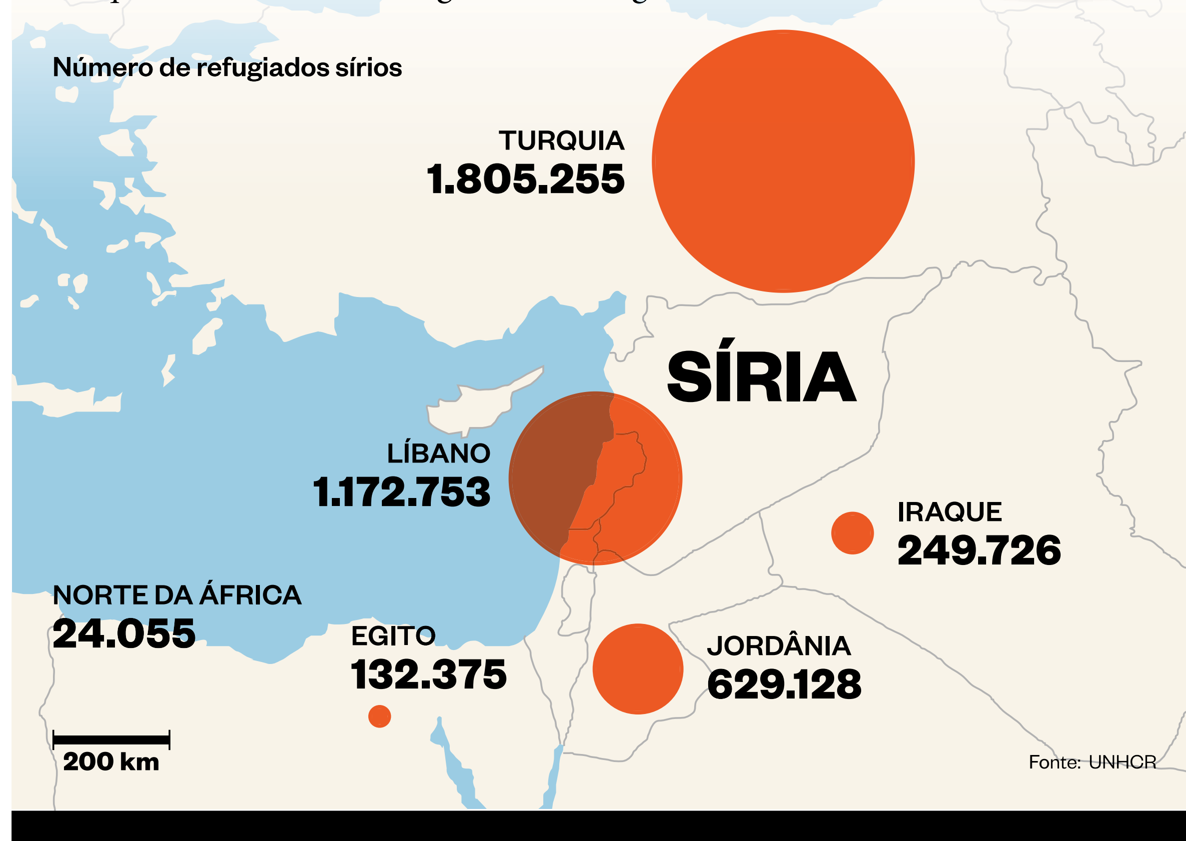
O prefeito-bomba

O prefeito de Central de Minas, no leste de Minas Gerais, morreu após a queda da aeronave que pilotava. Genil Mata da Cruz, de 39 anos, era filiado ao PP e considerado uma figura polêmica na política mineira. Militantes sem terra afirmam que ele sobrevoava o local para jogar coquetéis molotov sobre um assentamento do MST. A polícia investiga as causas do acidente.

A pior crise desde 1992

Mais de 4 milhões de sírios se tornaram refugiados em países vizinhos para fugir da guerra. A ONU classificou a situação como a pior crise humanitária em quase um quarto de século. O êxodo da Síria é o maior desde 1992, quando 4,6 milhões fugiram do Afeganistão





DEZ FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA



“Faço tudo normal, só que um pouco menos que as pessoas da minha idade fazem”

Flávia Saraiva,
gigante de 1,33 metro de altura e 15 anos de idade. Ela ganhou duas medalhas de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Toronto

“O PMDB quer ser cabeça de chapa em 2018”

Michel Temer,
vice-presidente da República. Seu partido quer lançar candidato próprio nas próximas eleições presidenciais

“Estou oficialmente rompido com o governo”

Eduardo Cunha (PMDB-RJ),
presidente da Câmara dos Deputados

“Hoje poderia ter sido o fim da esperança, mas estamos perante um novo capítulo”

Mohammad Javad Zarif,
ministro das Relações Exteriores do Irã, otimista com o acordo que limita o programa nuclear iraniano e retirará sanções econômicas contra o país

“O mundo será um lugar muito mais perigoso”

Benjamin Netanyahu,
primeiro-ministro de Israel, sobre o acordo nuclear

“Antes você não podia ser gay. Agora pode ser gay, mas não pode fumar”

David Hockney,
pintor britânico, chateado com o excesso de proibições no mundo

“Poderia ter cantado o hino nacional da Suécia e teria a mesma resposta”

Yanis Varoufakis,
ex-ministro das Finanças da Grécia, sobre como ele foi ignorado nas negociações com credores europeus

“Eu não creio que seja necessária somente uma origem ilícita *(do dinheiro)*, mas seria necessária uma ciência daquele que recebeu a doação”

José Eduardo Cardozo,
ministro da Justiça, ao admitir à CPI da Petrobras que doações legais podem ter origem criminosa

“Há uma coisa boa de estar no fundo do poço. Politicamente não tem como piorar muito”

Francisco Lopes,
ex-presidente do Banco Central



A ILUMINADA

“Transexuais merecem uma coisa vital. Merecem seu respeito”

Caitlyn Jenner,
ex-atleta olímpica. Ela recebeu um prêmio por ter assumido sua transexualidade em abril

Fotos: Ezra Shaw/Getty Images e Kevin Winter/Getty Images

Uma pesquisa da Datafolha feita entre os dias 21 de maio e 23 de junho apurou que a desvalorização de carros importados supera a dos modelos de fabricação nacional. O índice chegou a 0,62% nos veículos vindos de fora contra 0,34% dos feitos localmente. Das principais marcas analisadas, apenas a Hyundai apresentou valorização de 0,15%. Confira a lista de percentuais de desvalorização por marca no período de maio-junho de 2015:

- Audi: - 0,46%
- Chevrolet: - 0,31%
- Citroën: - 0,72%
- Fiat: - 0,20%
- Ford: - 0,21%
- Honda: - 0,38%
- Hyundai: 0,15%
- Mitsubishi: - 0,70%
- Nissan: - 0,33%
- Peugeot: - 1,27%
- Renault: - 0,08%
- Toyota: -0,24%
- Troller: - 0,16%
- Volkswagen: - 0,29

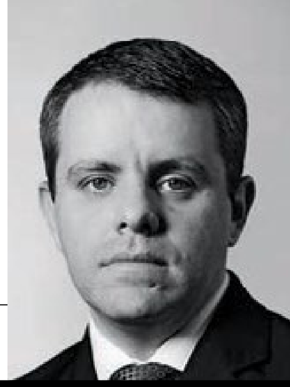
[Fonte: Datafolha]



HYUNDAI

NEW THINKING.
NEW POSSIBILITIES.

Por **Murilo Ramos** expresso@edglobo.com.br





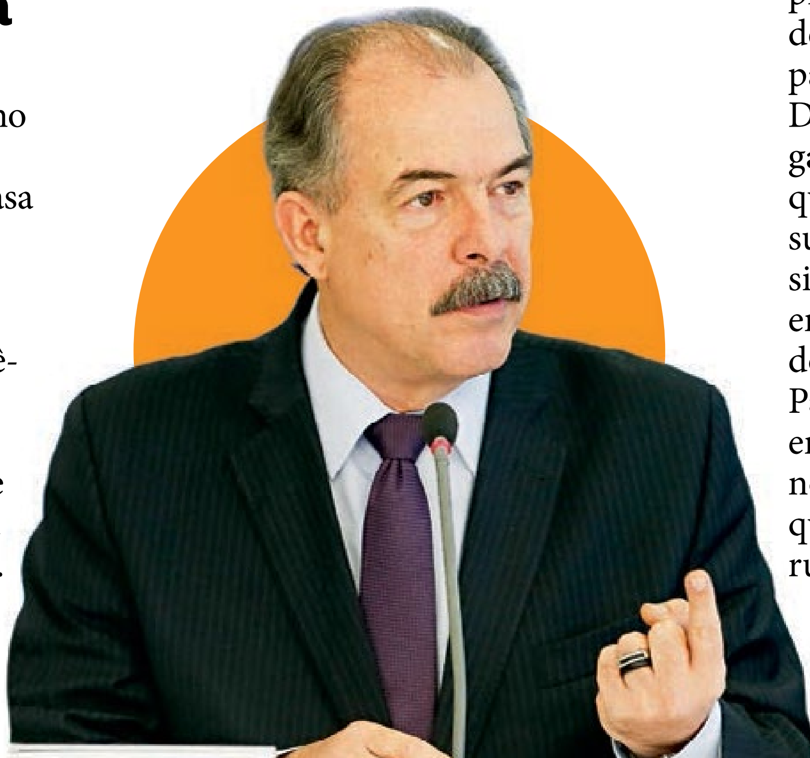
Investigação

Vai ser o próximo?

O vice-presidente da República, **Michel Temer**, foi avisado pelo presidente da Câmara, Eduardo Cunha, na quinta-feira à noite, que seu nome deve ser citado em breve na Operação Lava Jato. Tudo dependerá da investigação sobre Jorge Zelada, que foi diretor da área internacional da Petrobras, entre 2008 e 2012. Zelada está preso em Curitiba e foi nomeado pelo PMDB com o aval de Temer e Cunha. Temer está alerta.

Ligação cruzada

Prenúncio de que Eduardo Cunha romperia com o governo foi uma conversa por telefone mantida com o ministro da Casa Civil, **Aloizio Mercadante**, na quarta-feira. Cunha disse que o governo estava por trás de uma operação para enfraquecê-lo na Lava Jato. Mercadante disse que o Planalto não tinha poder para frear investigação e se ofereceu para uma conversa pessoal. Cunha rejeitou no ato.



Saindo de fininho 1

Para se descolar cada vez mais do PT, o PMDB já traçou as linhas gerais de seu novo programa partidário, que será apresentado em outubro. Garantirá equilíbrio fiscal, controle da inflação e uma economia com menos participação do governo.

Saindo de fininho 2

O texto dirá que a ascensão social de milhares de pessoas nos últimos anos não pode ser creditada apenas a programas assistenciais do governo. Devem ser levados em conta o esforço e o trabalho de cada um.

Trampolim olímpico

Caciques do PMDB têm sido generosos com o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes. Preparam evento em Brasília, em agosto, voltado a parlamentares e empresários do setor de turismo para que ele apresente a preparação da cidade para os Jogos Olímpicos de 2016. Paes é um dos possíveis candidatos da legenda à Presidência da República em 2018.

Para deixar a lona

Atendendo à sugestão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva de não prender o governo apenas à pauta do ajuste fiscal, a presidente Dilma Rousseff mandou tirar das gavetas dos ministérios projetos que podem ajudá-la a recuperar sua popularidade em setores simpáticos ao PT. A primeira encomenda foi feita ao ministro do Desenvolvimento Agrário, Patrus Ananias. Ele vai correr para entregar nesta semana a Dilma o novo plano da reforma agrária, que promete tirar os trabalhadores rurais “debaixo da lona”.

Com **Marcelo Sperandio, Ricardo Della Coletta** e **Teresa Perosa** e reportagem de **Leandro Loyola** e **Cristiane Segatto**

Uma fugidinha

Discretíssimo, Gilberto Kassab tem aproveitado suas viagens como ministro das Cidades para conquistar adesões ao novo Partido Liberal, o PL, que todos achavam enterrado. Em junho e julho, por exemplo, Kassab tratou do assunto duas vezes no Maranhão após reuniões oficiais.

Os peixes de Romário

O senador, que é presidente da CPI do Futebol, está escalando seu pessoal para produzir um relatório paralelo ao do senador Romero Jucá. O baixinho procura delegados, auditores da Receita Federal e policiais civis dispostos a fazer uma investigação aprofundada.

Mansão do marajá

Quem conhece os hábitos de Fernando Collor comenta que, durante a Operação Politeia, a Polícia Federal deveria ter feito uma visita à casa do senador em Campos do Jordão. Ele costuma passar as férias de inverno nela. Será que ele vai passar lá neste ano?

Sem Graça

A ex-presidente da Petrobras Graça Foster não foi encontrada por oficiais de justiça que tentaram intimá-la a prestar depoimento no processo contra o ex-executivo da Odebrecht Marco Antônio Duran. O processo trata de irregularidades em contratos da empreiteira de mais de US$ 800 milhões no exterior.

Amizade apimentada

O ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto, preso em Curitiba, quer conversar com a diretora da Pepper Comunicação, Danielle Fonteles. A Pepper cuidou das campanhas de Dilma e é investigada pela PF.

Muuu



Amizade de campanha

Dono da JBS, que doou R$ 69 milhões para a campanha de Dilma, o bilionário **Joesley Batista** esteve no Planalto recentemente para visitar Manoel Sobrinho, o chefe de gabinete do ministro da Secom, Edinho Silva. Sobrinho foi um dos arrecadadores da campanha de Dilma no ano passado e recorreu a empresários em busca de dinheiro, entre eles Joesley Batista e Ricardo Pessôa, da UTC. Sobrinho disse ter recebido Joesley para tratar de assuntos do Canal Rural, de propriedade da JBS.

Separação

Maria Euriza Carvalho deixou a sociedade no escritório de advocacia que tinha com a irmã, a ex-ministra da Casa Civil Erenice Guerra. Euriza comentou estar assustada com uma possível visita da Polícia Federal.

Remédio doce

Pesquisa encomendada pelo setor farmacêutico revela que 31% das pessoas consideram conveniente adquirir remédios em supermercados. O assunto é polêmico. Em 2012, Dilma vetou a venda dos remédios nesses estabelecimentos. Alguns, no entanto, deram um jeitinho de vender os produtos antes de os clientes passarem pelos caixas.

Fazendo conta

O ressurgimento das investigações da CPI do HSBC no Senado causa nervosismo e afeta a negociação em torno da venda do banco no Brasil. Uma devassa na instituição financeira pode afugentar clientes, o que mudaria o preço do negócio.

Charuto molhado

O Ministério Público Federal cobra do polêmico presidente do Vasco da Gama, **Eurico Miranda**, uma dívida de R$ 3 milhões com o INSS. O rombo, segundo os procuradores, foi deixado quando ele esteve à frente do clube, em 2006. Eurico, que voltou à presidência do Vasco, nega a dívida e diz que o valor já fora acertado num parcelamento com a Receita em 2013. O Vasco parcelou dívidas de R$ 88 milhões em 60 meses.



Leia a coluna Expresso em epoca.com.br

Fotos: Givaldo Barbosa Agência O Globo, Marcelo Min/ Fotogarrafa/ Editora Globo, Marcos D' Paula/Estadão Conteúdo, Pedro Ladeira/Folhapress,Tinkstock (2)

EUGÊNIO BUCCI



Vertigens do conservadorismo

A mística da rebeldia perdeu o encanto. Ficou brega. A transgressão saiu de moda. Agora, ser competitivo é mais charmoso do que ser sonhador. A utopia é uma carcaça no acostamento. Quem ficar falando em "mudar o mundo" corre um risco de sair do médico com uma receita de psicotrópico tarja preta. Só o que resta de idealismo é a filantropia esclarecida a que se dedicam as almas que ainda não ficaram completamente desalmadas. No mais, estamos na era da cultura coxinha.

É um tempo chapado e raso. Nem o inconformismo escapa. Quando alguma indignação entra em cena, é uma indignação fru-fru. A sociedade brasileira agora deu de bater panela contra o governo federal. As consciências mais elegantes da cidade protestam, mas cuidam de não amarfanhar a camisa polo. Os oposicionistas parecem coroinhas. Aventura? Esqueça. Aventura, hoje, na melhor das hipóteses, é um pacote turístico que você compra, pagando caro, para anabolizar o fim de semana prolongado. Quanto à política, ora essa, a política se resolve na base do xingamento. De preferência, de cima para baixo: os ricos xingando os pobres – e, sempre, sem suar o colarinho.

A cultura coxinha ama o establishment, o conforto e a repetição do conhecido. A manutenção do privilégio presente é seu único projeto de futuro. Não surpreende, portanto, que o conservadorismo impere em todos os campos.

ESTAMOS NA ERA DA CULTURA COXINHA, UM TEMPO CHAPADO E RASO, MARCADO POR UMA INDIGNAÇÃO FRU-FRU

No campo dos costumes, o discurso conservador perde um pouco a compostura, mas não perde os anéis. Embora os bons modos prevaleçam no didatismo das novelas de TV (onde impera o "coxinha soft power"), embora o preconceito sexual esteja em baixa nos melhores noticiários da praça, é terrível como vem ganhando tônus a reação obscurantista. Na Câmara dos Deputados, avolumam-se os pronunciamentos ofensivos contra qualquer sexualidade que se afaste minimamente da conjunção carnal para fins reprodutivos. Os oradores se deliciam em mandar excomungar os gays. Os profetas do puritanismo selvagem experimentam vertigens de prazer ao prometer conservar a libido encaixotada num padrão anódino e funcional, como se o desejo obedecesse a ordens. É estranho.

No campo da segurança pública, a paisagem ganha tons sanguinolentos. O sensacionalismo policial se espalhou como numa metástase. O mau gosto que antes se limitava aos programas policiais das tardes televisivas agora contamina os púlpitos das igrejas, as tribunas legislativas e os parlatórios ao ar livre. Campeia no país um fanatismo sádico e salivante, cujos profetas, encastelados em cargos públicos ou cultuados como mensageiros do além, entram em transe quando apedrejam os direitos humanos e clamam pela redução da maioridade penal. Querem enjaular adolescentes – adolescentes pobres, bem entendido. Desejam conservar a violência da ordem, como se a violência conservasse alguma ordem. De novo, é estranho.

No campo da economia, a coisa é um pouquinho mais sutil, mas só um pouquinho. É bem verdade que, em matéria de economia, o pensamento conservador esmerou-se na virtude da prudência. É verdade, também, que não há mercados civilizados sem uma boa dose de ortodoxia monetária com balizas macroeconômicas mais sóbrias. No entanto, o conservadorismo econômico que anda à solta por aí já debandou de sua melhor tradição. Não tem mais pensamento nenhum. Reduziu-se a um receituário decorado, que consiste em dizer amém aos donos do dinheiro. Esse conservadorismo sem espírito crê no cifrão como a melhor medida do humano e entra em alfa quando se imagina uma ciência exata. Seus acólitos veem na política o prolongamento dos números e no Estado um agente do lucro. Eles calculam, mas não pensam. São fiéis aos senhores do capital, como se o capital fosse fiel a algum senhor.

No campo dos costumes, o conservadorismo é a caretice. No da segurança pública, prepotência. Na economia, servilismo. Na política, é tudo isso junto, com pequenas variações. Você pode alegar que, nas suas origens, cada um desses conservadorismos é distinto, que eles não se misturam. Mas, no Brasil em que convivemos hoje (e mal), eles se fundem numa onda compacta cujo denominador comum é o repúdio à solidariedade humana e ao pensamento crítico.

O conservadorismo que aí está é só um delírio. Seus adeptos desejam conservar a clarividência e a força que jamais alcançaram para resolver por antecipação um problema que nunca virá. Querem conservar um poder medroso para dominar os mais medrosos ainda. Vivem de vertigens febris, alucinadas, insanas – mas que nunca foram tão contagiosas. O conservadorismo é maioria num país em que o mito da revolução caiu na vala do crime comum. E da breguice. ◆

Eugênio Bucci é jornalista e professor da ECA-USP

SUA OPINIÃO



Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

TEATRO DA POLÍTICA

Em "A guarda do Palácio"(892/2015), ÉPOCA mostrou como os líderes do PMDB preservam Dilma – por interesse próprio

Parece que os aliados de Dilma estão se beneficiando com a tempestade que a presidente enfrenta.

Maurício Gama,
São Paulo, SP

Claramente esses senhores não são homens honrados que estão preocupados em fazer história e deixar legados para uma geração de jovens brasileiros. Esses senhores só estão preocupados com o próprio umbigo e em deixar fortuna para a própria geração.

Luci Monteiro,
via Facebook

O PMDB é o partido que quer se dar bem. Se alguns mais atentos prestarem atenção aos discursos ou palavras de Temer, verão que ele não diz nada com nada. O que o PMDB quer é poder ficar no governo para sempre.

Zureia Baruch,
São Paulo, SP



COMENTÁRIO DA SEMANA

"A política nada mais é que um jogo: aqueles que entendem as regras e sabem se proteger com aliados se dão bem. Foi o que o PT fez rodeando a Dilma com aliados do PMDB"

André Torres,
Curitiba, PR



Quem governa este país é o PMDB.

Brenno Ferraz,
via Twitter

DEFENSOR DO GOVERNO

Em entrevista a ÉPOCA, o advogado-geral da União, Luís Inácio Adams, disse que não é fácil ser o defensor jurídico do governo Dilma ("Eu rejeito o termo 'pedalada'", 892/2015)



Um misto de decepção e triste constatação é o que fica ao lermos a entrevista de Luís Inácio Adams. A sociedade brasileira não merece isso. Onde já se viu o advogado-geral da União conceder uma entrevista desse quilate e ficar o tempo todo se esquivando, pisando em ovos e assumindo a imagem de fiel seguidor de um governo moral, ética, econômica e intelectualmente falido. Parece um fanático seguidor dessas religiões de ocasião que temos por aí. É o retrato transparente do atual momento do governo: desesperado e moribundo.

Osny Martins,
Joinville, SC



Dilma rejeita os delatores e as delações; o advogado segue o exemplo: rejeita o termo das pedaladas.

Adão Braga,
via Twitter

NÃO FOI TEMPO PERDIDO

"Um artista no fundo do poço" (892/2015) narrou o relato sincero do cantor Renato Russo sobre o período mais turbulento de sua vida



Quem escrevia não era Renato Russo, uma das mais famosas vozes brasileiras, mas uma pessoa solitária e desesperada.

José Pinheiro Filho,
Brasília, DF



CONFISSÕES
Renato Russo em 1994. O relato de sua relação com as drogas serviu como exercício terapêutico

Dizem que as estrelas que brilham mais forte apagam rápido. Renato Russo deixou um legado para todas as gerações.

João Pedro Souza,
São Paulo, SP

Renato criou arte que passará por muitas gerações. Um artista atormentado.

Leandro Barros,
São Paulo, SP

DILEMAS DO PSDB

"O gogó está afiado" (892/2015) retratou a convenção tucana

Sempre tive muito orgulho de ter sido, há 27 anos, um dos fundadores do PSDB. Nas fileiras tucanas, fui vice-prefeito e prefeito de Belo Horizonte, governador de Minas, senador e deputado federal, além de presidente nacional do partido. Sempre participei ativamente da vida partidária, contribuindo na elaboração das propostas que o PSDB apresenta ao povo brasileiro. E não foi diferente quando, no último dia 5, participei de nossa 12ª Convenção Nacional. Entretanto, e já há algum tempo, algumas notas maldosas têm sido replicadas, como se eu não tivesse o direito de ali estar, pelo fato de responder a uma ação na Justiça (a AP 536). Tenho todo o direito de participação na vida político-partidária.

Eduardo Azeredo,
deputado federal
(PSDB-MG)

FOMOS MAL

Diferentemente do que foi publicado, o curso Truffaut, o Homem Que Amava as Atrizes... e Jean-Pierre Léaud será ministrado nos meses de setembro e outubro, e não em agosto ("O homem que amava as mulheres", 892/2015).

MAIS COMENTADAS

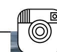
1. **O caminho do dinheiro da Lava Jato no exterior**
2. **PT, PSB, PDT e PCdoB farão ato contra o impeachment...** (Coluna Expresso)
3. **O golpe é só uma fantasia** (Coluna de Ruth de Aquino)
4. **Sarney articula para travar a tese do...** (Coluna Expresso)
5. **PT leva susto com proposta que prevê fim de...** (Coluna Expresso)

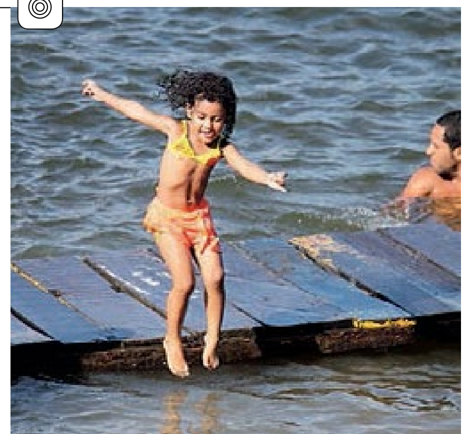
MAIS LIDAS

1. **Atriz brasileira de novelas sofre censura em foto de...** (Coluna de Bruno Astuto)
2. **Pai de quatro, Márcio Garcia diz que "fechou a fábrica"...** (Coluna de Bruno Astuto)
3. **O caminho do dinheiro da Lava Jato no exterior**
4. **Christian Audigier, morto nessa quinta, se casou...** (Coluna de Bruno Astuto)
5. **O PMDB é a tropa de choque de Dilma**

MAIS COMPARTILHADAS

1. **A vida dos brasileiros piorou – principalmente a dos mais pobres**
2. **Sarney articula para travar a tese do...** (Coluna Expresso)
3. **PT, PSB, PDT e PCdoB farão ato contra o impeachment...** (Coluna Expresso)
4. **Sarney foi internado no Sírio-Libanês com mal...** (Coluna Expresso)
5. **PT leva susto com proposta que prevê fim de...** (Coluna Expresso)





INSTAGRAM DO LEITOR

@patyerika venceu o tema **"Melhores férias"**. Confira mais fotos e o tema da próxima edição no site de ÉPOCA: glo.bo/bombou

Avanço civilizatório

As investigações contra os políticos devem ser entendidas como sinal do vigor das instituições democráticas e da consolidação do valor republicano de que todos são iguais perante a lei

Não faz muito tempo na história do Brasil, um mandato político era uma espécie de garantia de inimputabilidade. Muitos políticos concorriam a vagas no Legislativo apenas para conquistar imunidade contra processos criminais. No caso de deputados federais e senadores, a exigência constitucional de que os processos contra parlamentares tivessem uma licença prévia do Congresso Nacional (no espírito original, uma salvaguarda para resguardar o legislador de perseguições por suas opiniões políticas) passou a funcionar, na prática, na maioria das vezes, como uma barreira para colocar políticos fora do alcance da Justiça. O espírito de corpo, como se houvesse um pacto de ajuda mútua, erguia um muro de proteção contra a aplicação da lei.

Mesmo depois do fim da obrigatoriedade da licença prévia, em 2001, por muito tempo os processos no Supremo Tribunal Federal (STF) não avançavam até a conclusão. Os parlamentares, que gozam foro especial do STF, valiam-se dos inúmeros desvãos do código de processo penal para procrastinar sentenças. Até mesmo renúncias a mandato viraram um subterfúgio para atravancar processos e evitar condenações. Só em 2010 veio a primeira condenação à pena de prisão de um parlamentar no exercício do mandato – um desconhecido deputado de Rondônia, Natan Donadon, que foi para a cadeia três anos mais tarde. Em 2012, com o processo do mensalão, figuras mais importantes e poderosas, inclusive ex-ministros do partido no comando do governo federal, foram para a prisão por determinação do STF.

As investigações da Operação Lava Jato devem ser entendidas nesse contexto. Na semana passada, elas se desdobraram em operações de busca e apreensão em imóveis do senador e ex-presidente Fernando Collor (PTB-AL) e outros cinco políticos e em denúncias de um delator contra o presidente da Câmara, deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Também estão ligadas ao procedimento investigatório criminal aberto pelo Ministério Público Federal contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Há um progressivo avanço das instituições democráticas da Constituição de 1988 para fazer valer o princípio republicano da igualdade de todos perante a lei. Como disse



DENTRO DA LEI
Agentes da Polícia Federal em ação na Operação Politeia. Um golpe na cultura de impunidade

o cientista social Luiz Werneck Vianna, em entrevista publicada por ÉPOCA na edição passada, "o parafuso está sendo apertado" – e esse vigor do STF, do Ministério Público Federal e da Polícia Federal, no combate à corrupção, deve ser saudado como sinal de alento em meio à grave crise que o país vive. Quem tem poder, mas cometeu irregularidades, não pode mais confiar que uma cultura de impunidade vai ajudá-lo a escapar de prestar contas à Justiça por seus atos.

Alguns dos atingidos pela Operação Politeia, como fez o ex-presidente Collor, com o apoio do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), se colocam como vítimas de medidas arbitrárias ou da perseguição política do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, que estaria agindo sob a influência do governo Dilma. Tentam dar ao caso tintas de crise institucional, de conflito entre poderes. É uma alegação sem base na realidade. Deveria ser óbvio para todos que as ações da PF, do Ministério Público ou da Justiça fogem ao controle do governo ou de grupos políticos.

As buscas foram autorizadas por três diferentes ministros do STF. Indícios veementes de irregularidades fundamentaram as buscas *(leia mais em reportagem na página 38)*.

É possível discutir se a PF, ao exibir os carros de luxo de Collor, não resvalou no velho pecado da espetacularização, que muitas vezes ronda essas operações. Mas a apreensão dos carros faz todo sentido porque são bens valiosos que podem servir para ressarcir danos aos cofres públicos, ao fim do processo judicial. É igualmente improcedente a alegação de que a PF, ao fazer a busca em imóveis funcionais do Senado, invadiu uma prerrogativa da Polícia Legislativa e cometeu uma ilegalidade. Os poderes da Polícia Legislativa restringem-se às dependências do Congresso Nacional e são conferidos por uma resolução interna do Senado, em muito inferior a uma decisão do STF que a PF tratou de cumprir.

O Brasil avança para se consolidar como um estado democrático de direito. Não há por que se falar em estado policial ou desforra de justiceiros. Vivemos em um regime de garantias processuais plenas. ◆

Foto: Joá Souza/Ag. A Tarde/Folhapress



VIGOR® GREGO

Bem feito como deve ser.











TERRE QU PARA



PERSONAGENS
Fernando Collor, Eduardo Cunha e Luiz Inácio Lula da Silva. Os três políticos criticaram, por razões diferentes, o Ministério Público e a Polícia Federal

FEITA DENTRO DA LEGALIDADE, A AÇÃO COORDENADA DA POLÍCIA FEDERAL E DO MINISTÉRIO PÚBLICO GEROU UMA CRISE NO CURTO PRAZO – MAS PODE SER O MARCO DE UM PROCESSO DE DEPURAÇÃO NO PAÍS

UM
MOTO.
E SEJA
O BEM

Um terremoto varreu Brasília na semana passada. Em ação coordenada, a Procuradoria-Geral da República e a Polícia Federal cumpriram uma série de mandados de busca e apreensão contra um grupo de políticos. Entre eles estavam os senadores Fernando Collor (PTB-AL) e Ciro Nogueira (PP-PI). O Congresso reagiu como se a instituição houvesse sido atacada. Na grita contra a Polícia Federal e a PGR, os parlamentares investigados ganharam a companhia do presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Ele foi acusado, numa delação premiada, de pedir US$ 5 milhões em propinas. Para completar, o Ministério Público abriu um Procedimento Investigatório Criminal contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva *(leia na página 48)*. O MP suspeita, como ÉPOCA noticiou em abril, que o ex-presidente pode ter praticado tráfico internacional de influência em favor da empreiteira Odebrecht. A exemplo de Cunha e Collor, Lula criticou os investigadores.

A soma de tudo isso gerou uma crise em Brasília. Essa crise pode ser entendida de duas maneiras – como fica claro ao longo de várias reportagens que estão nesta edição de ÉPOCA. No curto prazo, criou-se uma turbulência política, com o rompimento de Eduardo Cunha com o governo *(leia na página 44)*. Essa turbulência, como rastreou a agência de classificação Moody's, pode afetar a economia *(leia na página 47)*. No longo prazo, o terremoto pode representar uma depuração no país. A investigação sobre os políticos vem sendo realizada com respeito a todos os procedimentos legais *(leia em Nossa Opinião, na página 32)*. Por causa da Lava Jato, alguns homens de Collor na Petrobras já foram afastados *(leia na página 38)*. É um começo. Que continue.

A AÇÃO DA POLÍCIA CONTRA OS POLÍTICOS FOI ARBITRÁRIA?

NÃO

Havia abundância de provas – como ÉPOCA revelou com exclusividade – e respaldo do Supremo Tribunal Federal

Filipe Coutinho

Eram 4 horas da madrugada da terça-feira, dia 14. Depois de 13 dias de preparação, a Procuradoria-Geral da República e a Polícia Federal iniciavam uma ação coordenada. Cerca de 50 policiais estavam no auditório da Superintendência Regional da PF no Distrito Federal, para repassar as missões. A reunião de orientação dos policiais apresentava os últimos detalhes da Operação Politeia, desdobramento da Operação Lava Jato e primeiro grande passo na investigação contra políticos. Alguns dos investigadores ficaram 40 horas acordados, entre preparar e executar a operação. Chegaram ao limite da exaustão, mesmo sabendo que a investigação ainda tem muito a avançar. Um grupo de procuradores participou da reunião na PF, incluindo o procurador-geral da República, Rodrigo Janot. Às 5 horas, Janot encerrou sua fala, e os policiais e procuradores foram às ruas cumprir mandados de busca e apreensão contra um grupo de políticos. Entre eles estavam os senadores Fernando Collor (PTB-AL), Ciro Nogueira (PP-PI), Fernando Bezerra (PSB-PE) e o deputado Eduardo da Fonte (PP-PE). Em Curitiba, a força-tarefa responsável pela Lava Jato, àquela hora, já sabia que em um par de dias outro alvo dos investigadores seria alcançado pelo escândalo. O empresário e delator do esquema Júlio Camargo, da Toyo Setal, afirmou na quinta-feira que o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), pediu a ele US$ 5 milhões em propinas. Tudo somado, a Lava Jato atingiu o Congresso – e a crise policial pode gerar uma crise política.

A gritaria no Legislativo foi imediata. Eduardo Cunha atribuiu a delação a uma ação coordenada de Janot com o Planalto, para enfraquecê-lo – e anunciou seu rompimento e retaliações *(leia mais na página 44)*. Ignorou o fato de que a delação fora prestada ao juiz Sergio Moro e coordenada pela frente da força-tarefa de Curitiba, que já mandou para a prisão o tesoureiro do PT, João Vaccari Neto. Janot, é certo, fez dessa investigação uma causa pessoal, e a presidente Dilma Rousseff, com seu círculo mais próximo, regozija-se com o novo desdobramento do caso. Nada disso muda a realidade de que há indícios contundentes contra congressistas.

Collor também retornou a seu velho ato de misturar grandiloquência verbal e ataque destemperado aos que considera oponentes (desta vez, os ▸

Foto: Ueslei Marcelino/Reuters

NO ALVO
Collor no Senado, na semana passada. Diferentes trilhas de dinheiro apontam para o ex-presidente

investigadores), em vez de explicar os fatos. "Fui humilhado", disse o ex-presidente, logo após a operação. "Isso é degradante, isso é atitude de covardes, de facínoras que se dizem democratas, que se aproveitam da democracia, mas que, na prática, aplicam a autocracia e dela se aproveitam", disse. O ex-presidente afirmou que a ação dos procuradores tem intuito "mesquinho e mentiroso". Ele apelou ao corporativismo dos congressistas. "Não se iludam, pois ninguém está livre disso. Daqui mesmo desta Casa, novas vítimas podem sair, novas histórias poderão ser maldosamente construídas." Cunha foi na mesma toada de Collor. Acusou Janot de usar ameaças contra delatores, a fim de obter confissões falsas, e disse haver no Palácio do Planalto um "bando de aloprados". O presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), também reagiu. "Causam perplexidade alguns métodos que beiram a intimidação", afirmou, em nota. E classificou as ações de policiais e procuradores como "violência contra as garantias constitucionais em detrimento do estado democrático de direito". As reclamações dos parlamentares, porém, chocam-se com a robustez das provas contra eles *(leia ao lado e nas páginas seguintes)*.

A investigação mostra, em detalhe, fluxos de dinheiro que passam por envolvidos no desvio de verbas da Petrobras, como o doleiro Alberto Youssef e o empreiteiro Ricardo Pessôa, e terminam engordando contas bancárias e patrimônio de parlamentares, como ÉPOCA on-line revelou na quinta-feira passada com exclusividade. Por causa dessa fundamentação sólida, a PF conseguiu autorizações de três ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), Teori Zavascki, Celso de Mello e Ricardo Lewandowski. As autorizações permitiram o cumprimento de 53 mandados, componentes de seis inquéritos diferentes na Operação Lava Jato. Teori, famoso pelo estilo comedido, mostrou-se satisfeito com as provas da operação até agora, que considera numerosas e consistentes, e afirmou que, cada vez que os investigadores "puxam uma pena, vem uma galinha".

Collor não ousou criticar Teori, re-

DA PETROBRAS PARA COLLOR

Há fortes indícios de que o senador e ex-presidente recebia propina, no esquema para garantir que a UTC e outras empreiteiras mantivessem contratos com a BR Distribuidora, do grupo Petrobras

A SUSPEITA

Collor usou uma empresa de fachada para receber dinheiro de propina. O dinheiro foi "lavado" com a compra de carros de luxo

empregados. Também não tem existência física. Conforme informação policial de campo, no endereço cadastrado como sede da ÁGUA BRANCA PARTICIPAÇÕES LTDA., no Cadastro Nacional de Empresas - CNAE, funcionam outras empresas. Trata-se, provavelmente, portanto, de 'pessoa jurídica de fachada', usada especificamente para lavagem de dinheiro. Seria um alvo natural de diligência de busca e apreensão, mas sua inexistência real inviabiliza a medida.

No entanto, mostra-se necessário apreender os veículos de luxo registrados em nome da empresa, os quais provavelmente se encontram em alguma das residências de FERNANDO COLLOR DE MELLO. Com efeito, há fortes indícios de que tais carros foram adquiridos com uso de recursos de origem ilícita, sendo sua aquisição e registro em nome da ÁGUA BRANCA PARTICIPAÇÕES LTDA. atos de lavagem de dinheiro.

OS INDÍCIOS

1

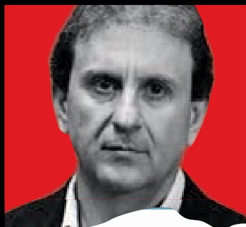
Houve fracionamento de transferências bancárias, em favor de Collor e suas empresas, provavelmente para não chamar a atenção das autoridades

com FERNANDO COLLOR DE MELLO. No entanto, os esclarecimentos da concessionária evidenciam que houve claro fracionamento de transferências, no mesmo dia ou em dias sucessivos, para não chamar a atenção das autoridades de controle financeiro. A maioria das transferências, no total de 12 (doze), veio de conta bancária da empesa GAZETA DE ALAGOAS LTDA. Apenas uma transferência veio de conta bancária da ÁGUA BRANCA PARTICIPAÇÕES LTDA., em nome de quem foi emitida a nota fiscal e o veículo foi registrado. Estranhamente, duas transferências, no valor total



de R$ 225.000,00 (duzentos e vinte e cinco mil reais), vieram de conta bancária da empresa PHISICAL COMÉRCIO IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO LTDA. (CNPJ n. 13.658.204/0001-66). De acordo com informação da Secretaria de Pesquisa Estratégica e Análise da Procuradoria Geral da República-SPEA/PGR, tal empresa, exatamente no ano de 2013, recebeu no total R$ 930.051,00 (novecentos e trinta mil e cinquenta e um reais) de empresas vinculadas a ALBERTO YOUSSEF, como a MO CONSULTORIA, a PIROQUÍMICA e a EXPANDIR PARTICIPAÇÕES, tendo sido a pessoa jurídica em questão alvo de baixa na Receita Federal do Brasil por provável óbito dos sócios no ano de 2013, o que constitui forte indício de que a PHISICAL COMÉRCIO IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO LTDA. era empresa constituída em nome de 'laranjas' para movimentar recursos de origem ilícita. Diante disso, faz-se

2
Duas das transferências para Collor vieram de uma empresa (Phisical) que havia recebido dinheiro de companhias vinculadas ao doleiro Alberto Youssef (MO Consultoria, Piroquímica e Expandir)



3
O informante Rafael Angulo diz que, a pedido de Youssef, entregou R$ 60 mil em dinheiro vivo, em mãos, a Collor

YOUSSEF pediu ao declarante para levar R$ 60.000,00 para FERNANDO COLLOR; Que o declarante questionou se era para ir a Brasília, oportunidade em que YOUSSEF respondeu que não, que a entrega seria feita na casa COLLOR aqui em São Paulo; Que YOUSSEF lhe deu o endereço na Rua dos Ingleses, cujo número não se recorda; Que, porém, pode afirmar que é quase em frente ao teatro Ruth Escobar na Bela Vista; [...] Que o segurança, pelo rádio, solicitou autorização e após algum tempo o segurança o colocou no elevador e subiu; Que saiu no hall do apartamento; Que foi atendido por uma moça morena uniformizada, que parecia ser uma funcionária doméstica; Que ela pediu para aguardar um pouco; Que pouco depois ela voltou e bateu em uma porta do lado esquerdo; Que ouviu o barulho de abrir com chave; Que em seguida, adentrou na porta e foi atendido pessoalmente por FERNANDO COLLOR DE MELLO;[...] Que, porém, como o declarante reconheceu COLLOR e o declarante tinha sido orientado a entregar o dinheiro pessoalmente para ele, o declarante disse: 'eu trouxe sessenta, o senhor sabe?'; Que ele respondeu: 'Sei'; Que então, como a quantia era menos volumosa, sobretudo porque estava

m notas de R$ 100,00, o declarante entregou o valor retamente para COLLOR; [...] Que FERNANDO COLLOR ou os valores e apenas disse 'tudo bem'; Que COLLOR não tou os valores e apenas colocou ao lado; [...] Que confirma o valor entregue foi R$ 60.000,00 em dinheiro; [...] Que

Fotos: Pedro Ladeira/Folhapress e Geraldo Bubniak/AGB/Folhapress

lator da Lava Jato no STF, que julgará os detentores de foro privilegiado eventualmente denunciados por Janot. Assim como Cunha silenciou sobre Moro. Se Collor ler a decisão de Teori, saberá que todas as "arbitrariedades" de que acusa a Procuradoria-Geral da República (PGR) e a PF foram autorizadas pelo ministro. Na operação desencadeada naquela madrugada, havia um alvo especial: a Casa da Dinda, residência de Collor. O ex-presidente removido do cargo em 1992 conseguiu a proeza de entrar novamente para a história política, em um novo verbete. Da Casa da Dinda saíram uma Ferrari, um Lamborghini e um Porsche, levados pela PF. Nisso não houve nenhum abuso ou espetacularização *(leia Nossa Opinião, na página 32)*. Era uma ordem expressa de Zavascki, e não um arroubo de policiais e procuradores. Há suspeita de que sejam fruto de lavagem de dinheiro.

Collor é suspeito de receber propina por meio de contratos da BR Distribuidora, subsidiária da Petrobras. O algoz de Lula na campanha de 1989 tinha dois indicados na diretoria da empresa, Luiz Cláudio Caseira Sanches, ex-diretor da rede de postos de serviço, e José Zonis, ex-diretor de Operações e Logística, ambos ainda atuantes na companhia. Além dos dois, atuava em nome de Collor um operador, figura conhecida de seu período na Presidência da República, o ex-ministro Pedro Paulo de Leoni Ramos.

Segundo a investigação, Collor se valia de uma empresa de fachada para lavar dinheiro. Trata-se da empresa Água Branca Participações, usada pelo senador para comprar um Lamborghini (R$ 3 milhões), uma Ferrari (R$ 2 milhões), um Bentley (R$ 1 milhão) e um Range Rover (R$ 570 mil). "Trata-se, provavelmente (...) de 'pessoa jurídica de fachada', usada especificamente para lavagem de dinheiro", afirma o relatório da investigação *(leia os detalhes ao lado)*. Há mais. O Bentley foi pago por uma firma chamada Phisical Comércio, sediada em São Paulo. Era mais uma empresa de fachada. Tinha dois sócios, que morreram em 2013, não tem funcionários, nem registro na Receita. Apesar de não existir, a Phisical recebeu R$ 930 mil das empresas de Youssef há dois anos. ▶

DA PETROBRAS PARA CIRO NOGUEIRA

De acordo com a investigação, o senador do Piauí pediu propina a um empreiteiro

A SUSPEITA



O senador Ciro Nogueira (PP-PI) solicitou R$ 2 milhões ao empreiteiro Ricardo Pessôa, interessado em manter contratos com a Petrobras

Das provas coligidas até o momento tem-se que Ciro Nogueira solicitou vantagem indevida, consistente no valor de R$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais), ao empresário Ricardo Pessoa cujas empresas são prestadoras de serviço de diversas integrantes da administração indireta, notadamente Petrobras e Eletronuclear.

A solicitação feita pelo Senador CIRO NOGUEIRA foi feita sob o frágil argumento de que precisava do dinheiro porque um de seus parentes estava internado com problemas de saúde.

OS INDÍCIOS

1

O endereço fornecido por Nogueira a Pessôa é o da própria residência

[...]

O endereço fornecido por Ciro Nogueira e anotado por Ricardo Pessoa em uma papel, para a entrega do dinheiro, refere-se à própria residência do Senador, situada na SHIS QI 16, conjunto 01, casa 15, Lago Sul, conforme confirmado por diligência policial feita no local (v. Relatório anexo).

2

O dinheiro seria recebido por alguém de nome "Fernando". Fernando Mesquita, segundo a Polícia Federal, foi assessor de Nogueira na Câmara dos Deputados

Além disso, a referência ao nome 'Fernando' como sendo à pessoa que receberia o dinheiro na residência, também guarda coerência com a realidade dos fatos, visto que em diligência ao local a fim de confirmar o endereço fornecido por Ricardo Pessoa havia na residência um veículo marca VW Golf, cor branca, placa JGJ 6411, de propriedade de Fernando Mesquita de Carvalho Filho CPF [redacted]

[...]

Destaque-se, ainda, que Fernando Mesquita é natural do Piauí, Estado natal do Senador e foi assessor de Ciro Nogueira na Câmara dos Deputados, conforme demonstra levantamento feito pela Polícia Federal.

[...]

Segundo a investigação, um contrato de ao menos R$ 140 milhões, firmado com uma rede de postos da DVBR Derivados, ligada ao banco BTG Pactual, era uma das origens da propina – como ÉPOCA revelou em fevereiro. O BTG negou qualquer conhecimento das acusações feitas por Youssef.

De acordo com Youssef, delator na Lava Jato, a propina foi de R$ 6 milhões. Ele não é o único delator a complicar Collor. Rafael Angulo, responsável pelas entregas de dinheiro a mando de Youssef, descreveu uma entrega de R$ 60 mil. O relatório da delação surpreende pela forma prosaica com que parece ser tratado um malote de dinheiro vivo. "O declarante disse: 'eu trouxe sessenta, o senhor sabe?'; Que ele respondeu: 'Sei' (...) o declarante entregou o valor diretamente para Collor (...) Collor pegou os valores e apenas disse 'tudo bem' (...) Collor não contou os valores e apenas colocou ao lado."

Uma terceira trilha de dinheiro aponta o rumo do senador. Ricardo Pessôa, presidente da empreiteira UTC e também delator, diz que pagou pelo menos R$ 20 milhões de propina a um diretor da BR Distribuidora – também indicado por Collor. "O declarante sabia que por trás da indicação de *(José)* Zonis *(funcionário de carreira da Petrobras e ex-diretor de Operações e Logística da BR Distribuidora)* estava Collor, do contrário não aceitaria pagar 20 milhões de propina", diz trecho do pedido de Janot de autorização do STF para a ação policial. A investigação descobriu ainda que Collor fez sucessivos depósitos em dinheiro vivo nas contas de suas empresas. Para isso, usava dois assessores do Senado, a fim de fracionar os depósitos. Entre 2011 e 2014, os valores somam R$ 770 mil. "Os fatos se relacionam a complexo esquema de recebimento e repasse de valores ilícitos para várias pessoas, mediante a utilização de diversas empresas, com a finalidade de ocultar a origem e o destino final dos recursos envolvidos", afirma o relatório dos procuradores. Diante de tantas evidências, a PF obteve autorização também para fazer buscas nas residências de Zonis e Sanches. A Petrobras informou que ambos foram, agora, afastados dos cargos que ocupavam na empresa – eles deixaram a diretoria da BR Distribuidora em 2013.

Com a mesma leva de mandados, a PF visitou um colega de Collor, o senador Ciro Nogueira (PP-PI). Ele estava escovando os dentes quando foi informado por uma funcionária de que havia um delegado no portão. Quando saíram, os policiais levavam dezenas de milhares de dólares, dinheiro que Nogueira havia separado para viajar com a família para o exterior nesta semana. Ele é suspeito de receber R$ 2 milhões em propina *(leia os detalhes no quadro)*, segundo transcrição inédita da delação premiada do emprei-

deu de modo diverso, pois Alberto Youssef já estava preso. Acerca das declarações, destacou o Procurador-Geral da República que *"diante da situação, o Senador Ciro Nogueira sugeriu que o declarante por meio de uma de suas empresas, celebrasse um contrato de consultoria fictício com o escritório de advocacia Hughes & Hughes de Brasília"* (fl. 7).

Extrai-se também do depoimento do aludido colaborador que *"foi feito um contrato simulado entre a UTC Engenharia e o escritório de advocacia*

em questão; Que nenhum serviço foi prestado; Que o contrato, subscrito pelo advogado Fernando de Oliveira Hughues Filho, previa uma remuneração de R$ 780.000,00 (setecentos e oitenta mil reais), dividida em seis parcelas mensais de R$ 130.000,00 (cento e trinta mil reais), a serem pagas entre agosto de 2014 e janeiro de 2015; Que foram pagos R$ 475.020,00 (quatrocentos e setenta e cinco

Apresentou também o contrato simulado firmado com o advogado Fernando de Oliveira Hughues, que serviu para ocultar a natureza dos recursos e dar aparência de legalidade ao dinheiro que sairia da contabilidade da empresa UTC.

Portanto há sólido material probatório demonstrando o envolvimento do Senador Ciro Nogueira e do advogado Fernando de Oliveira Hughues em fatos ilícitos, em especial nos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro".

3

Para justificar a transferência de outra parte do dinheiro, foi feito um contrato de fachada entre o escritório de advocacia Hughes e Hughes, de Brasília, e a UTC de Pessôa. Pessôa admitiu que pagou sem receber nenhum serviço

DA PETROBRAS PARA DUDU DA FONTE

Uma empresa do deputado recebeu dinheiro de um doleiro do petrolão



A suspeita

O deputado Eduardo da Fonte (PP-PE), conhecido como Dudu, beneficiou-se de verba desviada da Petrobras

"[...] foram verificados pagamentos do POSTO DA TORRE LTDA., do doleiro CARLOS HABIB CHATER, para a empresa ADPL MOTORS LTDA., pertencente a EDUARDO DA FONTE. A mesma empresa posteriormente efetuou doações para sua campanha.

Estas novas informações, aliadas às demais provas coligidas, constituem relevantes elementos de convicção a apontar que EDUARDO DA FONTE recebeu recursos oriundos do esquema de paga1nento de propinas na PETROBRAS, tendo dissimulado sua origem ilícita ao utilizar a técnica da 'mescla' desses recursos com o fluxo financeiro da pessoa jurídica ADPL MOTORS LTDA.

Os indícios

Um doleiro envolvido no petrolão, Carlos Chater, usou uma empresa para fazer pagamento e doação de campanha para o deputado

teiro Ricardo Pessôa, da UTC. Segundo o empresário, Nogueira havia pedido o dinheiro alegando precisar ajudar um parente com problemas de saúde. "Ciro Nogueira se mostrou agradecido, afirmando que 'haveria contrapartida'", afirma o relatório da Procuradoria. De acordo com Ricardo Pessôa, a casa do senador em Brasília – a mesma que recebeu a visita de policiais – era o local das entregas. Foram três, totalizando R$ 1,4 milhão. O empreiteiro disse ainda que uma pessoa chamada "Fernando" era o responsável pelo recebimento. Os investigadores não se contentaram com as palavras de Pessôa, como tanto reclamam os críticos da delação premiada. Em diligência na casa do senador, descobriu-se um Golf estacionado na garagem, registrado em nome de um Fernando Mesquita, ex-assessor de Nogueira quando ele era deputado.

Outro delator, Rafael Angulo, disse que fez entregas no mesmo endereço. A ordem era do doleiro Alberto Youssef, e o dinheiro também vinha de Pessôa, da UTC. Os depoimentos dos delatores convergem. Uma anotação de Angulo obtida pelos investigadores trata da entrega de valores na casa de Nogueira, com a observação de "Fernando". Além das entregas em dinheiro vivo, Pessôa disse ter feito um contrato fictício de R$ 780 mil com um escritório de advocacia apontado por Nogueira. O contrato foi entregue aos investigadores. O senador nega. "Com relação às afirmações feitas pelo delator Ricardo Pessôa divulgadas na imprensa, esclareço que as acusações são totalmente infundadas, sem base em qualquer prova, e que confio plenamente que, ao final desse processo, a verdade irá vir à tona e corrigir a injustiça de que estou sendo vítima", afirmou.

Na Câmara, o principal alvo da Operação Politeia foi o deputado Eduardo da Fonte (PP-PE). Ele é duplamente suspeito, acusado de receber dinheiro para melar uma CPI da Petrobras em 2009 e de ganhar propina com o esquema que a CPI deveria descobrir. De acordo com a investigação, o doleiro Carlos Habib Chater usou seu posto de gasolina para fazer dois depósitos em 2011, totalizando R$ 46 mil. O destino do dinheiro foi uma empresa de Eduardo da Fonte, a ADPL Motors. Essa mesma empresa foi usada, depois, para bancar a campanha do deputado em 2014, com doação de R$ 250 mil. "A necessidade de busca e apreensão nos endereços da empresa ADPL surge da necessidade de que sejam colhidos outros elementos de convicção referentes aos depósitos já identificados e, eventualmente, de outros fatos de natureza semelhante", diz o pedido do procurador-geral da República. Em nota, o deputado disse estar "à disposição da Justiça para colaborar no que for possível para esclarecer logo todos os fatos". "Esclarecer os fatos" é o objetivo central da Lava Jato em sua nova fase. ◆

Foto: Sergio Lima/Folhapress e Edvaldo Rodrigues/DP/D.A Press

AS AÇÕES DA POLÍCIA TERÃO CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS?

SIM

Eduardo Cunha, acusado de receber US$ 5 milhões de propina, rompeu com o governo. Não é mais adversário. É inimigo

Flávia Tavares

Perto das 11 horas da manhã da sexta-feira, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, do PMDB do Rio de Janeiro, colocou-se diante de dezenas de microfones e gravadores para anunciar o inevitável. Como antecipara com exclusividade a coluna Expresso, de ÉPOCA, na véspera, ele estava ali para anunciar sua ruptura com o governo Dilma. "Eu, a partir de hoje, me considero em rompimento pessoal com o governo." Cunha estava calmo. Nas frases que se seguiram, alternou ameaças com agressões, sem se exaltar. Primeiro, exibiu a extrema influência que exerce sobre seu partido: "Vou pregar no congresso do PMDB, em setembro, que o PMDB rompa com o governo. Saia do governo". Depois, enviou um recado pouco sutil ao governo e a seu homem forte, o ministro Aloizio Mercadante. "Tem um bando de aloprados no Planalto que vive desse tipo de circunstância, de criar constrangimento. Eles é que devem ser investigados." Um repórter perguntou quem seriam os aloprados. Cunha respondeu: "É um bando. É muita gente, né?". E riu. Agora, Cunha não é mais adversário do governo e do PT. É inimigo.

O anúncio do rompimento era inevitável porque, na véspera, Cunha se tornara alvo da mais recente acusação de um delator da Operação Lava Jato. Em depoimento ao juiz Sergio Moro, o lobista Júlio Camargo disse ter pago, em 2011, US$ 5 milhões em propina a Eduardo Cunha. A bolada seria para garantir a manutenção de dois contratos da Samsung, representada por Camargo, com a Petrobras. Camargo disse que o intermediário da negociata foi Fernando Soares, o Baiano. Camargo pediu para falar diretamente com Cunha, mas ouviu de Baiano: "Ele não quer conversar com você. Ele quer receber". Segundo Camargo, Cunha acabou cedendo. O encontro entre os três, ainda segundo Camargo, aconteceu num prédio comercial do Leblon, no Rio. O delator diz que Cunha foi "amistoso". "Não aceito que pague só a minha parte. Pode até pagar o Fernando mais dilatado, mas o meu eu preciso rapidamente", cobrou Cunha, de acordo com o delator. As acusações contra Cunha motivaram panelaços durante sua fala na TV na sexta-feira à noite.

Cunha acusa Camargo de mentiroso. Ele diz também que, por ter foro privilegiado, seu processo tem de ser conduzido no Supremo Tribunal Federal e esse depoimento de Camargo não poderia ser dado ao juiz da primeira



FORÇA
Eduardo Cunha no plenário da Câmara. Ele vai investir contra o PT, talvez poupando apenas Lula, com quem tem boas relações

instância. Cunha afirma ainda que o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, coagiu Camargo a mentir, quando ameaçou o delator de suspender seus privilégios se ele não contasse tudo o que sabe. Cunha acusa o procurador-geral da República de agir no interesse do governo. "O governo nunca me quis e não me quer como presidente da Câmara. O governo não me engole, tem um ódio pessoal contra mim", disse Cunha, na manhã da sexta-feira. O deputado já havia avisado: se as denúncias chegassem a sua porta, ele ia recrudescer – e muito – sua oposição ao Planalto. A delação de Júlio Camargo, assim, pode ter levado definitivamente a crise policial para a esfera política.

Cunha é o presidente da Câmara mais poderoso desde a redemocratização. Ele propagandeia ter mais da metade dos deputados sob sua batuta. Sua liderança não foi conquistada apenas com cargos e favores. Cunha é poderoso porque sabe fazer política. Sabe navegar as correntes mais traiçoeiras que atravessam Brasília. Recua quando é o momento certo. Pretende usar essa astúcia para arruinar a agenda do governo petista. Até aqui, embora Cunha já mantivesse controle sobre a pauta da Câmara e tivesse imposto uma derrota ou outra ao Planalto, o deputado sempre esteve aberto a aprovar projetos de extrema importância para o país – ou, mais relevante ainda, para seus aliados e financiadores. O ajuste fiscal passou. Joaquim Levy, ministro da Fazenda, foi recebido cordialmente na Casa. Cunha ainda se dispunha a jantar e dialogar com a presidente Dilma Rousseff. Essa era pode ter acabado com a delação de Júlio Camargo – embora o PMDB, em nota emitida na sexta-feira, tenha dito que a decisão de rompimento de Cunha era eminentemente "pessoal".

> **"Saiba que o presidente da Câmara agora é oposição ao governo. Politicamente, estou rompido"**
>
> **Eduardo Cunha,** em seu Twitter, na sexta-feira

Cunha tem várias maneiras de atingir o governo. Uma delas é a instalação – e o controle – de CPIs. Ele já é "dono" da CPI da Petrobras, com aliados como membros titulares da comissão. Horas depois de romper com o governo, instalou mais duas: uma para investigar os fundos de pensão e outra para apurar desvios no BNDES. As duas atingem o PT. Por ser extremamente bem informado, Cunha não vai apenas instalar as comissões. Vai investigar o PT para valer. Talvez poupe o ex-presidente Lula, com quem mantém boas relações. Mas a trupe de Dilma, que inclui o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, e o da Casa Civil, Mercadante, não verá misericórdia. Cunha vai se voltar também contra o procurador Janot *(leia a reportagem na página 50)*. Sua recondução ▶

Foto: Renato Costa/Frame/Agência O Globo.

ao cargo, em setembro, depende, inicialmente, da nomeação de Dilma. Mas também depende da aprovação do Senado. Cunha deve trabalhar para influenciar senadores contra Janot. Na CPI da Petrobras, ele vai intensificar as investigações sobre a vida de Janot e de seus assessores, além de esquadrinhar contratos e gastos da Procuradoria-Geral da República em busca de irregularidades que possam queimar seus inimigos. Outra arma para afligir o Planalto é a atribuição das comissões parlamentares, que Cunha também controla, de convocar ministros. Não são comissões investigativas. Porém, assistir, dia após dia, a um titular da Esplanada tentando dissertar sobre a crise atual é um desgaste lento e doloroso.

A ruptura de Cunha com o governo não é uma ação intempestiva – o que não quer dizer que ele não esteja irritado. Em uma conversa com o vice-presidente da República, Michel Temer, na Base Aérea de Brasília, na véspera de seu rompimento, a irritação de Cunha era notável. Mas ele teve calma para comunicar a Temer sua decisão e se tornar, se e quando for o caso, o líder do movimento de cisão entre PMDB e PT, num futuro talvez não muito distante. Na semana passada, o PMDB aparecia como uma espécie de guarda pretoriana do Palácio do Planalto. O trio formado por Renan Calheiros, Temer e Cunha, por interesse próprio, era uma espécie de garantidor do mandato de Dilma Rousseff – como ÉPOCA publicou na semana passada. Agora, uma das três pernas do banquinho pode ter-se quebrado.



UM A MENOS
Capa de ÉPOCA na semana passada. Eduardo Cunha, um dos guardas do Palácio, abandonou o posto

"Se o PMDB acompanhar a decisão de Cunha, configura-se a situação necessária para um impeachment", diz Carlos Pereira, professor da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getulio Vargas. A insurreição de Cunha não é suficiente para levar ao impeachment de Dilma. Mas, se o cenário político piorar e se as contas do partido forem rejeitadas pelo Tribunal de Contas da União *(leia a entrevista com Augusto Nardes na página 52)*, Cunha estará muito mais predisposto a encaminhar um pedido de impeachment na Câmara do que estaria há uma semana. Antes ele pensaria dez vezes; agora talvez pense, no máximo, duas.

Claro que, paralelamente a isso, Cunha terá de lidar com as acusações contra ele. Depois que a investigação sobre Cunha for concluída, o procurador-geral da República decidirá se apresenta denúncia. O ministro Teori Zavascki, do Supremo, vota se aceita ou não a denúncia – e esse voto ainda seria apreciado pela Segunda Turma da corte. Só então Cunha viraria réu. Por enquanto, Cunha deve continuar se apresentando como vítima política de um conluio entre Janot e o Planalto. "Cunha tenta se personificar como o representante perseguido de um Parlamento independente", diz o cientista político Leonardo Barreto. Nessa posição, pode angariar ainda mais apoio de parlamentares que se sentem, há tempos, abandonados pelo governo. ◆

Com *Aline Ribeiro* e *Pedro Marcondes de Moura*

O ARSENAL DE CUNHA CONTRA O GOVERNO

Acusado por um delator da Lava Jato de receber uma propina de US$ 5 milhões, o presidente da Câmara rompeu com o governo. Aqui estão algumas das armas que ele pode usar para atrapalhar a vida do Planalto

1 Instalação de CPIs
Além de já comandar a CPI da Petrobras, Cunha pretende instalar outras duas: uma para investigar fundos de pensão; outra, desvios no BNDES

2 Convocação de ministros
Nas comissões parlamentares, Cunha pode convocar titulares das Pastas para explicar suas ações. Isso deve gerar grande desgaste por causa da crise atual

3 Articulação para desfazer a base
Com seu poder de convencimento, Cunha pode angariar mais parlamentares e partidos a não só abandonar, mas a atacar o governo

4 Controle da pauta da Câmara
Cunha sempre dispôs dessa arma, mas se mostrou comedido em seu uso até aqui. Agora, deve trabalhar para derrotar qualquer projeto do Planalto

AS AÇÕES DA POLÍCIA TERÃO CONSEQUÊNCIAS ECONÔMICAS?



TUDO PARADO
O ministro Joaquim Levy. O terremoto na política atrapalha o ajuste fiscal

SIM

Segundo a agência Moody's, a incerteza política pesa sobre as empresas e espanta investidores

Graziele Oliveira

A fraqueza da economia brasileira continuará a pairar como nuvens pesadas sobre o país até, pelo menos, meados de 2016. A afirmação foi feita num relatório divulgado na quinta-feira passada pela agência de classificação de risco Moody's. Há várias razões puramente técnicas e econômicas para que o Brasil não consiga crescer. Mas a agência destacou um fator em relação aos outros: a incerteza política e a investigação dos esquemas de corrupção, que envolvem atores políticos chaves e pesam sobre várias das maiores empresas do Brasil.

Os desdobramentos da Operação Lava Jato levaram os investidores a ficar mais cautelosos em relação ao Brasil. "As investigações de corrupção pressionaram significativamente a economia brasileira, arrastando os setores de engenharia e construção e energia, consequentemente afetando também as indústrias de aço e materiais de construção", afirma, no relatório, o analista Marcos Schmidt, da Moody's.

Na Câmara e no Senado, ficou evidente como o conflito político afetará ainda mais a economia. O presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), rompeu com o governo depois de ser incluído nas investigações *(leia mais a respeito a partir da página 44)*. E Cunha pode decidir o que entra ou não em votação no Congresso. "O efeito do cenário político vai direto na veia do cenário econômico. Se olharmos os indicadores que temos hoje, o Brasil já perdeu o selo de investimento seguro", diz Simão Silber, professor do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo (USP). Esse selo, chamado grau de investimento, é dado por agências como a Moody's. Segundo Silber, como a guerra entre as esferas executiva e legislativa se acirra a cada dia, torna-se difícil aprovar as medidas de ajuste das contas públicas, necessárias para que o governo brasileiro seja considerado um pagador confiável. A guerra de poderes mutila as medidas pontuais, que deveriam ser urgentes, e impede qualquer discussão de reformas mais profundas, necessárias para aumentar as chances de crescimento futuro. Enquanto isso, crescem o desemprego e a inflação. "Está claro que o prometido em janeiro de 2015 (no ajuste das contas públicas) não vai ocorrer", diz Silber. "As medidas propostas inicialmente estão sendo sabotadas o tempo todo, tanto no Senado quanto na Câmara." Assim, torna-se impossível que o Brasil atinja sua meta de saldo primário, o resultado de todas as receitas e despesas do governo, exceto gastos com pagamento de juros. O saldo positivo prometido no início do ano para 2015 era correspondente a 1,1% do PIB, ou R$ 66,3 bilhões.

Silber compara o atual momento com o governo Collor (1990-1992), quando uma crise política afetou de maneira drástica a economia. A situação era semelhante à de hoje: política desorganizada, presidente sem apoio no Congresso, crise econômica e dificuldade de adotar medidas para enfrentá-la. A presidente Dilma Rousseff tentou resolver o problema, nos últimos meses, ao atribuir negociações políticas e econômicas a especialistas – respectivamente, o vice-presidente, Michel Temer, e o ministro da Fazenda, Joaquim Levy. Deu errado. Dilma se tornou mais fraca e os problemas mais perigosos. ◆

Foto: Ueslei Marcelino /Reuters

LULA VAI DEPOR NA JUSTIÇA? TALVEZ

O Ministério Público abriu Procedimento Investigatório Criminal contra Lula – e pediu ajuda da Lava Jato. Se for chamado, Lula terá de comparecer

Thiago Bronzatto

Em abril deste ano, ÉPOCA noticiou, em reportagem de capa, uma investigação do Ministério Público Federal sobre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Um fato chamava a atenção do MP. Havia uma sincronia entre viagens internacionais de Lula, em palestras pagas pela construtora Odebrecht, e o fechamento de contratos da própria Odebrecht. Muitos desses negócios eram viabilizados com empréstimos do BNDES. Agora, o MP decidiu aprofundar a investigação. Em portaria do dia 8 de julho, o Ministério Público Federal instaurou um Procedimento Investigatório Criminal contra o ex-presidente por suspeita de tráfico de influência internacional – e pediu a colaboração da força-tarefa da Lava Jato. A portaria foi assinada pelo procurador da República, Valtan Timbó Martins Mendes Furtado *(leia ao lado)*.

A parceria com os investigadores da Lava Jato é uma novidade. O MPF solicitou o acesso a notas fiscais, mensagens, e-mails, planilhas, agendas, bilhetes, dados bancários e outros materiais em posse da força-tarefa da Lava Jato que eventualmente tenham relação entre Lula e as obras executadas pela Odebrecht fora do Brasil, financiadas pelo BNDES. Enquanto esses documentos não chegam a Brasília, os investigadores do MPF vão analisar diversos CDs com dados bancários de operações de crédito realizadas entre o banco e a Odebrecht. Nos próximos dias, o Itamaraty deverá enviar cerca de 2 mil telegramas, incluindo os sigilosos, que fazem referência às relações entre a construtora e o ex-presidente. Os contratos assinados entre Lula e a Odebrecht para a realização de palestras na América Latina e na África também serão examinados com lupa. Além disso, o MPF deverá averiguar as informações dos voos realizados por Lula para o exterior. Os investigadores querem saber quem fretou os aviões, os nomes dos tripulantes e os motivos das viagens. Para explicar essas e outras questões, Lula poderá ser convocado para depor a qualquer momento do inquérito.

Em junho, ÉPOCA revelou um relatório da Polícia Federal com as entradas e as saídas do país realizadas pelo ex-presidente entre 2011 e o início deste ano. Ao todo, são 78 trechos de voos internacionais. Em algumas dessas rotas, Lula foi acompanhado por Alexandrino Alencar, ex-diretor de relações institucionais da Odebrecht. Os dois mantêm uma relação próxima desde quando Lula estava no Planalto. Já era de conhecimento público que eles viajaram juntos para Cuba e Gui-

NA MIRA
O ex-presidente Lula, alvo de Procedimento Investigatório Criminal *(leia abaixo)*. No detalhe, capa de ÉPOCA, de maio, que revelou as suspeitas de tráfico de influência

PR-DF - 26687/2015

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO DISTRITO FEDERAL

NF n. 1.16.000.000991/2015-08

PORTARIA DE INSTAURAÇÃO DE PROCEDIMENTO INVESTIGATÓRIO CRIMINAL N. 66 /2015, de 8 de julho de 2015.

RESOLVE instaurar PROCEDIMENTO INVESTIGATÓRIO CRIMINAL, para apurar a possível prática de crime(s), no contexto acima referido, determinando as seguintes providências:

a) registre-se e autue-se o procedimento, consignando na capa: "Autor(es) da representação: PR-DF; Assunto: Possível ocorrência, entre os anos de 2011 e 2014, de tráfico de influência (arts. 332 e 337-C do Código Penal) na atuação do ex-Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, o qual teria obtido vantagens econômicas da empreiteira Odebrecht, a pretexto de influir em atos praticados por agentes públicos estrangeiros, notadamente dos governos da República Dominicana e de Cuba (neste caso, em relação a obras financiadas pelo BNDES), e por agentes públicos federais brasileiros.";

... 2ª Câmara ...

...peração em contas de Luiz Inácio Lula da Silva, ... LILS Palestras ... Eventos e Publicidade ou do Instituto Lula.

Valtan Timbó Martins Mendes Furtado
Procurador da República



né Equatorial. ÉPOCA revelou novos destinos percorridos por Lula e Alexandrino, como Angola, Colômbia, Equador, Gana, Panamá, Peru e Portugal.

A Procuradoria da República no Distrito Federal também apura se Lula teria feito lobby com Luciano Coutinho, presidente do BNDES, em favor das obras da Odebrecht no exterior. Ao todo, US$ 10 bilhões do BNDES foram destinados, entre 2007 e 2014, a obras realizadas pela Odebrecht fora do país. A reportagem publicada por ÉPOCA em abril citava quatro casos de países visitados por Lula, em viagens bancadas pela Odebrecht, que depois receberam empréstimos para obras executadas pela empreiteira: República Dominicana (US$ 656 milhões para a construção de uma central termelétrica), Gana (US$ 700 milhões para obras de corredores viários), Cuba e Venezuela. Na ocasião, por meio do presidente do Instituto Lula, Paulo Okamotto, Lula negou que suas viagens fossem lobby em favor da Odebrecht e negou que prestasse consultoria para a empresa. Apenas fazia palestras com o objetivo de "cooperar para o desenvolvimento da África e apoiar a integração latino-americana".

A força-tarefa da Lava Jato também está analisando os recursos transferidos do BNDES para as empresas envolvidas no escândalo do petrolão e os pagamentos realizados por essas companhias para a L.I.L.S. Palestras, Eventos e Publicidade, de Lula. Segundo ÉPOCA apurou, a L.I.L.S. consta numa lista de empresas que receberam recursos das empreiteiras envolvidas em desvios de recursos da Petrobras. Além da Odebrecht, a Andrade Gutierrez, a Camargo Corrêa, a OAS e a Queiroz Galvão também bancaram as viagens de Lula ao exterior. Algumas delas fizeram doações para o Instituto Lula. Agora, os investigadores de Curitiba deverão compartilhar essas informações com o MPF em Brasília. As duas investigações, embora ocorram em lugares e com propósitos diferentes, deverão convergir.

A defesa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) entrou com uma reclamação disciplinar no Conselho Nacional do Ministério Público para requerer apuração da conduta do procurador Valtan Timbó Mendes Furtado – autor do pedido de investigação. Em nota divulgada nesta sexta-feira, dia 17, o Instituto Lula informou que sua defesa pediu "nulidade de inquérito irregular à Corregedoria do Ministério Público". Lula também pediu sigilo sobre a investigação, e o sigilo foi decretado.

Procurada por ÉPOCA, a Odebrecht diz que "mantém uma relação institucional com o ex-presidente de forma transparente". O BNDES disse que o ex-presidente Lula não interferiu, nem poderia ter interferido, em nenhum dos processos, que "seguem todos os critérios impessoais de análise comuns a todos os projetos do banco". ◆

Foto: Mourão Panda/FotoArena

JANOT TERÁ VIDA FÁCIL? NÃO

Ele deverá ser indicado por Dilma para mais um mandato. Mas é certo também que o Senado dificultará sua recondução

Leandro Loyola

Quando está à vontade no trabalho com os mais próximos, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, gosta de usar ditados típicos de sua Minas Gerais natal. Janot usa expressões como "pau que dá em Chico, bate em Francisco" ou "pular o corguinho" (pular um córrego pequeno, que significa passar dos limites) com frequência. Na semana passada, no entanto, Janot foi muito além. Para recorrer a outro ditado, este com origem na Roma Antiga, atravessou um Rubicão (o rio que Júlio César cruzou em sua ofensiva para virar imperador romano). Ao anunciar a Operação Politeia, que entrou em residências dos senadores Fernando Collor, do PTB, e Ciro Nogueira, do PP, para recolher provas, na formalidade que a ocasião exigia, falou até em latim. "*Adsumus*", ou "aqui estamos", disse ao anunciar o trabalho.

Aos 59 anos, no topo da carreira, Janot vive o auge de seu prestígio pessoal, o maior desafio de sua carreira e, quiçá, o maior desafio da história do Ministério Público Federal. Janot é o condutor dos inquéritos da Lava Jato que alcançam os políticos com foro privilegiado. Se o juiz Sergio Moro é o nome mais lembrado nas imprecações dos políticos implicados com corrupção, o de Janot vem logo depois. Como no caso de Moro, em Curitiba, pelo gabinete de Janot circulam informações capazes de decidir o futuro do país. Por isso, além da força-tarefa de procuradores no Paraná, apenas uma equipe mais restrita de procuradores recrutados por Janot tem acesso ao material da operação.

Daqui a dois meses será decidido se Janot terá direito a mais um mandato de dois anos. Nunca um candidato a procurador-geral foi tão forte entre os colegas quanto ele. Há poucas dúvidas de que Janot será o mais votado por seus cerca de 1.200 colegas. O prestígio angariado pela Lava Jato ajuda muito: ao pedir a abertura de inquérito contra parlamentares do calibre dos presidentes do Senado, Renan Calheiros, e da Câmara, Eduardo Cunha *(leia reportagem na página 44)*, Janot deu ao Ministério Público um enorme ganho de imagem como instituição destemida no combate à corrupção. Os procuradores se beneficiam disso – de um modo bem palpável. Janot conseguiu vantagens como o pagamento de um auxílio-moradia, que significa R$ 4.700 líquidos mensais na conta de quase todos os procuradores. Passou a pagar uma gratificação por



O VOO DO TUIUIÚ **O procurador-geral Rodrigo Janot. Ele tem apoio dos colegas para o maior desafio da história do Ministério Público**

"acumulação de ofício", um extra para quem acumula temporariamente o trabalho de um colega. Mais importante, em um momento de arrocho nos gastos do governo, Janot obteve um aumento salarial de 21% para a categoria.

Um sinal claro do prestígio e da força de Janot são seus concorrentes ao cargo. As subprocuradoras-gerais Deborah Duprat e Ela Wiecko, que pertencem à mesma turma de Janot e concorreram ao cargo nos últimos anos, desta vez não se candidataram, um sinal de unidade em torno do colega. Janot é egresso da Confraria do Tuiuiú, um lendário grupo de procuradores que, na década de 1990, se reunia às sextas-feiras em um bar em Brasília para conspirar contra o procurador-geral da ocasião, Geraldo Brindeiro, conhecido por engavetar investigações incômodas ao governo de Fernando Henrique Cardoso. Os tuiuiús eram Cláudio Fonteles, Antonio Fernando de Souza, Roberto Gurgel, Rodrigo Janot e Wagner Gonçalves, que queriam um Ministério Público mais atuante. Adotaram para o grupo o nome da ave desengonçada, que não consegue voar, porque não conseguiam chegar ao poder.

A despeito do folclore autodepreciativo, os tuiuiús começaram a ocupar cargos na corporação. Desde 2003, quando o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva escolheu como procurador-geral Cláudio Fonteles, todos os procuradores foram tuiuiús – e causaram danos irremediáveis ao governo e ao PT. Seu sucessor, Antonio Fernando de Souza, conduziu a investigação do escândalo do mensalão e sustentou que o mensalão se tratava de compra de apoio no Congresso. Roberto Gurgel, seu sucessor, participou do julgamento no Supremo, que levou à cadeia, entre outros, o ex-ministro José Dirceu. Os tuiuiús hoje estão rompidos. Fonteles, Wagner e Janot formam uma turma, enquanto Antonio Fernando e Gurgel formam outra; e as duas se estranham. Desde que Antonio Fernando, aposentado, se tornou advogado do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, o rompimento com Janot se transformou em hostilidade.

DOS 16 TITULARES DA CCJ DO SENADO, CINCO SE TORNARAM ALVOS DE JANOT NA OPERAÇÃO LAVA JATO

Se há poucas dúvidas de que Janot será o mais votado entre os colegas e de que a presidente Dilma Rousseff respeitará a tradição de indicar o primeiro da lista, há certezas que seu caminho será difícil. Janot terá de ser sabatinado e aprovado no Senado – em votação secreta. Janot terá de passar pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), na qual cinco dos 16 titulares tornaram-se alvo dele na Lava Jato. Um sexto – Jorge Viana, do PT – é irmão de outro investigado – o governador do Acre, Tião Viana. Outros dois são investigados pela turma de Janot com autorização do Supremo. No plenário, 12 dos 81 senadores estão encrencados na Lava Jato. Vida de tuiuiú não é fácil. Entre eles, a de Janot deve ser a mais complicada de todas. ◆

Foto: Gustavo Moreno/CB/D.A Press

AUGUSTO NARDES

"O Tribunal já havia alertado para as pedaladas"

O relator no julgamento das contas do governo diz que as irregularidades são graves. Uma reprovação do Tribunal pode dar munição aos que querem o impeachment de Dilma Rousseff

Leandro Loyola e **Murilo Ramos**

O ministro Augusto Nardes voltou ao Tribunal de Contas da União (TCU) na semana passada, após sete dias de afastamento. "Saí um pouco para evitar a pressão", afirma. As circunstâncias transformam Nardes em um dos personagens mais visados hoje por governo e oposição. Ele é o relator das contas do governo da presidente Dilma Rousseff em 2014. São significativas as chances de, no julgamento em agosto, ele e os colegas reprovarem as contas devido às alquimias da contabilidade criativa da equipe do então ministro Guido Mantega. Na pior delas, por falta de dinheiro do governo, bancos oficiais pagaram benefícios sociais para receber depois, uma inversão de papéis proibida e que ficou conhecida como "pedalada". Caso isso aconteça, o Congresso pode rejeitar as contas de Dilma – e fornecer um argumento concreto para os que querem o impeachment da presidente. "O Tribunal já vinha alertando o governo para a questão das pedaladas", afirma Nardes nesta entrevista a ÉPOCA. Até o julgamento, Nardes andará acompanhado por seguranças.

ÉPOCA – Como está a pressão sobre o senhor e o Tribunal por causa das pedaladas?
Augusto Nardes – Faz parte do jogo. Recebi quatro ministros do governo. O mais importante foi o *(ministro da Fazenda)* Joaquim Levy. O *(advogado-geral da União, Luís Inácio)* Adams veio várias vezes.

ÉPOCA – O que eles disseram ao senhor?
Nardes – O *(ministro-chefe da Casa Civil, Aloizio)* Mercadante disse que as pedaladas já tinham acontecido em outros anos, o Adams também falou. Mas nós já estamos alertando o governo sobre as pedaladas há algum tempo.

ÉPOCA – O que disse o ministro da Fazenda, Joaquim Levy?
Nardes – Ele tentou ponderar esses aspectos, mas não entrou muito nos detalhes da situação anterior, que era do ministro Guido Mantega. O Levy está fazendo um trabalho muito importante para o país, de tentar acertar uma situação pela qual ele não é responsável. Eu o achei muito equilibrado.

ÉPOCA – Ele se comprometeu em acabar com as pedaladas?
Nardes – Ele colocou isso, mas não com uma ênfase maior. Contou o que estava fazendo para tentar buscar o equilíbrio do país, todo o esforço que estava fazendo.

ÉPOCA – O que os ministros querem?
Nardes – Eles defendem as posições do governo que estão aí em público. Faz parte. Eu recebi também pessoas da oposição, senadores, o Aécio Neves, o Aloysio Nunes, o Ronaldo Caiado, deputados. Acho que faz parte do jogo democrático. O TCU é um dos guardiões da Lei de Responsabilidade Fiscal e tem de ficar atento ao que está acontecendo. Nossa decisão não foi inventada por mim: foi feito um trabalho técnico, pelos auditores, e o ministro José Múcio relatou. Há dois pontos que considero mais importantes: as pedaladas e o contingenciamento. Sobre as pedaladas, ▸

Foto: Adriano Machado/ÉPOCA



PRESSÃO
O ministro Augusto Nardes em seu gabinete. Ele alertou Dilma para problemas nas contas em 2014

já foi tomada uma decisão, há um acórdão. O ministro José Múcio disse: o caso das pedaladas é como se fosse um cheque especial. Sem autorização do Congresso, o governo gastou próximo de R$ 40 bilhões. E tem o contingenciamento, outro aspecto importante. Eu mostro o que aconteceu em 2011, 2012 e 2013. No caso de 2014, período de eleição, não foi feito contingenciamento de R$ 28,5 bilhões – e, além de não fazer, foram autorizados *(gastos)* de R$ 10 bilhões a mais. As contas não fecharam de forma positiva, tivemos um *deficit* de R$ 22,5 bilhões. São dois fatos importantes. Há também a questão do FGTS: foram usados R$ 6,5 bilhões do trabalhador, sem data de retorno.

ÉPOCA – O governo trata as pedaladas como uma operação rotineira, um ajuste de cálculos. O que o senhor acha desse argumento?
Nardes – O Tribunal já vinha alertando o governo para essa questão, como também para a contabilidade criativa. Já vínhamos alertando de que excessos vinham sendo cometidos. No ano passado, conversei longamente com a presidente Dilma, tentando auxiliar o governo. Disse a ela que R$ 2,3 trilhões – não estou falando de bilhões, estou falando de trilhões – não foram contabilizados da previdência autuarial, que é a projeção da aposentadoria de todos os brasileiros. Por que isso é importante? Porque, se não tomarmos medidas preventivas, iremos pelo mesmo caminho de países como Espanha, Portugal e Grécia – e, em curtíssimo espaço de tempo, não poderemos pagar os aposentados. Eu alertei a presidente Dilma. Eles contabilizaram uma parte neste ano, não tudo. Mas, mesmo com a contabilidade, não dá para fazer uma avaliação se o patrimônio do país é positivo ou negativo.

“Eu alertei a presidente Dilma no ano passado, durante o período da Copa”

ÉPOCA – Quando foi isso?
Nardes – Eu alertei a presidente no ano passado, durante o período da Copa. Ela chamou o Mantega, e ele tomou algumas providências. A proposta no ano passado já era pela rejeição das contas *(do governo)*. Eu disse no meu voto que as contas “não estão em condições de ser aprovadas”. O ministro Raimundo Carreiro falou comigo, eu estava na presidência, eu falei com o governo e chamamos o Mantega aqui.

ÉPOCA – O que o ministro Guido Mantega disse?
Nardes – Ele foi chamado, veio aqui. O Mantega conversou com o ministro Raimundo Carreiro e tomou algumas providências. No ano passado, o Tribunal propôs aprovar com ressalvas as contas do governo. Mas aí nós fomos ver, as pedaladas eram graves. O fato de eu propor 30 dias para o governo se defender é para estabelecer o contraditório. Estou esperando que o governo consiga trazer uma explicação plausível.

ÉPOCA – Assusta o senhor a reação do governo diante da postura do TCU?
Nardes – A reação é natural, porque qualquer governo quer que tudo corra bem. O voto foi basicamente técnico e baseado em uma decisão já tomada pelo Tribunal. O fato de termos alertado e não termos sido ouvidos leva a uma situação dessas, em que pela primeira vez se propõe um contraditório para tomar uma decisão sobre um tema que há muitos anos o Congresso não examina *(desde 1992 o Congresso não vota os relatórios do TCU sobre contas dos governos)*. As instituições têm de ser fortes, cada uma tem de cumprir com seu papel. Nós cumprimos nosso papel técnico. Isso foi elaborado por uma equipe de mais de 30 auditores que encontraram esses números. Eu sou o porta-voz desse trabalho do Tribunal de Contas da União. O governo tem de responder a isso, porque a sociedade quer transparência em relação aos recursos pagos pelos impostos.

ÉPOCA – O governo argumenta que as pedaladas existiram nas gestões anteriores e que o TCU nunca ligou.
Nardes – O Tribunal alertou o governo várias vezes.

ÉPOCA – O julgamento no TCU poderá levar o Congresso a rejeitar as contas do governo Dilma e abrir caminho para o impeachment. O senhor pensa nisso?
Nardes – Nosso juízo é técnico. Estamos fundamentados em números, feitos por uma equipe de excelência.

ÉPOCA – A AGU estuda, se perder, contestar o julgamento no Supremo Tribunal Federal. Vai dizer que o senhor não poderia se manifestar antes do voto.
Nardes – Eu não me manifestei antes. Estou falando em cima do relatório que foi feito pelo ministro José Múcio. Eu não me manifestei em relação ao meu voto futuro.

ÉPOCA – O advogado Thiago Cedraz, filho do presidente do Tribunal, Aroldo Cedraz, é acusado na Operação Lava Jato de fazer tráfico de influência aqui no Tribunal. Como fica a imagem da instituição?
Nardes – Eu não conheço bem a situação, então não posso me manifestar.

ÉPOCA – O senhor passou a andar com seguranças por causa do caso das pedaladas ou é usual?
Nardes – Eu tenho família, não é? Então, tenho de proteger a família. Eu andei mais com segurança nos dias dos votos. Agora, estou mais tranquilo.

ÉPOCA – Houve ameaças por causa desse caso?
Nardes – Por enquanto, só por mensagens. O que está acontecendo é uma guerra de informações. ◆

Histórico, para o b

O acordo entre Estados Unidos e Irã marca uma nova era. Pode ser o fim

Rodrigo Turrer

Em 1972, o presidente americano Richard Nixon, ao visitar a China, fez uma aposta arriscada: em plena Guerra Fria, pôs-se a dialogar e a se relacionar com um país comunista que havia construído um pequeno arsenal de armas nucleares e tinha claras ambições de projeção de poder no longo prazo. Mais de 40 anos depois, ainda é possível sentir os resultados daquela aproximação na relação de respeito mútuo entre chineses e americanos, mesmo quando discordam. Representa uma proposta igualmente arriscada o acordo firmado na semana passada entre o Irã e um grupo de países designado como P(5+1) – as cinco potências nucleares integrantes permanentes do Conselho de Segurança da ONU, Estados Unidos, China, França, Reino Unido e Rússia, mais a Alemanha.

Ao dar um voto de confiança ao Irã mesmo contrariando o Congresso e aliados regionais no Oriente Médio, o presidente americano Barack Obama abriu caminho para refazer um relacionamento complicado e contraditório. O acordo pode alterar a balança de poder no Oriente Médio e afetar a economia global.

O caminho para o acordo foi tortuoso e cheio de percalços. Há 23 meses, o Irã e as potências dialogam sobre o programa nuclear iraniano. Na última etapa, que culminou com um acordo na terça-feira, dia 14, foram 19 dias de negociações em Viena, na Áustria, com reuniões tensas, gritos e sussurros de ambas as partes. O acordo é complexo, cheio de minúcias. Nas 159 páginas do tratado, desfilam termos técnicos sobre isótopos, urânio enriquecido, centrífugas, água leve e pesada, regras para inspeções nas instalações nucleares, cronogramas. Nas palavras do subsecretrário de Estado americano, Wendy Sherman, “trata-se de um verdadeiro cubo mágico, em que todas as faces têm de estar alinhadas”.



bem ou para o mal

de uma ameaça nuclear – ou a ascensão de uma nação agressiva e terrorista



ACORDO
O iraniano Javad Zarif *(à esq.)* e o americano John Kerry *(à dir.)* se cumprimentam em Viena. Foram 23 meses de diálogo

Pelos termos do acordo, o Irã concorda com limites estritos a suas atividades nucleares nos próximos dez anos, incluindo 12 meses sem produzir combustível necessário para uma bomba *(entenda o programa iraniano e as mudanças na página seguinte)*. Todas as sanções energéticas, econômicas e financeiras da União Europeia e dos Estados Unidos – e a maioria das da ONU – serão suspensas no "dia da implementação do acordo", quando o Irã mostrar que cumpriu obrigações de reduzir o total de centrífugas e seu estoque de urânio, eliminando receios sobre o potencial fim militar do programa. A expectativa é que isso leve ao menos seis meses, de modo que o enorme impacto econômico do fim das sanções começará a se mostrar no primeiro semestre de 2016. Nesse ponto, mais de US$ 100 bilhões em ativos iranianos no exterior (bens e depósitos em dinheiro de cidadãos e empresas do país, retidos em razão das sanções) serão descongelados, e as exportações de petróleo do Irã devem disparar. Estima-se que o preço do petróleo caia e o país cresça 7% nos próximos dois anos.

Logo após a assinatura do documento, em Viena, Obama comemorou o acordo, declarando que ele cortaria "todos os caminhos" que a República Islâmica tinha para tentar produzir uma arma nuclear. "Graças ao acordo, estaremos pela primeira vez em posição de verificar todos esses compromissos. Significa que esse acordo não é baseado em confiança, mas em supervisão", disse Obama.

O acordo é histórico, representa uma vitória da diplomacia internacional e uma conquista pessoal do presidente americano. Mas Obama se engana ou se faz de inocente ao dizer que conta apenas com supervisão e dispensa a confiança. Tanto se trata de confiança que só será possível medir a eficácia do acordo depois das inspeções ▶

Foto:Thomas Imo/Photothek via Getty Images

internacionais. "O acordo com o Irã só poderá ser medido pela régua da história conforme sua implementação", afirma David Rothkopf, presidente do grupo que edita a revista *Foreign Policy*. "Se houver quebra de confiança de qualquer lado, o acordo pode naufragar."

Acordos de controle de armas, tais como os alcançados com a União Soviética durante a Guerra Fria, não acabam com desconfiança mútua ou hostilidade entre as partes. Precisamente porque os signatários não confiam uns nos outros, eles dependem de uma verificação rigorosa o suficiente.

Haverá muito a fiscalizar. União Europeia e Estados Unidos manterão as restrições ao comércio de tecnologia relacionada a armamento nuclear por oito anos ou até a Agência Internacional de Energia Atômica concluir que a atividade nuclear iraniana tem fins pacíficos. As restrições remanescentes da ONU a itens nucleares estratégicos devem ser revogadas após dez anos. Suspeitas de violações serão tratadas num processo legal e de mediação política, com uma comissão formada pelas potências internacionais e o Irã. As obrigações iranianas serão revisadas pela ONU e, em caso de violação, impostas novamente. O Irã poderá operar um número limitado de centrífugas antiquadas e configuradas para enriquecer urânio a 3,7%, bem abaixo do necessário para fazer uma bomba.

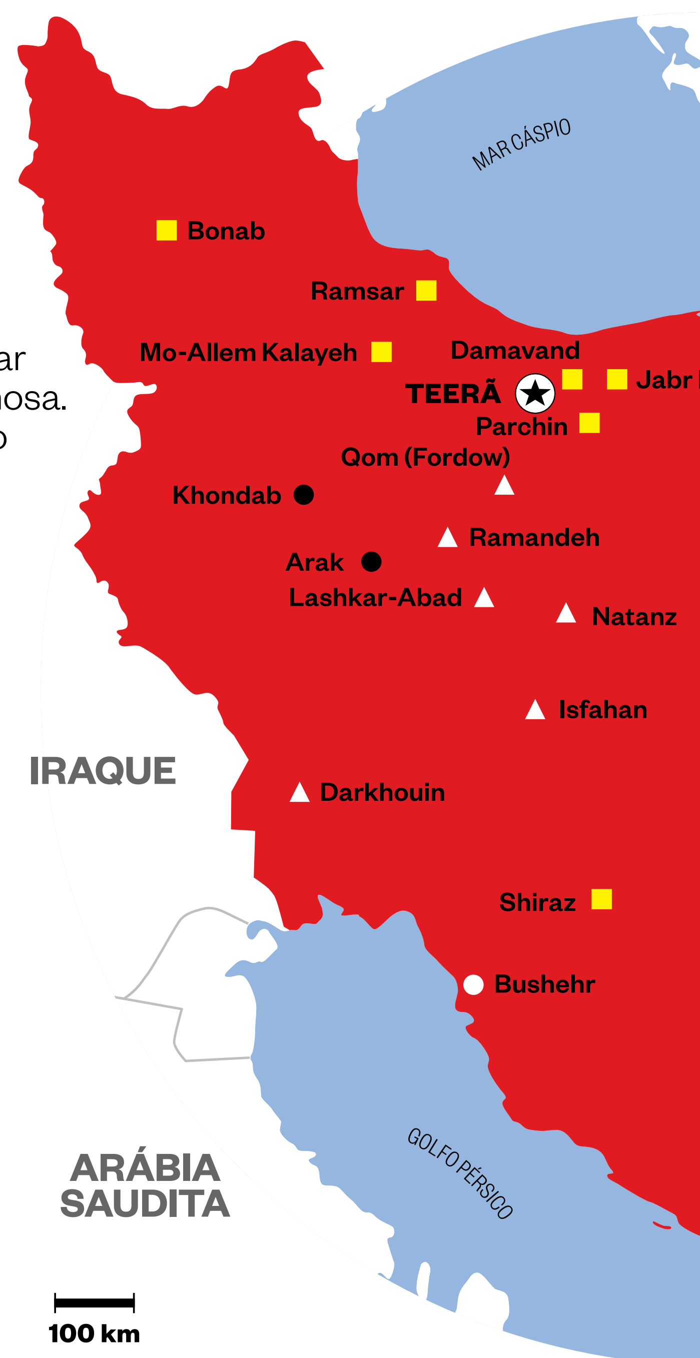
Enquanto a verificação não acontece, impossível dizer em que vai resultar o tratado. No caso do Irã, o julgamento do acordo se baseia em três perguntas: ele torna o Irã menos inclinado a tentar produzir uma arma nuclear nos próximos anos? É severo o suficiente para que os iranianos receiem tentar trapacear? Existe uma chance razoável de ele dar uma solução duradoura para o problema nuclear iraniano?

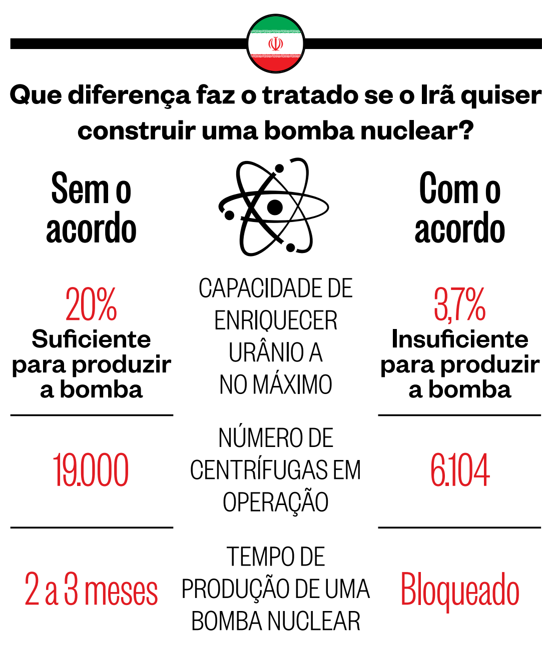
Sejam quais forem as respostas, o maior efeito do acordo será na geopolítica do Oriente Médio. Aliados históricos dos Estados Unidos na região sempre se mostraram contrários ao acordo. O premiê israelense, Benjamin Netanyahu, classificou o tratado como um "erro de proporções históricas", e foi além: "O Irã vai conseguir uma bolada de bilhões de

O TAMANHO DO IRÃ NUCLEAR

Nos últimos anos, o programa nuclear iraniano cresceu de maneira vertiginosa. Com o acordo, ele será interrompido

- ● Reatores de água pesada
- ○ Usinas nucleares
- ■ Usinas de pesquisa
- △ Usinas de enriquecimento de urânio
- ▲ Minas de urânio





Que diferença faz o tratado se o Irã quiser construir uma bomba nuclear?

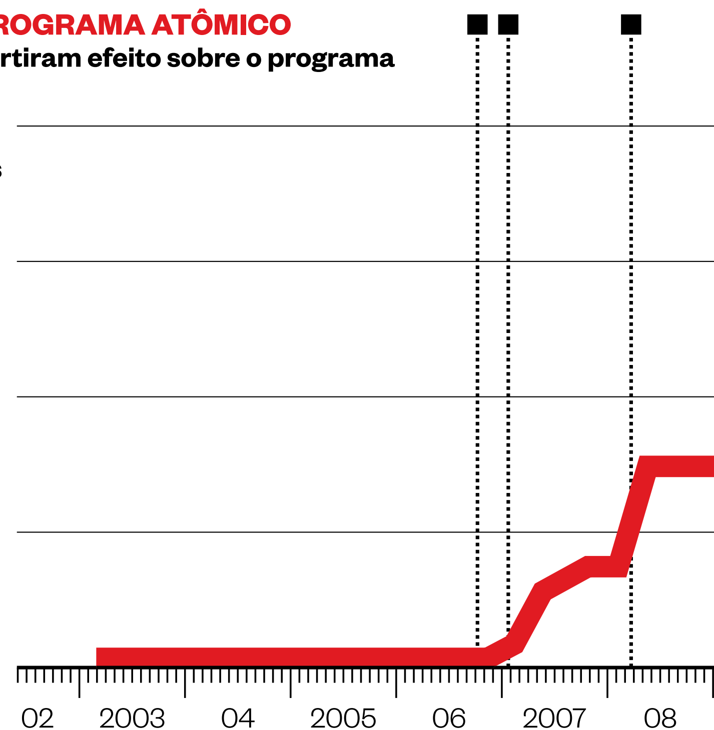
Sem o acordo		Com o acordo
20% Suficiente para produzir a bomba	CAPACIDADE DE ENRIQUECER URÂNIO A NO MÁXIMO	3,7% Insuficiente para produzir a bomba
19.000	NÚMERO DE CENTRÍFUGAS EM OPERAÇÃO	6.104
2 a 3 meses	TEMPO DE PRODUÇÃO DE UMA BOMBA NUCLEAR	Bloqueado

AS AÇÕES DO OCIDENTE CONTRA O PROGRAMA ATÔMICO

Em dez anos, as sanções contra o Irã não surtiram efeito sobre o programa

- ■ Sanções das Nações Unidas
- □ Sanções da Europa e dos Estados Unidos

1. **A descoberta** O Ocidente descobre a existência da maior usina nuclear do Irã, de Fordow
2. **O ataque** Os Estados Unidos usam um vírus de computador para destruir milhares de centrífugas
3. **A diplomacia** O P(5+1) e o Irã começam a conversar sobre um possível acordo diplomático
4. **Sem avanços** Sem avanços, o Ocidente impõe sanções ainda mais duras ao Irã
5. **Volta ao diálogo** O prazo para a finalização de um acordo diplomático é estendido
6. **Um acordo** Em 14 de julho, o P(5+1) e o Irã chegam a um acordo depois de 23 meses
7. **O futuro** Nos próximos seis meses, o plano deve ser implementado pelo Irã



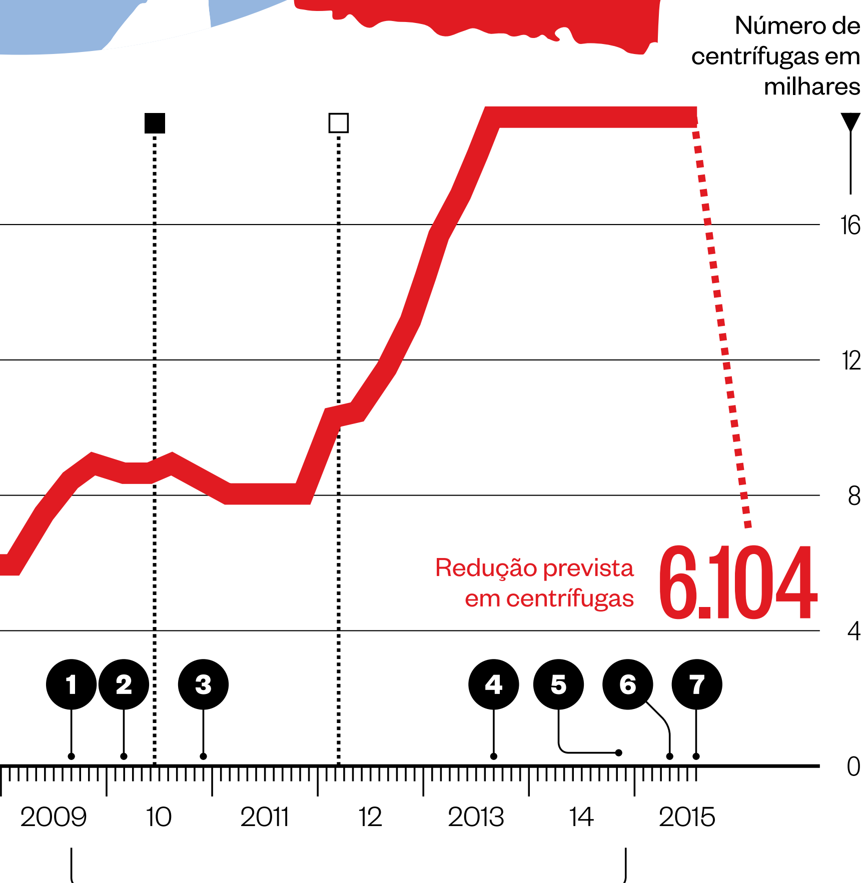
Número de centrífugas de enriquecimento de urânio

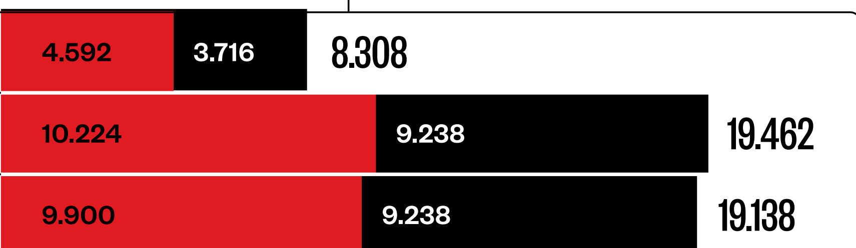
- ■ Em atividade
- ■ Instaladas mas não ativas

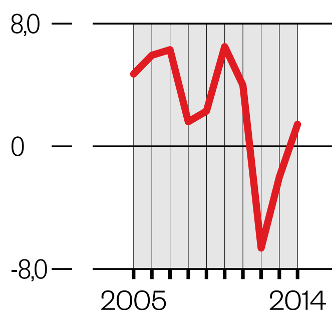
2009 | Ago.
2013 | Ago.
2014 | Nov.

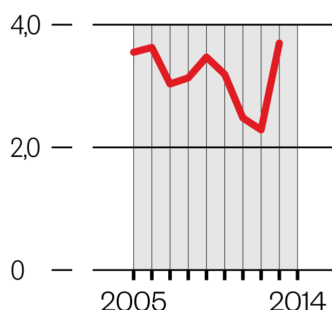


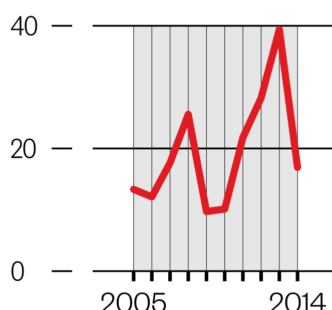


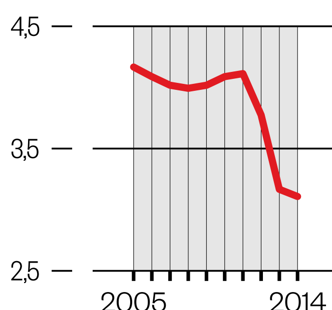


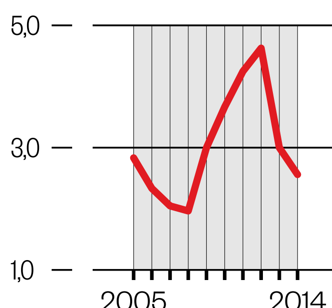












Fonte: Iaea

dólares, o que vai possibilitar que o país continue a exercer sua agressão e terrorismo na região e no mundo", afirmou. Um alto funcionário do governo da Arábia Saudita, maior inimiga do Irã no Oriente Médio, afirmou que o acordo será ruim se permitir que "o Irã cause estragos na região".

Israel, Arábia Saudita e outros países do Golfo têm a mesma visão: foram traídos pelos Estados Unidos. Em 2001 e 2003, na era George W. Bush, Washington derrubou governos no Afeganistão e no Iraque que serviam para conter o Irã. A saída de cena do Taleban e de Saddam Hussein criou um vácuo ocupado por Teerã. Mas o regime iraniano estava aleijado pelas sanções econômicas impostas por causa de seu programa nuclear. Com as sanções revogadas, o Irã será um país "normal": receberá investimento estrangeiro, venderá petróleo e poderá investir em aliados. O temor de israelenses e sauditas é que o Irã, com uma economia pujante, amplie sua atuação na disputa por poder no Oriente Médio. Na Síria, no Iraque, no Líbano, no Iêmen, no Bahrein e na Faixa de Gaza, o Irã se opõe a Israel, à Arábia Saudita, ou aos dois.

Uma cláusula-chave do acordo é a preservação do embargo de armas da ONU ao Irã por pelo menos cinco anos. No entanto, esse embargo fez pouco para impedir que o Irã armasse e equipasse milícias no Oriente Médio, como a organização xiita Hezbollah, considerada terrorista por Estados Unidos e Israel. O temor é que Teerã ganhe alento para assistir milícias que operam no Iraque, Síria, Líbano, Gaza e Iêmen.

Mesmo com as ressalvas, um acordo com o Irã parecia ser a única saída possível para evitar uma corrida armamentista na região. Como analisou o International Crisis Group, uma ONG fundada em 1995, voltada à resolução e prevenção de conflitos armados, "é preciso louvar a paciente e persistente diplomacia que chegou a esse acordo, mas é preciso ficar atento, porque ele não resolverá os tantos outros problemas da região". O próximo passo é encontrar uma forma de acomodar os interesses de Irã, Israel e Arábia Saudita no Oriente Médio – uma tarefa quase impossível. ◆



A EUROPA RACH

Um acordo severo dá alívio momentâneo às finanças gregas, mas expõe as con

Rodrigo Turrer, com **Gabriel Lellis**

A tragédia econômica da Grécia ainda está longe do fim. A bandeira da União Europeia continuará a tremular nas ruínas gregas, e um acordo feito na semana passada garante € 86 bilhões ao país. O episódio, porém, expõe fissuras no projeto de integração europeu.

O acordo fechado entre o primeiro-ministro grego, Alexis Tsipras, e o Eurogrupo – que reúne ministros de Finanças e da Economia da Zona do Euro – e aprovado no Parlamento grego na quarta-feira, dia 15, representa um alívio momentâneo para os combalidos cofres gregos. Depois do aval do Parlamento ao acordo, o Banco Central Europeu (BCE) liberou mais € 900 milhões aos bancos, que deverão reabrir no dia 20, depois de duas semanas fechados. Mas o cenário não é animador no curto prazo. O Fundo Monetário Internacional (FMI) defende que a dívida pública grega, hoje em 175,1% do PIB do país, é "insustentável" e que o país precisaria de uma moratória de cerca de 30 anos.

O perdão de parte da dívida grega, recomendado pelo FMI e implorado por Tsipras e pelos gregos, ficou de fora do acordo da segunda-feira, dia 13. A possibilidade de perdão parcial sofreu forte oposição em alguns países, notadamente a Alemanha. Como a primeira-ministra Angela Merkel iria explicar a seus eleitores que eles teriam de pagar pela crise grega? "A Cúpula Europeia enfatiza que cortes nominais *(no valor da dívida)* não poderão ser realizados", diz o acordo.

O presidente francês, François Hollande, foi o porta-voz de um grupo de países em situação similar à da Grécia: endividados, em crise econômica e com medo de se tornarem os próximos sob ameaça de ter de deixar o Euro.

Fotos: Yannis Behrakis/Reuters e Sascha Steinbach/Getty Images



EM CHAMAS **Manifestantes enfrentam a polícia em Atenas. Alexis Tsipras perdeu popularidade e pode ver a falência de seu projeto de esquerda**



ADA

tradições do projeto europeu

"O acordo com a Grécia é uma vitória para a Europa"

François Hollande, presidente da França, depois do acordo firmado em Bruxelas, na segunda-feira, dia 13

A REALIDADE

Retórica de político. O impasse grego expôs divergências entre os países europeus e deixou feridas abertas

Além da França, Hollande representava Espanha, Irlanda, Itália, Estônia e Portugal, grupo que ganhou o maldoso apelido de Club Med, pela visão injusta de que seus problemas se devem à falta de apreço pelo trabalho em suas populações. Na verdade, a crise grega se deve a outro problema: a gestão econômica desastrosa de seus governantes, além de uma vergonhosa maquiagem das contas públicas que veio à tona depois da crise de 2008. Áustria, Bélgica, Eslováquia, Finlândia, Holanda, Letônia e Lituânia queriam que o caso grego se tornasse um exemplo para países de gestão econômica temerária. Foi o que ocorreu. Enquanto isso, o debate se tornou uma guerra de ideias fixas e argumentos frouxos.

"Esse acordo é ainda mais austero que o rejeitado no referendo. É um novo Tratado de Versalhes",

YANNIS VAROUFAKIS, ex-ministro das Finanças da Grécia

Bem a seu estilo extravagante e mercurial, Varoufakis comparou o acordo atual com o tratado de paz assinado em 1919 pelas potências europeias, que encerrou oficialmente a Primeira Guerra ▸

Mundial. O tratado, conduzido por Estados Unidos, França e Inglaterra, obrigou a Alemanha a aceitar a responsabilidade pela guerra, ceder territórios e pagar indenizações bilionárias.

Os gregos não perderam territórios e não devem ser empurrados à hiperinflação como os alemães. Mas a vontade imposta pela Alemanha está no documento final, do primeiro ao último ponto do acordo. Tsipras, o homem da esquerda radical eleito para dizer não às medidas de austeridade, terá de levar a cabo uma série de ações contrárias a seu credo, entre as quais: reformar o sistema de pensões e aposentadoria; ampliar a base de recolhimento e a arrecadação do imposto sobre mercadorias; e alargar seu plano de privatizações, que pode chegar a € 50 bilhões em ativos do Estado – Tsipras estava disposto a privatizar € 17 bilhões.

Diminuir o tamanho do Estado, com as privatizações, é uma medida que costuma gerar crescimento econômico e, com isso, favorecer a população mais pobre. Tornar o sistema de aposentadorias mais sustentável faz parte da lição de casa básica de qualquer bom governante. Mas algumas das medidas do acordo, como o aumento de impostos, são de eficácia questionável. "O governo, há anos, diz que a Grécia não paga porque não pode, e não porque não quer. Se a economia está em colapso, com menos dinheiro circulando em poder da população, não há sentido em aumentar os impostos", afirma o professor Kai Enno Lehmann, doutor em relações internacionais pela Universidade de Liverpool e professor na Universidade de São Paulo. "O país pode ser empurrado para um colapso ainda maior." Por outro lado, a responsabilidade fiscal pode tornar a Grécia um destino mais seguro para investimentos externos, que contribuem para o crescimento econômico. É importante lembrar que, antes da eleição de Tsipras, o sacrifício grego já rendia efeitos positivos. O crescimento econômico, tão necessário para resgatar a população do desemprego e da pobreza – e que só é possível em economias saudáveis –, já apontava no horizonte.



"A melhor solução para a Grécia e para o povo grego pode ser a saída da Grécia da Zona do Euro"

Wolfgang Schauble,
ministro das Finanças da Alemanha, abre a porta para uma reversão da união monetária da Europa

A REALIDADE

A saída da Grécia da Zona do Euro poderia trazer inflação, que prejudicaria a população mais pobre

"A Grécia que ajudamos agora mostrou ter vontade e disposição de fazer as reformas necessárias",

ANGELA MERKEL,
chanceler da Alemanha

Angela Merkel toma decisões de olho no eleitorado alemão, que é movido pelos mesmos anseios do eleitorado grego. Os gregos não querem pagar a conta da má adminstração do país, por isso disseram "não" no referendo de duas semanas atrás. Os alemães tampouco querem pagar a conta grega – e Merkel sabe disso. Merkel ficou bem com seus eleitores. Tsipras não, embora ele quisesse evitar o que considerava um mal maior – deixar que o país saísse da Zona do Euro. Se perder apoio popular, Tsipras também perderá sustentação no Parlamento e pode se ver obrigado a convocar novas eleições. Uma queda de Tsipras e do Syriza seria a derrota do projeto de esquerda que ele representa.

A estratégia de negociação do ministro Varoufakis, um especialista em Teoria dos Jogos, levou Tsipras a uma escolha de Sofia. Com o referendo que resultou no "não", ele esperava pressionar as autoridades europeias a um acordo mais favorável. O efeito foi o oposto. Numa estratégia para pressionar Tsipras, o ministro das Finanças alemão, Wolfgang Schauble, afirmou que a melhor solução para o povo grego "pode ser a saída da Grécia da Zona do Euro" *(leia ao lado)*. Era exatamente o que os gregos – que nas pesquisas de opinião desejam, por esmagadora maioria, permanecer na Zona do Euro – não queriam ouvir. Em termos econômicos, a Europa não seria tão prejudicada. Mas a economia grega se arriscaria à inflação descontrolada – que, como todo processo inflacionário, prejudicaria principalmente a população mais pobre. A saída da Grécia do Euro trazia também um risco político. Deixaria a moeda comum mais fraca e espantaria investimentos dos países ameaçados de seguir rumo semelhante.

Hollande disse que o acordo grego representou uma vitória da Europa unida. Retórica de político. O impasse – em última análise, uma guerra entre eleitores de democracias que querem empurrar a conta umas para as outras – expôs, mais do que nunca, as divergências e contradições do projeto europeu. ◆

Foto: Pagina Sean Gallup/Getty Images

HELIO GUROVITZ

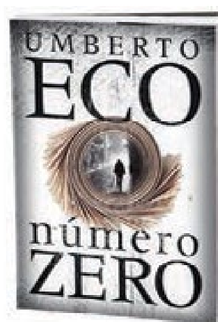


Um prato apetitoso para a boataria e os imbecis

O juiz Sergio Moro não esconde sua admiração pela Operação Mãos Limpas, dos anos 1990. Em 2004, ele publicou um artigo vangloriando a "cruzada judiciária contra a corrupção política e administrativa" vivida na Itália. Tudo começou em fevereiro de 1992, com um caso banal: a prisão de Mario Chiesa, diretor de um asilo filantrópico de Milão, o Pio Alberto Trivulzio, flagrado com propina recebida de uma companhia de limpeza que, com a aproximação da polícia, tentou sem sucesso despachar pelo vaso sanitário – daí o nome Mãos Limpas. Puxando o fio dessa meada, a ação de juízes, procuradores e policiais levou à investigação de mais de 6 mil pessoas, entre elas 872 empresários e 438 parlamentares, ao redesenho dos partidos na Itália e à queda do então primeiro-ministro, Bettino Craxi, depois exilado na Tunísia. A Mãos Limpas inspirou Moro em toda a arquitetura da Operação Lava Jato – o início banal num posto de gasolina, as confissões de delatores (caso do próprio Chiesa), a prisão de empresários e políticos famosos e o uso do noticiário para exercer a pressão política necessária para desbaratar o esquema. Na época, a sensação de lama sem fim na Itália era muito parecida à que vivemos hoje no Brasil, com a enésima fase da Lava Jato, a Politeia. Lá também ninguém sabia como aquilo acabaria.

"Já se sabe que havia muita podridão nos partidos, e que todos embolsavam propinas, é preciso dar a entender que, se nós quiséssemos, poderíamos desencadear uma campanha contra os partidos. Seria preciso pensar num partido de honestos, um partido de cidadãos capazes de falar de uma política diferente." É com essas palavras, descrição digna da Politeia de Platão, que o diretor abre uma reunião na redação de um novo jornal, o *Amanhã*, em *Número zero*, último romance do italiano Umberto Eco. Na Milão de 1992, enquanto eclode a Mãos Limpas, Simei, o diretor, é contratado pelo Comendador Vimercate, um rico empresário, para montar, em vez de um jornal, uma máquina de achaque e chantagem cujo objetivo não é chegar às bancas – mas lhe permitir exercer influência e poder perante a elite italiana a que quer pertencer. Simei chama para ser seu redator-chefe um tradutor e intelectual fracassado, Colonna, o narrador do romance.

A missão secreta de Colonna é escrever um relato fantasioso que possa ser publicado ao final da empreitada, para salvar a reputação de Simei – retratado como um jornalista heroico e destemido, não um manipulador pusilânime. A partir daí, Eco, um mestre da ironia, apresenta ao leitor algo como "as 247 lições do pseudojornalismo" praticado por Simei. Invenção de notícias. Distorção de desmentidos. Anúncios fúnebres fraudados. Classificados pessoais fantasiosos. Desprezo por novidades, como os celulares. Fofocas sobre temas irrelevantes, como celebridades ou ordens medievais. Corte de reportagens que ofendem os interesses do comendador. E, naturalmente, a fabricação de dossiês que possam ser usados para chantagear seus inimigos. A redação fica às voltas com o número zero do título, uma edição fictícia para um único leitor – o comendador. Nela, Simei coloca apenas notícias cujos desdobramentos já conhece de antemão. Seu *Amanhã*, na verdade, foi ontem.



LIVRO DA SEMANA
Número zero
Umberto Eco

Record
208 páginas
R$ 35

O jornal é sacudido por outro ingrediente comum nas obras de Eco: as teorias da conspiração. Um dos jornalistas, com o sugestivo nome Braggadocio (fanfarronice), diz a Colonna estar prestes a obter provas de que Mussolini não fora morto no final da Segunda Guerra Mundial. Braggadocio passa então a narrar uma história rocambolesca que conecta milícias terroristas de extrema-direita, um golpe de Estado fracassado no final dos anos 1960, a loja maçônica P2, a CIA, a morte e o atentado contra dois papas e outros eventos históricos – até os escândalos de 1992. É uma viagem em que "tudo se liga", como nos bons filmes de espionagem. As consequências do delírio de Braggadocio são terríveis para ele próprio e para o *Amanhã*.

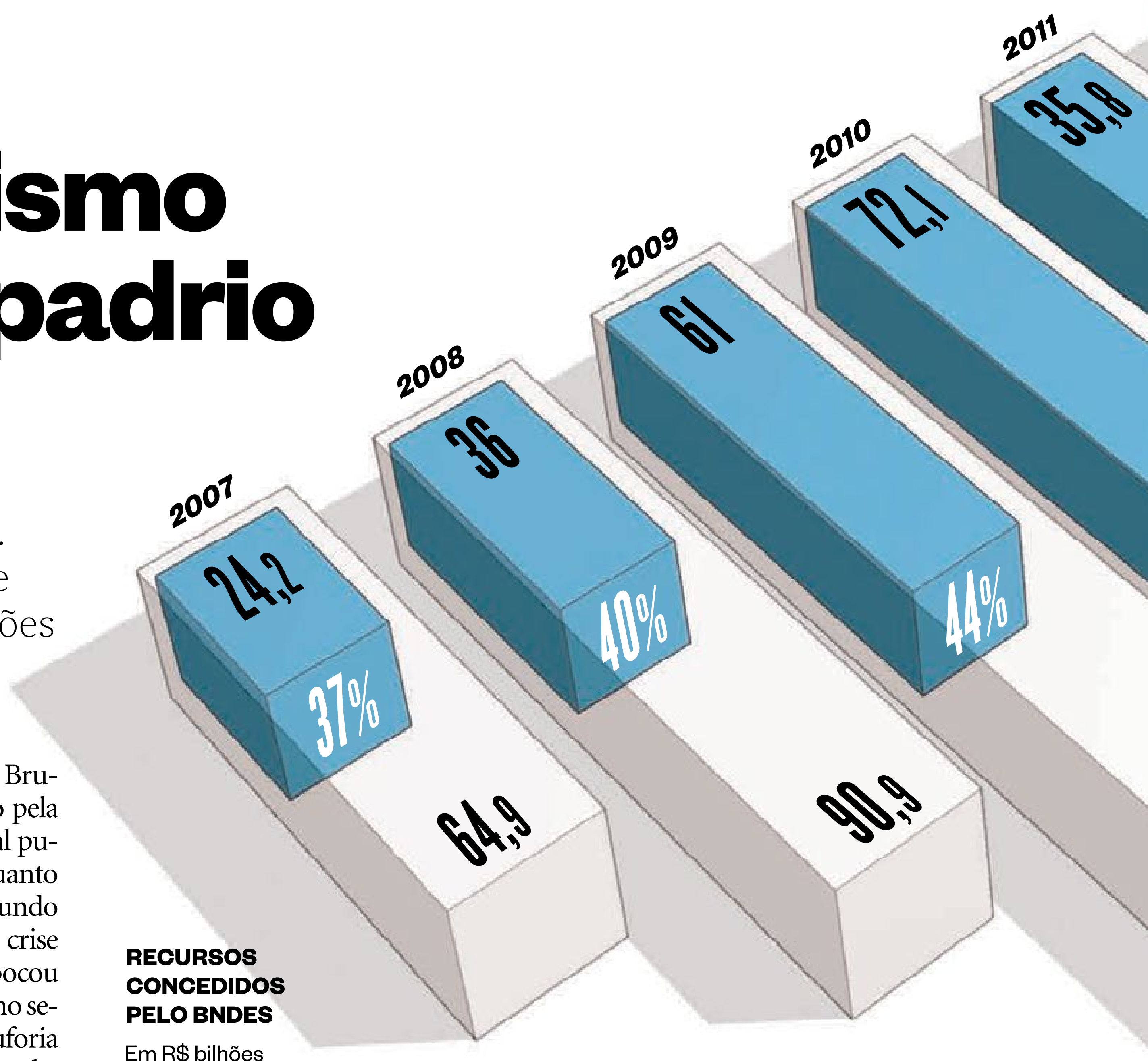
Na época retratada por Eco, não havia internet nem redes sociais. Hoje, o mundo é um prato apetitoso para os êmulos de Simei. Nas palavras do próprio Eco, há esse "reino dos imbecis", onde qualquer um pode publicar o que quiser, sem necessidade de provar nada nem medir consequências, terreno fértil para boatos e teorias da conspiração. A maior de suas ironias é usar um pseudojornal onde tudo funciona como não deve, para mostrar aonde isso leva. "Nada mais pode nos perturbar neste país", diz uma personagem a certa altura. "Sempre fomos um povo de punhais e veneno. Estamos vacinados, seja qual for a história nova que nos contem, vamos dizer que já ouvimos coisa pior, e que talvez essa e as outras sejam falsas." Mas é justamente lá onde brota o "talvez" que a verdade se faz necessária. Os delírios de Braggadocio ou a canalhice de Simei só comprovam o valor da imprensa profissional – em tempos de Mãos Limpas ou de Lava Jato. ◆

Helio Gurovitz é jornalista **hgurovitz@edglobo.com.br** (e-mail)
@gurovitz (Twitter) **http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/** (web)

Capitalismo de compadrio

Usar o dinheiro do contribuinte para subsidiar grandes empresas não funciona. Até o BNDES reconhece que a política de campeões nacionais é um fiasco

Samantha Lima



RECURSOS CONCEDIDOS PELO BNDES

Em R$ bilhões

Total

Para grandes indústrias

Em 2007, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, embalado pela expansão da economia global puxada pela China, cresceu 6%. Enquanto os países mais desenvolvidos do mundo viviam os primeiros dias da grande crise financeira internacional, que desembocou na quebra do Lehman Brothers no ano seguinte, o governo Lula, no auge da euforia com o modelo de capitalismo de Estado, fazia grandes planos de conquista dos mercados globais. Sob a batuta de economistas da linha desenvolvimentista, os recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) passaram a ser usados para a criação de "campeões nacionais": grandes empresas com musculatura para se tornarem líderes globais, financiadas com empréstimos com juros subsidiados pelos brasileiros ou com a injeção de recursos na compra de ações em operações de fusões e aquisições.

A inspiração da política de campeões nacionais era a Coreia do Sul, que nos anos 1960 forjou grandes conglomerados globais, como a Samsung e a Hyundai. Era outra era, mas o governo Lula não levou isso em conta. Liberou bilhões do BNDES para empresas como o frigorífico JBS, a telefônica Oi, a fábrica de celulose Fibria e o gigante de alimentos BRF. A torneirinha jorrou com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e do Tesouro Nacional (desde 2009, só do Tesouro, foram transferidos R$ 431 bilhões para o BNDES).

Em 2013, em meio à deterioração das contas públicas nacionais, à falta de resultados robustos e ao aumento das críticas de que a política de campeões nacionais criava, na verdade, um capitalismo de compadrio, com a destinação de dinheiro barato para algumas empresas ▶

EFICÁCIA EM XEQUE

O que diz o BNDES sobre os ganhos proporcionados pelos repasses às grandes indústrias entre 2007 e 2011*

*Foram analisadas empresas com faturamento acima de R$ 90 milhões

Fonte: BNDES



PESSOAL OCUPADO

Trabalhadores assalariados em 31 de dezembro de cada ano

Há evidência de desempenho significativamente melhor das empresas apoiadas?

Sim, em 2 de 5 anos

2012 2013 2014

37 46,8 41

53% 26% 24% 25% 22%

136,4 168,4 138,9 155,9 190,4 187,8



TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL
Valor adicionado aos bens pela produção industrial

Há evidência de desempenho significativamente melhor das empresas apoiadas?

Sim, em 1 de 5 anos



PRODUTIVIDADE
Razão entre o valor da transformação industrial e o pessoal assalariado ligado à produção

Há evidência de desempenho significativamente melhor das empresas apoiadas?

Não



PARTICIPAÇÃO NO VALOR ADICIONADO
Razão entre o valor da transformação industrial e o valor bruto da produção

Há evidência de desempenho significativamente melhor das empresas apoiadas?

Não



EXPORTAÇÃO
Resultado da multiplicação da receita de vendas pela proporção da venda ao exterior

Há evidência de desempenho significativamente melhor das empresas apoiadas?

Não



INVESTIMENTO
Soma de aquisições, melhorias e produção própria para o ativo imobilizado

Há evidência de desempenho significativamente melhor das empresas apoiadas?

Sim, em 2 de 5 anos



FRACASSO
Luciano Coutinho, presidente do BNDES. Resultados abaixo da expectativa

eleitas, o presidente do BNDES, Luciano Coutinho, decretou seu encerramento. Alegou, na ocasião, que os "objetivos tinham sido atingidos". Neste ano, com a posse em janeiro do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, o ajuste fiscal secou a fonte de transferências do Tesouro para o BNDES (um repasse de R$ 30 bilhões, em abril, só foi liberado por ter sido autorizado em dezembro passado, quando Levy não assumira). Mas só agora, com o primeiro Relatório de Efetividade do BNDES, publicado, sem alarde, no mês passado, o banco reconhece que a política de apoio às grandes indústrias – entre elas, os "campeões nacionais" – não proporcionou os resultados esperados.

A avaliação ocupa apenas oito das 115 páginas do relatório, que reúne análises de várias linhas de apoio e projetos do banco entre 2007 e 2014. Ao investigar os resultados dos apoios a grandes indústrias, entre 2007 e 2011 (período em que o banco ampliou consideravelmente seu orçamento para empréstimos), os técnicos concluíram que "não há evidências" de que a política proporcionou ganhos em produtividade, participação de valor adicionado na produção industrial e exportações – justamente os indicadores mais importantes para aferir a criação de uma empresa com liderança global. Segundo o relatório, houve ganhos em contratações de mão de obra, investimentos e valor adicionado em termos absolutos. O estudo concentrou-se em indústrias com receita superior a R$ 90 milhões por ano, dividindo-as entre as apoiadas e as não apoiadas, e analisou a evolução dos seis indicadores.

O BNDES diz que o relatório não pode ser lido como uma admissão de fracasso da política de apoio a grandes empresas. "É ingênuo e tecnicamente equivocado inferir que esse apoio não trouxe impacto. O que precisamos é investigar melhor a efetividade desse apoio. Nosso objetivo com a análise é apenas monitorar, e sua publicação visa permitir aprofundar o debate", afirma Claudio Leal, superintendente de planejamento do banco. Mas, para analistas independentes, o diagnóstico de fiasco é claro. "Nem os investimentos nem a produtividade cresceram. Basicamente, foi dinheiro jogado no lixo", diz o economista Marco Bonomo, professor do Insper, escola de economia e negócios de São Paulo. Para o economista Cláudio Frischtak, da InterB Consultoria de Negócios, bilhões foram gastos em setores que não necessariamente tinham potencial de trazer benefícios ao país. "A maior parte dos projetos financiados pelo banco não observou o critério de trazer o máximo de benefícios para o país. Os dados mostram que esses investimentos não fizeram a diferença", diz Frischtak.

Apesar de, como mostra o documento, o BNDES ter aumentado as operações com empresas de menor porte, o alvo preferencial do apoio do banco continua a ser grandes empresas, que levaram 68% dos R$ 187 bilhões desembolsados em 2014. O relatório corrobora assim a velha crítica de que o BNDES contribui para distorcer o setor de crédito ao dar prioridade às empresas grandes, que têm mais facilidades para ter acesso a dinheiro barato junto aos bancos privados ou no exterior. Entre os agraciados com financiamentos do BNDES está a Petrobras, que recebeu R$ 30 bilhões, só em verba do Tesouro. A refinaria de Abreu e Lima, alvo da Operação Lava Jato por suspeita de superfaturamento em contratos, foi um dos projetos beneficiados com esse dinheiro. A estatal não tem dificuldade de levantar recursos. Em junho, mesmo em crise, conseguiu captar financiamentos no exterior com boas taxas de juros. "Essas empresas teriam condições de manter os investimentos independentemente do dinheiro do BNDES. Para o banco, é bom emprestar para as grandes, porque são boas pagadoras", diz o economista Sérgio Lazzarini, professor do Insper.

O relatório é uma boa razão para enterrar ilusões de que políticas voluntaristas de criação de campeões nacionais podem servir como um atalho para o Brasil conquistar espaço no cenário global. "Mais do que de campeões nacionais, o crescimento da Coreia veio do forte investimento em educação e da cobrança de metas das empresas apoiadas por dinheiro público", diz Lazzarini. É preciso persistir na busca de ganhos de produtividade. E, antes de abrir a torneira do dinheiro público, é preciso ter critério e realismo na escolha das empresas beneficiadas com financiamento mais barato. ◆

Foto: Pedro Ladeira/Folhapress

DANIEL E. LIEBERMAN

"Não evoluímos para ser saudáveis"

Nem para ser longevos e felizes, diz o professor de biologia evolutiva da Universidade Harvard. Ele explica como essa consciência pode nos ajudar a viver melhor

Cristiane Segatto

Quando o verão dá as caras em Boston, o bioantropólogo Daniel E. Lieberman deixa os tênis em casa e corre, feliz da vida, pelas ruas da cidade. O Professor Descalço, como é conhecido, ouve constantes advertências: "Isso não dói?", "Cuidado com o cocô de cachorro!", "Não vá pisar em vidro!". Chefe do departamento de biologia humana da Universidade Harvard, Lieberman é um crítico do excesso de conforto, mas não se considera um homem das cavernas. No livro *A história do corpo humano: evolução, saúde e doença* (Zahar, R$ 89,90, 496 páginas), que chega agora ao Brasil, ele descreve como as interações entre a evolução biológica e a cultura moldaram o que somos hoje. "Se quisermos prevenir doenças em vez de apenas tratar os sintomas, precisamos refletir sobre nosso passado evolutivo", diz ele.

ÉPOCA – Descobri, ao ler seu livro, que temos um passatempo em comum. Também me divirto com uma revista de bordo americana que anuncia incríveis produtos criados para aumentar o conforto. Eles não são tão inofensivos quanto parecem?

Daniel E. Lieberman – Mencionei essa história para abordar, de forma divertida, nosso desejo insaciável de criar e comprar produtos convenientes e confortáveis. Aquela revista tem sempre uma coleção bizarra. Sapatos que absorvem impacto, almofadas infláveis, aquecedores de ar livre para ficar à beira da piscina em tardes frias... Às vezes, no final de um voo longo, minha filha e eu competimos para ver quem encontra o produto mais absurdo. Meu favorito é uma tigela de comida elevada, para que o pobre cachorro não precise forçar o pescoço ao comer e beber no chão. Não acho que devemos evitar o conforto sempre, mas é preciso pensar se essas coisas realmente trazem algum benefício.

ÉPOCA – Algumas fazem mal?

Lieberman – Desconfio especialmente dos sapatos confortáveis. Acho que eles enfraquecem nossos pés. Os seres humanos passaram milhões de anos andando e correndo descalços. Muita gente ainda faz isso. Quando as pessoas começaram a usar sapatos, provavelmente por volta de 45 mil anos atrás, eles eram mínimos perto dos padrões atuais. Não tinham calcanhares grossos e acolchoados nem suporte para o arco. Sapatos com solas grossas limitam a percepção sensorial. Temos uma rica e extensa rede de nervos na parte inferior de nossos pés que fornece informação vital para nosso cérebro sobre o solo e ativa reflexos que nos ajudam a evitar lesões. Qualquer sapato interfere com essa retroalimentação. Quanto mais grossa a sola, menos informação recebemos. É saudável encorajar bebês e crianças a andar descalços e assegurar que os sapatos sejam mínimos.

ÉPOCA – Além de correr sem sapatos, o senhor também é adepto de outros hábitos exóticos, como subir em árvores, evitar cadeiras ou dormir em tábuas?

Liberman – Corro descalço porque me sinto bem e acho divertido. De resto, sou muito parecido com as outras pessoas. Evito passar muito tempo sentado, procuro ser ativo e comer uma dieta saudável. O segredo da saúde não é viver como um homem das cavernas. Não é assim que a evolução funciona. ▶



QUEM SOMOS
Lieberman segura um crânio em seu escritório no Peabody Museum, em Cambridge. "Avaliar por que adoecemos é essencial para prevenir e tratar doenças"

Foto: Rick Friedman/Corbis

ÉPOCA – De que forma o conhecimento sobre nosso passado evolutivo pode contribuir para uma vida mais saudável?
Lieberman – A história evolutiva do corpo humano é uma narrativa interessante. Ela explica quem somos e a que estamos adaptados. Por que temos cérebro grande, pernas compridas, umbigo visível e outras peculiaridades? Por que andamos apenas sobre duas pernas e usamos linguagem para nos comunicar? Por que cooperamos tanto e cozinhamos nossa comida? Uma razão prática para considerar como o corpo humano evoluiu é avaliar a que estamos ou não adaptados, e, assim, por que ficamos doentes. Avaliar por que adoecemos é essencial para prevenir e tratar doenças.

ÉPOCA – Estamos adaptados a quê?
Lieberman – A muitas coisas e, às vezes, há conflitos entre diversas adaptações. Um exemplo? Gostando ou não, estamos adaptados a ser gordinhos e não muito peludos. Somos primatas bípedes que anseiam por açúcar, sal, gordura e amido. Mas, ao mesmo tempo, também estamos adaptados a uma dieta diversificada de frutas e vegetais fibrosos, nozes, sementes, tubérculos e carne magra. Procuramos descanso e relaxamento, mas nossos corpos também estão adaptados para andar muitas milhas por dia, correr, cavar, escalar e transportar.

ÉPOCA – Qual é o sentido dessas adaptações aparentemente conflitantes?
Lieberman – Nenhum organismo está fundamentalmente adaptado para ser saudável, longevo, feliz, ou para alcançar muitas outras metas que as pessoas se esforçam para atingir. Não estamos adaptados a nenhuma dieta, hábitat, ambiente social ou regime de exercício únicos. De uma perspectiva evolutiva, saúde ótima é algo que não existe. Não evoluímos para ser saudáveis. Fomos selecionados para ter o maior número possível de filhos sob condições desafiadoras. Adaptações são características moldadas por seleção natural que promovem relativo sucesso reprodutivo. As adaptações só evoluem para promover saúde, longevidade e felicidade na medida em que essas qualidades beneficiam a capacidade de um indivíduo de ter mais filhos sobreviventes.

ÉPOCA – Se a biologia nos impele a ter mais filhos, a cultura criou a necessidade dos contraceptivos. Qual é o impacto desses fenômenos contraditórios sobre a saúde?
Lieberman – A evolução não é algo que aconteceu apenas no passado. Hoje temos dois tipos de evolução: a biológica e a cultural. Uma opera ao lado da outra. Fazemos várias coisas que não potencializam nosso sucesso reprodutivo. A contracepção nos trouxe muitos benefícios, mas também aumentou o número de ciclos reprodutivos que uma mulher experimenta ao longo da vida. O que, como sabemos, aumenta o risco de câncer de mama.

ÉPOCA – Como a interação entre biologia e cultura pode provocar aquilo que o senhor chama de "disevolução"?
Lieberman – As cáries, por exemplo, são um tipo de doença provocada por um círculo vicioso de interações entre a evolução cultural e a biologia. Adoecemos porque não estamos adaptados a uma mudança no ambiente. Embora possamos tratar os sintomas, deixamos de prevenir suas causas. Quando transmitimos essas condições ambientais a nossos filhos, fazemos a doença persistir e até aumentar em incidência e intensidade de uma geração para outra. Não passei minhas cáries a minha filha, mas transmiti uma dieta que as causa. Provavelmente, ela fará o mesmo com seus filhos. É o que chamo de "disevolução" – um processo nocivo *(dis)* de mudança ao longo do tempo *(evolução)*.

ÉPOCA – Ganhamos peso e adoecemos porque, entre outros fatores, preferimos o conforto. Nossos ancestrais não almejavam o mesmo quando inventaram o fogo, as roupas e a agricultura? A sina da humanidade é sofrer as consequências do prazer e do conforto?
Lieberman – De certa forma, sim. Sempre preferimos comportamentos que nos dão mais energia, comida e conforto, mas isso não significa que eles sejam bons para nosso corpo. Graças a muitas das invenções recentes *(carros, cadeiras, supermercados)*, as pessoas podem passar dias sem nenhum exercício – com efeitos terríveis sobre seus corpos. Milhões de anos de evolução favoreceram ancestrais que ansiavam por comidas muito calóricas, inclusive carboidratos simples como açúcar *(que costumava ser raro)*, e que armazenavam calorias em excesso em forma de gordura. Tantas pessoas têm hoje doenças que antigamente eram raras porque muitas das características do corpo eram adaptativas no ambiente para o qual evoluímos, mas tornaram-se incompatíveis com os ambientes modernos que criamos.

> **"Os médicos precisam entender por que os pacientes são o que são e as consequências dos hábitos que eles têm"**

ÉPOCA – Estamos perdendo habilidades por que deixamos de usá-las?
Lieberman – Só perdemos habilidades quando a seleção natural atua contra elas. Perdemos a habilidade de correr muito rápido quando nos tornamos bípedes. Mas vários aspectos de nosso corpo requerem uso para o desenvolvimento normal. Isso ocorre porque estamos adaptados a ajustar a capacidade à demanda. Se não usamos o corpo, nossos músculos e ossos ficam fracos. Aumenta o risco de osteoporose e muitas outras doenças. Evoluímos para ser muito ativos fisicamente. Os médicos precisam entender por que os pacientes são o que são e as consequências dos hábitos que eles têm. A medicina precisa da Teoria da Evolução. ◆



A nova terra prometida da ópera

Israel quer se tornar um polo mundial do canto lírico e passou a fazer espetáculos grandiosos no meio do deserto. O que o Brasil tem a aprender com esse projeto cultural

David Cohen, do Deserto da Judeia

Foto: divulgação



GRANDIOSIDADE
A apresentação da *Tosca*, de Giacomo Puccini, em junho, no Deserto da Judeia. Sítios históricos servem como cenário natural para a ópera

Ao meio-dia, caminhando uns minutos entre beduínos sob o sol escaldante do Deserto da Judeia, sua garganta percebe que falar é um esforço – e cantar, então, é uma temeridade. Quando o guia conta que um dos maiores perigos, ali, é ser tragado pelas águas (as chuvas, quando caem, fabricam enxurradas que podem esmagar os incautos nos labirintos do cânion), você quase deseja que isso aconteça.

Pois é justamente esse local que Israel quer transformar em uma das terras prometidas para os amantes de ópera. Nesse cenário, segundo a *Bíblia*, Moisés vagou durante 40 anos com o povo que resgatara da escravidão no Egito. Hanna Munitz, a diretora-geral da Ópera Israelense, espera que seu projeto não demore tanto. Por isso, o governo de Israel gastou, neste ano, 25 milhões de shekels (R$ 22 milhões) para apresentar, em junho, a quinta edição do programa Ópera em Massada.

A ideia é alavancar um ambicioso projeto de popularização da ópera no país, com múltiplas iniciativas, como a proliferação de festivais, a formação de autores nacionais, a educação de crianças, o estímulo a jovens artistas e a expansão da arte para cidades distantes. "Queremos abrir uma nova veia de turismo", diz Hanna. "As pessoas costumam vir a Israel para visitar os lugares santos. Queremos que uma parcela venha pela música." Também é uma questão de imagem. Quando Israel ocupa o noticiário internacional, na maioria das vezes é por causa do conflito com os palestinos. Para consumo externo e interno, é interessante fortalecer a identidade artístico-cultural. "Queremos mostrar que estamos tentando levar uma vida normal aqui", disse Hanna.

Embora ainda seja muito cedo para apresentar resultados, convém prestar atenção ao investimento de Israel na ópera. Afinal, os israelenses são calejados em lidar com restrições: montaram, na década de 1960, uma potente agricultura em clima desértico, com base em técnicas revolucionárias de irrigação; tornaram-se, na virada do milênio, a população com maior número de startups por habitante, quase uma empresa para cada 2 mil cidadãos; e têm reduzido sua dependência dos parcos reservatórios de água doce na Galileia, pelo avanço dos processos de dessalinização. O modo como estão implantando seu projeto cultural pode servir de exemplo para países como o Brasil, pobres em produção e consumo da arte clássica.

"É MUITO DIFÍCIL COOPERAR"

A Ópera de Massada é o show mais complexo já montado no país. A partir de nada mais que pedras e areia, trabalha-se durante três meses para erguer um palco de 2.200 metros quadrados e um auditório com cerca de 7 mil cadeiras, além de uma avenida com cenários para dar, desde a entrada, uma ambientação relacionada à peça (no caso, a ópera *Tosca*, de Giacomo Puccini, passada na Roma do ano 1800). É trabalho para 2.500 pessoas, fora as 800 contratadas da Ópera, para apenas seis apresentações – quatro de *Tosca* e duas da cantata *Carmina Burana*, do alemão Carl Orff.

As condições locais são tão desafiadoras que Hanna desistiu de tentar parcerias. Na segunda edição do evento, ela ensaiou uma sinergia com o festival de Orange, no sul da França. "Descobrimos que é muito difícil cooperar", disse. Os cenários não se adequavam, a estrutura tinha de ser diferente. "Nossos desafios não se comparam aos dos outros, pela areia, pela montanha…"

Por que então escolher uma sede tão inóspita? Marketing. Hanna estudou os casos de sucesso de espetáculos a céu aberto – Verona, na Itália; Bregenz, na Áustria; Santa Fé, no deserto do Novo México, nos Estados Unidos – e concluiu que aí estava uma oportunidade de atrair público: aproveitar os sítios históricos da Terra Santa. A montanha de Massada tinha a dupla vantagem de estar em uma região com boa disponibilidade de hotéis (graças à proximidade com o Mar Morto) e de ser um lugar impactante, com significado histórico. Ali, na fortaleza construída por Herodes, rebeldes extremistas hebreus montaram um bastião de resistência contra a ocupação de Roma, até que, no ano 73 d.C., uma guarnição romana cercou o local. Quando os soldados entraram ali, porém, só havia corpos, com exceção de duas mulheres e cinco crianças. Os quase 1.000 rebeldes, segundo o relato do historiador Flávio Josefo, haviam feito ▸

um pacto de suicídio, preferindo morrer a servir como escravos.

De fato, a montanha funciona como um elemento de grandiosidade. Casou perfeitamente, por exemplo, com a cena final da *Tosca*: quando a heroína se atira para a morte para não ser presa, a iluminação destacava, ao fundo, a montanha que simboliza essa mesma escolha.

"VOCÊ SEMPRE CONSEGUE FAZER MÚSICA"

Montar a estrutura no meio do nada é apenas a primeira das dificuldades. Outro obstáculo é o deserto em si, pouco convidativo para cantores de ópera acostumados a ter as melhores condições para polir a voz. "Não é todo artista que aceita vir para cá, ficar em camarins improvisados como se estivéssemos num acampamento", disse Daniel Oren, condutor da orquestra, um israelense que já regeu várias das principais orquestras de ópera do mundo, principalmente as italianas, e é hoje o diretor artístico da Casa de Ópera Verdi, em Salerno. "Mas todos os cantores e músicos estão muito felizes de estar aqui."

Oren afirmou que neste ano a amplificação do som estava funcionando melhor (num espaço tão amplo, os cantores precisam recorrer a microfones, e a produção inclui telões para a plateia ver a cara dos protagonistas). "Você sempre consegue fazer música. Não é como num teatro, com acústica, com ambiente controlado. Mas, se você perde algumas coisas, ganha outras", diz. O quê? "Esta emoção do ambiente." E como se faz para que o vento carregado de areia não estrague as apresentações? "Nós rezamos para Deus." Talvez as rezas estejam funcionando. O festival tem obtido uma média de quase

EMOÇÃO NO DESERTO
Um ensaio da *Tosca* da Ópera de Massada. Um show de enorme complexidade, que atrai 40 mil espectadores

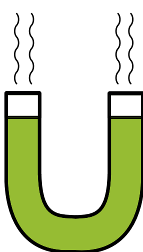
A ÓPERA EM SEIS PASSOS

O caminho israelense para construir uma cultura operística



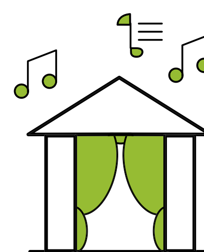
1 | Arranje uma âncora

Vincule o espetáculo a algum chamariz da cidade ou do país, para torná-lo uma experiência única. Israel usa o Deserto da Judeia e sítios arqueológicos de Jerusalém.



2 | Descubra seu magneto

Não há espetáculo sem grandes talentos. E talento atrai talento. No caso do festival de Massada, o ímã é o maestro Daniel Oren.



3 | Pense grande, pense pequeno

Além do festival de Massada, Israel mantém um calendário de atrações menores em Jerusalém, Acre e Tel Aviv – para criar massa crítica de produção e audiência.

Foto: Dan Porges/Getty Images



40 mil espectadores, sendo cerca de 10% de estrangeiros. A maioria é gente que não está acostumada a assistir a óperas.

VINDE A MIM AS CRIANCINHAS

Para tornar-se um polo operístico, Israel está seguindo algumas das práticas estabelecidas há décadas por países que conseguiram dar um salto de qualidade na arte. O primeiro ponto é criar público. Para isso, a melhor maneira é apostar nas crianças. Na Inglaterra, durante o esforço de ajuste de contas no ano passado, o governo determinou que só não sofreriam cortes os programas municipais que estivessem atingindo as metas de atrair mais crianças para a ópera. Na Austrália, a Ópera faz um programa educacional em que apresenta versões reduzidas dos espetáculos por todo o país. Em 2014, foram mais de 150 apresentações em 120 escolas primárias.

Em Israel, desde 2001 a Ópera nacional leva produções para as cidades menores, nos moldes do programa australiano. Em geral, vão os artistas principais. Os demais são substituídos por participantes do coro local, normalmente crianças. Também são feitas produções especiais para a garotada, como uma versão de *A flauta mágica*, traduzida e cantada em hebraico e apresentada de manhã, para atrair as famílias. (Cantar em hebraico, uma língua mais gutural, é uma dificuldade extra; mas Mozart, quando começou a escrever óperas para serem cantadas em alemão, teve de desafiar o dogma de que apenas o italiano se prestava ao canto.) Até a Casa da Ópera, inaugurada em 1994 em Tel Aviv, com 1.500 poltronas, foi construída levando em consideração a necessidade de cativar as crianças. No salão de entrada da Casa há uma arquibancada de formas arredondadas, onde as crianças assistem a apresentações especiais.

"OS JUDEUS NÃO TÊM TRADIÇÃO DE CANTAR"

Além das crianças, Israel aposta nas camadas sociais mais pobres. O festival de Massada foi televisionado e transmitido ao vivo para três cidades da região. Tenta-se, ao máximo, conjugar a ópera a tradições locais. Assim, o coro de crianças da *Tosca* foi interpretado por um coro de crianças beduínas.

Também há um esforço de estimular a produção local de óperas. Desde 2005, a cada cinco anos a Ópera Israelense encomenda a autores nacionais uma peça original, em hebraico. Neste mês de julho, serão encenadas duas produções de autores israelenses. As peças, depois de sua temporada normal, vão correr o país em versões reduzidas.

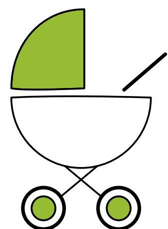
Talvez a lição mais importante do projeto israelense seja construir a partir de suas forças. "Os judeus não têm tradição de cantar", diz Hanna. "Os judeus, especialmente os de ascendência europeia, põem os filhos para tocar piano ou violino." Nessa tradição da música, ela quer ancorar o canto.

Outra força do país é sua história. Por isso a aposta tão forte em espetáculos a céu aberto, aproveitando os locais deslumbrantes, já carregados de significado.Esse esforço ainda pode levar décadas para frutificar. Mas Israel, a exemplo do Reino Unido, dos Estados Unidos, da Austrália, faz um investimento impetuoso, abrangente e consistente. Provavelmente, terá sucesso maior que países que fazem investimentos tíbios, localizados e esporádicos. ◆



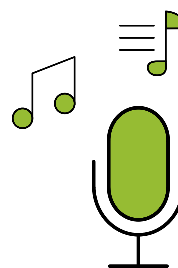
4 | Crie facilidades

Israel facilita o acesso às obras. Grupos de dança participam de versões menores das óperas, para viajar pelo país. Espetáculos são transmitidos pela TV.



5 | Aposte nas crianças

É a audiência do futuro. Em Israel, a Casa de Ópera tem um espaço dedicado a obras infantis; e alguns espetáculos têm versões em hebraico, com apresentação matutina, para atrair famílias.



6 | Invista nos artistas

Para incentivar e reter talentos, Israel mistura as óperas aos grupos de dança ou corais locais e contrata escritores e compositores para criar óperas em hebraico.

Bruno Astuto

brunoastuto@edglobo.com.br





Match point

Apaixonada por tênis, **Fiorella Mattheis** assistiu às finais feminina e masculina do torneio de Wimbledon, em Londres, que consagraram a americana Serena Williams e o sérvio Novak Djokovic campeões. "Jogo desde os 9 anos, só não me profissionalizei porque comecei a trabalhar como modelo muito cedo", diz Fiorella. "Mantive o esporte como hobby e pratico toda semana." A atriz sentou-se nas cadeiras da cervejaria Stella Artois logo atrás da família real inglesa e ao lado de celebridades como Bradley Cooper e Hugh Grant. "Wimbledon é, sem dúvida, o torneio mais elegante do mundo." Namorada de Alexandre Pato, craque do São Paulo, ela conta que está tentando trazê-lo para as quadras. "Quando temos um tempo livre, ele joga comigo, mas fica com a língua no chão." É também o caso das cenas picantes em trajes mínimos que Fiorella protagoniza no humorístico *Vai que cola?* "Ele não é um cara ciumento. Nós controlamos isso muito bem e conseguimos separar bem as coisas. Não posso ter ciúmes das fãs dele e vice-versa. Viraria loucura", afirma Fiorella, que diz estar em busca de uma personagem feia. Seria possível?

FESTA NO PALÁCIO

Uma turma de brasileiros desembarca no dia 25 em Mônaco para o casamento civil do príncipe Pierre Casiraghi, filho da princesa Caroline de Mônaco, com a italiana Beatrice Borromeo. A cerimônia acontecerá ao meio-dia e a festa será um piquenique nos jardins do palácio do tio do noivo, o príncipe Albert II. À noite, todos vão dançar no Baile da Cruz Vermelha, com show de Sting.

A LISTA

Entre os convidados estão a ex-modelo carioca Andréa Dellal e seus quatro filhos, a socialite paulistana Vera Rechulski, cuja filha, Tatiana, é casada com o irmão do jovem príncipe, Andrea, e a it-girl carioca Alix Duvernoy. No dia 1º, Pierre e Beatrice receberão a bênção religiosa na ilha da família dela, no Lago Maggiore, na Itália.

BAS-FOND

Haverá um almoço "carioca" na praia de Mônaco para 600 convidados. A noiva deve usar Valentino no civil e Armani no religioso. O tio da noiva, Matteo Marzotto, foi desconvidado porque responde a inquérito criminal na Itália por sonegação fiscal.

Fotos: Felipe Panfili (2), Vera Donato/ÉPOCA, Arquivo pessoal



A pioneira

Aos 27 anos, **Camila Coutinho** pode ser considerada a "mãe" das blogueiras. Há mais de uma década, criou o Garotas Estúpidas, blog de moda que conquistou a web e é referência no mundo fashion. "O termo blogueira ficou defasado nesses dez anos por causa das novas plataformas sociais. Digo que sou 'influenciadora digital'", afirma Camila, durante um ensaio no Hotel Rosewood em Londres. À frente do programa De Carona, no YouTube, com mais de 150 mil assinantes, Camila acaba de estrear o Me Ensina, com tutoriais de celebridades. "O YouTube será o futuro da TV." Ela também aposta no Snapchat, aplicativo de troca de vídeos. Por lá, cada post seu tem 70 mil visualizações. Apesar do apreço pelas novas tecnologias, Camila não descarta a boa e velha telinha. "As pessoas falam que levo jeito para a televisão", diz. "Se alguém me chamar, eu vou."



De batom

Jane Di Castro e Ney Latorraca vão retomar uma parceria de 30 anos atrás com a peça *Passando batom*, que entra em cartaz no Rio de Janeiro. Latorraca escreveu o texto e roteirizou o musical estrelado por ela em 1984. "Essa peça marcou minha carreira. Viajei com ela por três anos pelo Brasil e até para fora", diz a atriz. "É um stand-up comedy com música. Vou falar da Operação Lava Jato, dos políticos pastores transfóbicos e homofóbicos." Oito vezes síndica do prédio onde mora, em Copacabana, Jane nunca pensou em se candidatar a um cargo político. "Não sei roubar."

Na TV com Samantha

Com a volta às novelas marcada para o 25º capítulo da nova trama das 6, *Além do tempo,* **Felipe Camargo** teve tempo para dar um pulo no Canadá e gravar uma participação no seriado *Sensitive skin*, estrelado e produzido por **Kim Cattrall**, a eterna Samantha de *Sex and the city.* "A personagem dela tenta reconstruir a vida, e eu apareço como um suposto affaire", diz o ator. "Não teve cena de beijo, mas tudo leva a crer que eles se relacionarão numa continuação que, quem sabe, pode ser filmada no Brasil." A série é produzida pela Rhombus Media, parceira da O2 Filmes, do cineasta brasileiro Fernando Meirelles. "Kim é linda e até me surpreendi quando soube que tinha 58 anos. Ela parece bem mais nova", diz Camargo. "Kim ama o Brasil, achou o Rio muito exótico e fez elogios a São Paulo." No Twitter, Kim retribuiu os elogios: "Amei contracenar com Felipe. Um dos meus sonhos é trabalhar no Brasil".





ENTREVISTA

Ivete Sangalo
cantora

"Às vezes, essa mulher poderosa não vem"

Ivete Sangalo estreia no dia 17 de agosto a nova temporada do *Superbonita*, programa do GNT apresentado por ela. "É clichê, mas beleza vem mesmo de dentro. Não adianta ter acesso aos melhores produtos e tratamentos, se não se está bem internamente. Tem mulheres lindas que são insuportáveis, pessoas sem educação que botam fé somente na estampa", afirma. A cantora tem uma equipe que cuida de seu visual, incluindo stylist, cabeleireiro e maquiador à disposição. Nem sempre foi assim. "Quando comecei, fazia cerca de 20 shows por mês. Não tinha tempo nem para me alimentar direito, que dirá para pegar sol. Eu mesma me maquiava, mas sempre errava. Mandava ver no pancake, achava que estava abafando, mas ficava com cara de palhaça."



ESPELHO
Ivete, apresentadora do *Superbonita*. "Sei que não sou uma mulher comum"

ÉPOCA – **Já fez loucuras pela beleza?**
Ivete Sangalo – Eu não bebo, mas certa vez me disseram que passar cerveja no cabelo clareava e hidratava os fios. Passei tanto que tenho certeza de que, se for parada na blitz da Lei Seca, meu cabelo será reprovado no teste do bafômetro pelo resto da vida.

ÉPOCA – **Sente-se sempre bonita?**
Ivete – É importante não ter neura, não perseguir a beleza a todo custo, aceitar-se. Cuido bastante de mim, mas sempre buscando a saúde em primeiro lugar. Tenho autoestima elevada. Em geral, acho-me bonita, exuberante. Sei que não sou uma mulher comum e gosto muito dos meus olhos. Mas tem dias que não estou bem. Às vezes, essa mulher poderosa não vem, não baixa mesmo. Mando mensagem, WhatsApp, ela não responde, simplesmente não aparece. E tudo bem, isso nunca foi problema para mim.

ÉPOCA – **O que a tira do sério?**
Ivete – Besteiras. Exemplo? Programo acordar às 9 horas, tomar café, malhar e começar meu dia às 11 horas. Aí, alguém lá em casa decide que estou cansada e não me acorda quando o personal chega. Fico chateada com essa ingerência na minha vida. Mas logo penso: besteira, malho à noite e pronto.

ÉPOCA – **Tem tempo para o trivial?**
Ivete – Esses dias mesmo entrei em um site, fiz um pacote e comprei, por um ano, três livros infantis por mês para meu filho. Não sou consumista, mas recentemente comprei pela internet um babyliss incrível. Não entregaram, mas recebi o estorno. Se não tivessem devolvido, com certeza ligaria para reclamar. Sou eu mesma que dirijo meu carro, abasteço, pego meu filho na escola. Tenho uma vida normal.

Carrapeta de ouro

Considerado pela revista *House Mag*, publicação especializada na cena eletrônica, como o DJ número 1 do Brasil, **Alok Petrillo** começa a colher os louros da fama. Aos 23 anos, já se apresentou ao lado de nomes como David Guetta e Armin Van Buuren e faz cerca de 20 apresentações por mês, dentro e fora do Brasil. "Fico honrado com esse título, mas para mim o número 1 é o Gui Boratto. Ele é o melhor DJ do país tanto em termos técnicos, quanto de emoção", afirma. Alok será um dos grandes astros do festival baiano Universo Paralello, fundado por seus pais, os DJs Ekanta e Swarup, e diz que as relações familiares não facilitaram sua carreira. "O começo foi difícil. Morava na Holanda com minha mãe, vivíamos em um prédio abandonado que foi invadido por algumas famílias", conta. "Ela era faxineira de uma boate, não tinha com quem me deixar e me levava muitas vezes. Foi assim que a música entrou na minha vida, aos 6 anos de idade."



Fotos: Rafa Mattei e divulgação



WALCYR CARRASCO

Um mundo descartável

Eu tenho um amigo, Remo, há 30 anos. Não nos vemos o tempo todo, mas sempre sabemos um do outro. Como ele, tenho outros amigos duradouros: Ricardo, há mais de 20, Raul, Eduardo, Pérsio, desde os 15. Luiz e Antônio Carlos, de infância. Dia destes, Remo comentou:

– Já notou como hoje tudo é rápido, descartável? Mesmo amigos surgem em nossas vidas, a gente vê todos os dias durante um certo tempo. E, de repente, desaparecem, tomam outros rumos. Quando a gente se encontra, é aquela alegria. Prometemos nos ver de novo, mas fica por isso mesmo. Ambos sabemos que não vai acontecer.

Concordei. Amigos novos são pessoas que entram e saem de minha vida, rapidamente. Eu culpava minha profissão. Durante uma peça de teatro ou novela, há um contato forte entre autor, atores, diretor e produção. Quando acaba, cada um vai para seu lado. Descobri que o mesmo acontece com muita gente. Amizades duradouras são raras. As pessoas simplesmente passam pelas vidas das outras.

Eu não acho certo ou errado. Mas antes não era assim.

Quando eu era jovem, as novelas tinham pares românticos, estrelas inquestionáveis: Regina Duarte e Francisco Cuoco, Glória Menezes e Tarcísio Meira. Da mesma forma, os astros e estrelas de Hollywood estavam firmemente assentados sobre seus pedestais. Hoje, não. Alguém explode e, depois de um tempo, nem lembramos mais. Qual a última estrela de Hollywood que realmente ficou na minha vida? Vale para tudo. Lembro de Marion Zimmer Bradley com os livros da série *As brumas de Avalon.* Foi uma comoção mundial. Hoje, poucos lembram. Daqui a pouco vão esquecer Harry Potter. Estou lendo *O homem que amava os cachorros*, de Leonardo Padura. Fala de Ramon Mercader, assassino de Trótski. Ixi, seria longo explicar agora quem foi Trótski e como ele se opôs a Stálin, na aurora do comunismo russo. Indico o Google. Mas o que me surpreende no livro, excelente por sinal, é que fala de pessoas que acreditavam em ideias. Havia os marxistas, entre eles divisões. Os monarquistas. Enfim, uma pluralidade de pensamentos. Mas mesmo aqui no Brasil, onde as ideias frequentemente andaram em areias movediças, a gente sabia quem era quem. Hoje em dia, nem mesmo as ideias duram. Ideologias passam tão rápido como as tendências de roupa. Diante do panorama político brasileiro, me pergunto:

– Quem seria capaz de morrer por uma ideia?

Posso estar errado, mas não vejo ninguém.

Amanhã vem uma nova tendência em regime para emagrecer. Depois um novo autor, que todo mundo lê e depois esquece. Um político assume uma postura que aplaudimos. Dali a pouco, esquecemos, ou ele se faz esquecer, mudando rapidamente de partido ou se envolvendo em escândalos. Casamentos são rápidos, graças às leis do divórcio. Alguns amigos continuam de esquerda radical. Outro dia comentei:
– Você está fora de moda.

E, de repente, me critiquei. Forma de pensar agora é moda? Também deixei esse tempo de coisas efêmeras me envolver. Corto o cabelo na moda, compro roupas da estação, quero estar por dentro de cada tendência. Mas não sou completamente viciado em modismos, ainda bem. Prova disso é o susto que levo cada vez que alguém some, tragado por outros rumos de vida. Telefono, convido, quero ver. O ex-novo amigo marca. No dia, avisa:

– Surgiu um compromisso de última hora, desculpe.

> HOJE EM DIA, NEM MESMO AS IDEIAS DURAM. IDEOLOGIAS PASSAM TÃO RÁPIDO COMO TENDÊNCIAS DE ROUPA

Mas não remarca. Deixa para depois. Agora, já entendo o recado. Simplesmente, não há mais lugar para mim na vida que ele está tendo, repleta de novos compromissos e pessoas. Muitos amigos somem, não adianta insistir. Não são pessoas melhores ou piores, simplesmente o mundo tem muitas possibilidades, a vida deles é diferente, ou mais fácil, eu gosto das madrugadas e eles trabalham de dia. Não sobra tempo para mim.

Ficam os que sempre ficaram.

É um mundo onde, eu sinto, tornou-se difícil estabelecer novas relações com continuidade. Em que as coisas não duram. O destino turístico que é moda hoje será o mico de amanhã. Ninguém parece acreditar em nada, a não ser em si mesmo, seus próprios gostos, desejos pessoais.

Como autor, até consigo encarar a vida nessa velocidade. Como pessoa, sinto necessidade de raízes. Ainda bem que tenho esses amigos de tantos anos, mas relações tão longas não serão fora de moda, tão antigas quanto a máquina de escrever?

Às vezes eu me sinto um dinossauro. Fico curioso, como será o mundo que vai acontecer? Tão volátil? Sem dúvida, também será incrivelmente solitário. ◆

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão

WMcCANN | ESTADÃO

De 1875 para cá, o Brasil viu nascerem o choro, o samba, a bossa nova e o funk.

Mas, afinal de contas, que música que a banda toca?

---

140 ANOS



De 1875 para cá, o Estadão esteve presente em todas as grandes mudanças do País. E vai continuar ao seu lado. Sempre. Porque, neste tempo todo, só uma coisa não mudou: o seu direito de querer saber.

O BRASIL PRECISA SABER. LEIA O ESTADÃO.

QUER SABER? ESTADÃO



Quando o cão é o melhor ator

Em seu novo filme, Jean-Luc Godard dá emprego ao cachorro e investe na nudez em 3D

ESTRANHEZA
A protagonista Josette (Héloise Godet) e seu amante, Marcus. À direita, o cão Roxy. Ele rouba a cena no filme em que Godard se esmera nos enquadramentos, digamos, ousados

João Luiz Vieira

Roxy Miéville é o ator mais expressivo de *Adeus à linguagem,* o recente longa-metragem do mítico cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard, 103 produções em 84 anos de vida. O filme chega aos cinemas brasileiros em 30 de julho. Não se sinta desatualizado se nunca ouviu falar do ator: trata-se de um cachorro, o bicho de estimação do próprio Godard. Seria um caso de nepotismo? A julgar pelo desempenho do vira-lata, não. Sabe olhos que parecem falar? Esse é o nível de expressividade da estrela canina, que já tem até página no Facebook.

Cabe a Roxy a difícil tarefa de amarrar uma sinopse típica de filme cabeça: "Uma mulher casada conhece um homem solteiro. Eles se amam. Eles discutem. Surgem punhos ao vento. Roxy vaga entre a cidade e o campo. As estações passam". Previsível, claro. Mas não se deixe intimidar. O filme tem pedigree – e não se resume à atuação de Roxy. A obra arrematou o Prêmio do Júri no Festival Internacional de Cannes, no ano passado. Confiar na opinião dos jurados nem sempre rende uma boa experiência. Alguns dos filmes mais chatos da história foram premiados em Cannes. Em *Sob o sol de satã* (1987), o ator Gérard Depardieu pagou um dos micos mais memoráveis da história do cinema. No caso do último filme de Godard, porém, vale a pena dar um voto de confiança aos jurados de Cannes e encarar como diversão as peculiaridades do estilo do diretor. Com uma inovação especialmente engraçada: ele aderiu à tecnologia do 3D.

Godard ficou famoso na década de 1960 ao reinventar as regras de direção, questionadas pelo movimento artístico da Nouvelle Vague. São suas marcas os cortes abruptos entre as cenas, as falas em que o ator se dirige diretamente ao espectador e a ousadia suprema de filmar com a câmera em mãos, sem o apoio de equipamentos. Godard renovou o cinema francês e continua a influenciar cineastas do mundo inteiro até hoje. Nos melhores momentos – como em *A chinesa* –, sua criatividade arrebata plateias. Nos piores – como neste *Adeus à linguagem* –, apenas mostram um diretor que se tornou maneirista do próprio estilo. As primeiras cenas já revelam o DNA do cineasta, que costuma desconectar imagem do texto. Se o espectador não falar francês, deve escolher entre apreciar as imagens ou ler as legendas. Fazer os dois simultaneamente fica difícil. Se valer como dica, leve um analgésico de sua preferência à sessão. Precisei tomar dois pelo esforço ocular.

Com esforço ocular e muita paciência, acompanhei a velha história da

Fotos: Kino Lorber/Everett Collection/Fotoarena



mulher em crise no casamento. Ela encontra um homem num píer frio, onde barcos vêm e vão para não se sabe onde. A mulher se separa do marido e vai para a cama com o moço misterioso. Transam por dias, e Godard se esmera nos closes. Como o filme é em 3D, o espectador quase pode tocar a mão na coisa. Ah, sim, como todo filme cabeça, *Adeus à linguagem* tem um tema central. Aparentemente, a interferência da tecnologia nas relações humanas. Ao mesmo tempo que critica o mundo moderno, Godard se mostra fascinado por ele. Há uma profusão de closes de smartphones, lembrando às vezes uma propaganda da Apple (será merchandising?). Só a carinha adorável de Roxy – que não usa smartphones e, ainda bem, é um mero espectador das cenas de sexo – salva o espectador do tédio em três dimensões. ◆



GUSTAVO CERBASI

Férias sem estresse financeiro

Férias escolares. Para as crianças, tempo de descansar. Para os adultos, qualquer coisa menos descanso. Quem não tem filhos foge dos passeios e viagens da alta temporada – prefere pagar menos e, obviamente, evitar as filas e o caos do período. Já quem tem filhos vê essa fase como um verdadeiro teste de estresse, tanto psicológico quanto financeiro. Tenho três filhos e conheço essa tensão. Crianças precisam descarregar a energia normalmente consumida pela escola. E entretê-las não é fácil. Mas, pais, acreditem: é possível diverti-las sem onerar o orçamento. Basta se planejar.

Férias não são necessariamente caras. Dinheiro é aquilo que usamos, por conveniência, quando falta criatividade. Uma sessão de cinema pode custar cerca de R$ 30 ou mais por pessoa, quando incluídas a bebida e a pipoca. Em casa, uma sessão divertida sai menos do que R$ 20 para um grande grupo de crianças, desde que se escolham um bom filme, pipoca, bolo caseiro e mais duas ou três atividades pensadas para esse grupo. O mesmo raciocínio vale para trocar o parque de diversões pago por uma tarde de diversões em um parque público ou a atração paga do shopping por ações gratuitas organizadas pela prefeitura.

Como criar atividades consumidoras de energia infantil para um mês inteiro de férias? A solução é a mesma adotada para lidar com os recentes aumentos de preços: compre em atacado. Ou melhor, atue em atacado. Se é preocupação de todos os pais buscar atividades para seus filhos ou perder dias de trabalho para visitar determinadas atrações, por que não compartilhar e revezar essa preocupação com outros pais que acompanhem e criem atividades para grupos de oito a dez crianças?

O estresse continua sendo grande, mas, convenhamos, o rodízio traz também grandes vantagens para o bolso. Pais que trabalham fora de casa não precisam consumir 100% de sua cota de férias no mesmo período dos filhos, a desarrumação da casa acontece apenas uma vez por semana, o cardápio dos lanches varia e o custo de cada reunião de crianças é dividido entre as famílias.

As atividades pagas, sempre interessantes, podem ser deixadas como opção para os dias em que a chuva ou outros imprevistos inviabilizem as gratuitas. Nesse caso, é interessante manter uma reserva preventiva para imprevistos na agenda original.

Do ponto de vista educacional, férias criativas são mais envolventes e ajudam a mostrar aos filhos os resultados de um bom planejamento. Para as finanças da família, trazem um novo fôlego, não sem gerar um certo trabalho. Descanso durante as férias deles? Esqueça! ◆

Gustavo Cerbasi é consultor financeiro e escritor. Escreva para ele em **www.maisdinheiro.com.br**
Twitter: **@gcerbasi**

Os selfies do passado

Imagens cotidianas de grandes artistas mostram como registros banais se transformam em história

André Sarmento

Faça um esforço e tente se lembrar de alguma imagem do pintor Jackson Pollock em ação ao criar seus quadros. Não será surpresa se o primeiro registro que vier à mente for Pollock arremessando tinta sobre a tela. Essa imagem, quase um arquétipo do artista moderno, diz algo sobre seu trabalho e sua personalidade. Energia, talento, criatividade e ousadia estão implicitamente associadas a Pollock graças a esta série de retratos.

Agora tente se lembrar do mesmo Pollock entretido enquanto corta o cabelo do próprio pai. Difícil, já que essa e outras imagens de artistas em momentos cotidianos de suas vidas ou nunca foram divulgadas ou até recentemente despertavam pouco interesse do público. Isso está mudando, como sugere o livro *Artists unframed*, da curadora americana Merry A. Foresta. Merry dirigiu por dez anos um projeto do famoso complexo educacional ▶



FRUGALIDADE
O artista americano Andy Warhol e a amiga Corinne Kessler em Fire Island Beach, nos Estados Unidos, em 1949. Flagras do cotidiano



1

2





Fotos: divulgação/Princeton Architectural Press



4



3

INSTANTÂNEOS
1. O pintor Jackson Pollock corta o cabelo de seu pai, LeRoy, em 1927
2. Yoko Ono, John Lennon e Andy Warhol, em 1971
3. O muralista mexicano Diego Rivera com a mulher, a pintora Frida Kahlo, em Coyoacán, 1945
4. O artista Pablo Picasso posa ao lado da filha Maya, em 1944

americano Smithsonian para valorizar os registros fotográficos do acervo.

Ao selecionar os flagrantes em diversos arquivos e publicá-los em conjunto, Merry mostra a importância desses registros para conhecer e reconstituir fatos do passado. Ela também traça um rápido paralelo com a cultura dos selfies que predomina hoje na sociedade. Segundo Merry, os snapshots são os selfies do passado. Ambos são registros instantâneos de cenas cotidianas. A diferença é que antes o destino das imagens impressas em papel fotográfico quase sempre era uma caixa velha de sapatos no fundo do armário. Agora, elas são compartilhadas frenética e instantaneamente por smartphones e redes sociais.

O papel que teve a máquina Kodak no início do século passado, com seu slogan "Você aperta o botão e nós fazemos o resto", agora é ocupado pelas máquinas fotográficas digitais e celulares com câmeras. A essência do registro continua a mesma: cenas e fatos cotidianos, que parecem registros banais e sem valor, adquirem com o tempo a aura de documento histórico. Retratam uma versão não oficial da história e possibilitam a reinterpretação da biografia dos personagens. Inclusive da nossa. ◆

DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA

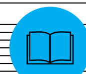




Cinema
2 horas

E se der game over?

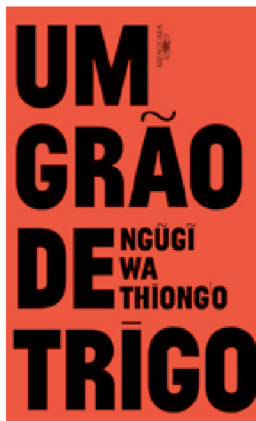
Viver dentro de um game pode não ser divertido como alguns imaginam. No novo filme da Sony, ***Pixels,*** alienígenas atacam a Terra depois de receber uma cápsula do tempo com jogos como *Pac-Man*, clássico dos anos 1980, e *Donkey Kong*, famoso jogo da Nintendo. Os extraterrestres confundem a mensagem com uma declaração de guerra. Cabe ao presidente dos Estados Unidos convocar amigos de infância, com quem passava horas no fliperama, para combater ETs que usam os personagens dos games para atacar o planeta. **Estreia no dia 23/7.**



Livro
2 horas

Velho Quênia

Em ***Um grão de trigo***, o escritor queniano Ngũgĩ wa Thiong'o usa a independência do Quênia, na década de 1960, como pano de fundo para a história do fictício Mugo. Ele é um homem misterioso que, na ficção, luta ao lado do mártir da vida real Kihika, executado em praça pública por se opor à dominação inglesa. Mugo é um herói para sua tribo e se recusa a delatar seus companheiros, mesmo sob tortura. É a primeira edição no Brasil da obra, um clássico da literatura africana, publicado em 1967. **Alfaguara, 304 páginas, R$ 49,90.**







Exposição
2 horas

Por trás da fotografia

A exposição ***50 grandes fotografias da National Geographic*** apresenta algumas das imagens mais famosas publicadas durante os 125 anos da revista americana. O público conhecerá a história de cliques memoráveis do século XX, como a foto do Titanic submerso, registrada em 1991 pelo fotógrafo americano Emory Kristof. A atração já passou por várias cidades, como Berlim, Praga e Las Vegas. **Shopping Morumbi, São Paulo, até 9/8.**





Teatro
2 horas

Seria absurdo se não fosse russo

O escritor Fiódor Dostoiévski (1821-1881) ousou afirmar que toda a literatura russa era herdeira de Nikolai Gógol (1809-1852) e seu ***O capote.*** Assinada por Drauzio Varella, uma adaptação do mais famoso conto de Gógol chega aos palcos paulistanos. Akaki Akakievitch (**Rodolfo Vaz**) é um burocrata que só queria economizar dinheiro para comprar um capote, um casaco resistente para enfrentar o inverno russo. Mas uma roupa nova não é suficiente para enfrentar os acontecimentos absurdos de São Petersburgo. **Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, estreia no dia 25/7.**

Fotos: divulgação





DVD
1 hora

Nem parece ficção

Neste mês, chega às lojas a caixa com os 12 DVDs das três temporadas de ***House of cards***, a série de sucesso do serviço de streaming Netflix. É uma oportunidade para rever em detalhes todas as artimanhas que tornaram Frank Underwood um dos políticos mais famosos da ficção. O personagem, interpretado pelo ator **Kevin Spacey,** é mestre em usar estratégias para alçá-lo a cargos mais altos do que o seu já cobiçado posto de congressista – tudo sem passar pelas urnas. Não faltam intrigas, destruição de oponentes e disputas políticas. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência? **Sony, R$ 119,90.**



Exposição
2 horas

A mulher original

A exposição inédita ***Eva***, da grafiteira carioca Panmela Castro, retrata o mito do pecado original como caminho para a libertação das mulheres. Além de telas, a exposição conta com fotos, vídeos e uma instalação com foco no gênero e no corpo feminino. **Galeria Scenarium, Rio de Janeiro, até 19/8.**





CD
1 hora

Maria intimista

Quatro anos após o lançamento de seu último CD, **Maria Gadú** volta com um novo trabalho. ***Guelã*** é um álbum mais intimista e pessoal. Há uma continuidade entre as músicas, como se elas formassem uma só. Maria Gadú também assume a guitarra e o violão. **Som Livre, R$ 24,90.**

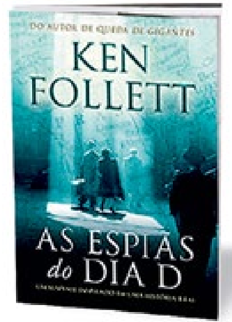
Por **Guilherme Evelin,** gevelin@edglobo.com.br,
com **Ariane Freitas,** atfreitas@edglobo.com.br

LIVROS

MAIS VENDIDOS

Linhas cortadas

As espiãs do dia D, de Ken Follett, retrata o drama de um grupo de mulheres que precisam acabar com a comunicação da Alemanha nazista em plena Segunda Guerra Mundial.



FICÇÃO

1	**Cidades de papel** I John Green I Intrínseca	87/1
2	**Toda luz que não podemos ver** I Anthony Doerr I Intrínseca	12/3
3	**Se eu ficar** I Gayle Forman I Novo Conceito	47/4
4	**Número zero** I Umberto Eco I Record	3/2
5	**As espiãs do dia D** I Ken Follett I Arqueiro	8/5
6	**A Guerra dos Tronos – Vol. 1** I George R.R. Martin I Leya Brasil	103/6
7	**Simplesmente acontece** I Cecelia Ahern I Novo Conceito	23/7
8	**Para onde ela foi** I Gayle Forman I Novo Conceito	36/*
9	**Como eu era antes de você** I Jojo Moyes I Intrínseca	18/8
10	**Eu estive aqui** I Gayle Forman I Arqueiro	1/*

NÃO FICÇÃO

1	**Correr** I Drauzio Varella I Companhia das Letras	7/1
2	**Só por hoje e para sempre** I Renato Russo I Companhia das Letras	1/*
3	**Brasil** I Lilia Moritz Schwarcz; Heloisa Starling I Companhia das Letras	9/2
4	**Destrua este diário** I Keri Smith I Intrínseca	81/6
5	**A teoria de tudo** I Jane Hawking I Única	21/9
6	**1808** I Laurentino Gomes I Globo Livros	240/3
7	**O capital do século XXI** I Thomas Piketty I Intrínseca	32/4
8	**O diário de Anne Frank** I Anne Frank I Record	52/5
9	**Sniper americano** I Chris Kyle I Intrínseca	21/8
10	**Sonho grande** I Cristiane Correa I Sextante/GMT	110/10

AUTOAJUDA

1	**Philia** I Marcelo Rossi I Principium	19/1
2	**A mágica da arrumação** I Marie Kondo I Sextante	6/2
3	**Ansiedade** I Augusto Cury I Editora Saraiva	79/3
4	**Não se apega, não** I Isabela Freitas I Intrínseca	55/8
5	**A hora é agora** I Zibia Gasparetto I Vida e Consciência	9/7
6	**Geração de valor** I Flavio Augusto da Silva I Sextante	32/6
7	**Bela cozinha – As receitas** I Bela Gil I Globo Estilo	31/5
8	**Como chegar ao sim com você mesmo** I William Ury I Sextante	1/*
9	**O poder da ação** I Paulo Vieira I Gente	5/4
10	**Negocie qualquer coisa com qualquer pessoa** I Eduardo Ferraz I Gente	7/9

E-BOOKS

1	**Grey** I E.L. James I Intrínseca	5/1
2	**A mágica da arrumação** I Marie Kondo I Sextante	9/2
3	**Pulsação** I Gail Mchugh I Arqueiro, RJ	2/3
4	**Cidades de papel** I John Green I Intrínseca	1/*
5	**Dieta do metabolismo rápido** I Haylie Pomroy I Agir	5/4

O número à esquerda indica há quantas semanas o livro figura na lista; à direita, sua posição na semana anterior. Consulte listas completas e fontes de pesquisa em epoca.com.br



RUTH DE AQUINO

Um dia da caça, outro do caçador

A cena dos três carros de luxo, uma Ferrari, um Lamborghini e um Porsche, apreendidos da casa do ex-caçador de marajás e ex-presidente impedido Fernando Collor, é um bálsamo para todos que sempre se sentiram meio quixotes neste país, em luta contra moinhos de vento.

É compreensível que empresários bilionários ostentem brinquedos assim e se sintam mais machos enfileirando na garagem suas máquinas potentes e incompatíveis com o trânsito brasileiro. Mas, e quando se trata de políticos? Só muita cara de pau, complexo de inferioridade e problemas de caráter explicam essa obsessão em um congressista ou homem público, num país com tantos desafios básicos e graves.

O valor total dos três carros, estimado em cerca de R$ 5 milhões, é detalhe. Milhões e bilhões são jogados pelo ralo da corrupção todo dia. Ninguém consegue acompanhar o montante das propinas na Operação Lava Jato. Mais reveladora é a dívida de Collor com o IPVA das três máquinas, R$ 343.480,48. Quem caiu por um Fiat Elba sujismundo deveria ter virado colecionador de tudo, menos de carros. Sempre faltou visão a esse político afeito a surtos arrogantes e a golpes baixos.

Collor reagiu como... Collor. Com bravatas e chiliques. O senador se disse "ultrajado" com a apreensão em sua propriedade, a Casa da Dinda. "Estamos no terreno do vale-tudo!" Chamou os investigadores de "facínoras que se dizem democratas".

Policiais federais, com mandados de busca e apreensão assinados por ministros do Supremo Tribunal Federal, levaram também material da emissora de TV do senador, em Maceió, repetidora da Globo. Era madrugada de terça-feira. A ação, acatada pelo STF a pedido do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, foi batizada de Politeia, que seria uma república grega, caracterizada pelos direitos civis, pela ética e pela virtude.

Com uma biografia pontuada de episódios ainda obscuros, Collor foi redimido por seus pares e é senador pelo Partido Trabalhista Brasileiro – o PTB fundado por Getúlio Vargas em 1945. E pensar que Collor quase foi presidente da CPI da Petrobras, indicado pelos governistas.

Lula elogiou Collor como um dos mais leais de sua base, em 2009. Abraçaram-se num palanque de Alagoas, em Palmeira dos Índios. Lula disse que tanto Collor quando Juscelino Kubitschek tinham sido presidentes que viajavam para "sentir o drama do povo". O que Lula dirá agora? Nada. Até porque muito ainda deve surgir sobre a relação íntima de Lula com a Odebrecht.

Os que mais se comoveram com o sentimento de ultraje de Collor foram o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, e o presidente do Senado, Renan Calheiros. Ambos são alvos da Lava Jato, acusados de receber propinas robustas de fornecedores da Petrobras.

O show de Collor foi roubado por seus irmãos camaradas do PMDB, Cunha e Renan. Se pensássemos num filme que resumisse os protagonistas da semana, poderia ser *Os três patetas*, na versão mais carinhosa, ou *Os irmãos metralha*, na versão mais dura. Dos três, Collor é o mais inofensivo, o menos perigoso, por não passar de figurante canastrão no grande palco político.

"É tudo vingança do governo. Parece que o Executivo quer jogar sua crise no Congresso", disse o presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Cunha foi acusado pelo lobista de empreiteiras e delator da Lava Jato Júlio Camargo de receber R$ 5 milhões diretamente dele, em 2011. O Brasil assistiu ao depoimento, gravado em vídeo pela Justiça Federal. Cunha afirmou que o procurador-geral Janot "obrigou Camargo a mentir".

A DEMOCRACIA BRASILEIRA VIVE UM MOMENTO DE OURO, PORQUE NÃO POUPA NINGUÉM

Os delatores acusam Cunha de intimidação. Dizem ter medo dele. Não são os únicos. A figura messiânica, as manobras polêmicas e as posições extremamente conservadoras de Cunha mostram a face pior do PMDB. Até recentemente, Cunha era fã da delação premiada e da Lava Jato. Agora, diz que o Executivo usa a operação "para constranger o Legislativo".

A tropa de choque do PMDB em torno de Cunha formou-se rapidamente. "Essas coisas" atrapalham o país, "abalando a natural tranquilidade que sempre permeou" o Brasil, disse o vice-presidente Michel Temer. Renan Calheiros afirmou que o país passa por "uma crise institucional". "Vivemos um momento grave, preocupante", porque o Brasil pode estar "ferindo de morte a própria democracia", disse o presidente do Senado.

É curioso. O Brasil, com certeza, tem outra opinião. A democracia vive um momento de ouro porque não poupa ninguém. Não há lugar na Politeia para Collor e uma cambada de homens públicos brasileiros. Nossa República dos rabos presos precisa ser refundada e começo a crer nessa possibilidade. Você compraria um Lamborghini usado de Collor, Cunha ou Renan? ◆

Ruth de Aquino *é colunista de ÉPOCA* **raquino@edglobo.com.br**